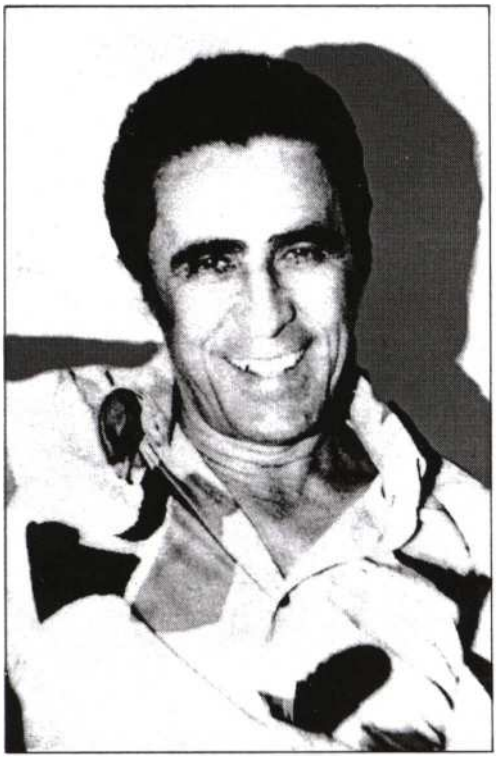
Waldy Sombra

A GUERRA DOS PANFLETOS

Maloqueiros *versus* Cafinfins

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL



WALDY SOMBRA
AUTOR

Rua Mons. Bruno, 581/304
60115-191 - Aldeota - Fortaleza-CE

FONES:
224.8853 - Fortaleza
318.1874 - Icaraí
321.1168 - Guaramiranga

A GUERRA DOS PANFLETOS



COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR
Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL
Francisco Carvalho
José Murilo Martins
Geraldo Jesuino da Costa

CAPA
Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Carlos Alberto Dantas

REVISÃO GRÁFICA
Madalena Maria Monteiro Figueiredo

APOIO EDITORIAL
Fundação Cultural de Fortaleza

Waldy Sombra

A GUERRA DOS PANFLETOS

Maloqueiros *versus* Cafinfins

(Fortaleza: dezembro de 1911
e janeiro de 1912)

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
1998

BIBLIOTECA JUSTINIANO DE SERPA
Nº Chamada: 981.31 S693g

T. Patrimonial:
T. Serial: 7164
Data: 25/07/2018

Copyright © 1998 by Waldy Sombra

Academia Cearense de Letras
BIBLIOTECA JUSTINIANO DE SERPA
REG. Nº 4069 DATA 09.08.99
CLASS 981.31 S693g

FICHA CATALOGRÁFICA

S693g Sombra, Waldy
A Guerra dos panfletos: maloqueiros versus cafinfins/Waldy Sombra. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998.
235p. (Coleção Alagadiço Novo, 163)

1. Ceará - Política e Governo, 1911-1912. 2. Accioly, Antonio Pinto Nogueira. 3. Ceará - História.

CDD: 981.31
923.8131
320.98131

IMPRESSO NO BRASIL **PRINTED IN BRAZIL**

Estou com os originais do livro *A Guerra dos Panfletos – Maloqueiros versus Cafinfins* –, cuidadosa pesquisa histórica sobre os boletins e volantes publicados aos últimos suspiros da oligarquia de Nogueira Accioly, de Waldy Sombra.

O levantamento da documentação é sério e, em nenhum momento, chato. Ao contrário, lê-se com prazer como um bom romance, uma reportagem bem escrita.

Lustosa da Costa

(Diário do Nordeste, Fort., 17.6.1998)

T. Patrimonial:
T. Serial: 7164
Data: 25/07/2018

Copyright © 1998 by Waldy Sombra

Fundação Cearense de Cultura
BIBLIOTECA JUSTINIANO DE SERPA
TOMBO Nº 4069 DATA 09.03.99
CLASSE 981.31 S698o

Sombra, Waldy, 1918-
Maloqueiros versus Caçadores de volantes / Waldy Sombra. - Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998.
235p. (Coleção Alagadiço Novo, 163)
1. Ceará - História - 1911-1912. 2. Accioly, Benjamin, 1874-1912. 3. Ceará - História.
CDD: 981.31
923.8131
320.98131

IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 AS OLIGARQUIAS E O ACIOLISMO 27

2 REAÇÕES AO SISTEMA VIGENTE 35
2.1 Tentativas Inglórias da Oposição 35
2.2 Contestação dos Intelectuais 41
2.2.1 O Infrene Jornalismo de Tibúrcio Rodrigues .. 42
2.2.2 João Brígido e Denúncia em Nível Nacional .. 50
2.2.3 A Demolidora Ação de Frota Pessoa 56
2.2.4 A Improbidade Governamental na Acusação do Padre José Barbosa 61
2.2.5 Antônio Salles e *O Babaquara* 63
2.2.6 A Voz Liberal do Poeta Quintino Cunha 66
2.2.7 Rodolpho Theophilo – o *Outdoor* Ambulante da Oposição 69
2.3 Resistência dos Setores Intermediários 73
2.3.1 A Associação Comercial e Geminiano Maia .. 73
2.3.2 Os Moços da Fênix Caixeiral 78
2.3.3 O Centro Artístico Cearense 79
2.3.4 A Altivez dos Tipógrafos 80
2.3.5 A Valorosa Classe Estudantil 82
2.3.6 As Ligas Populares 84

3 ANTECEDENTES DA REVOLTA 87
3.1 Candidatura Domingues Carneiro, Planfletos e Cordel 87
3.2 O Histórico *Meeting* do Passeio Público 96
3.3 Cascos, Sabres e Mosquetões 103
3.4 Entrevista de Franco Rabello 110
3.5 Chegada do Inspetor José Faustino 116
3.6 Passeata das Moças 120
3.7 Passeata Infantil, Sangue e Indignação 126

4 INSURREIÇÃO POPULAR 137
4.1 Amotinados Sitiam Palácio 137
4.2 Deposição de Accioly 154
4.3 Deportação do Oligarca 161
4.4 Cadáver Vaiado 165

5 VOLTA À NORMALIDADE 173

6 VITÓRIA DE FRANCO RABELLO 181

BOLETINS FAC-SIMILARES 195

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 231
Referências Hemerográficas 233
Ouras Referências 233

"A gente do partido governista tinha alcunha de *cafinfim*; os oposicionistas apelidaram-se *maloqueiros*, porque a oposição se chamava Maloca. O Dr. Nogueira Accioly chefiava os *cafinfins*. O Dr. Paula Rodrigues, o Rodrigão, e o Cel. Carlos Felipe Rabelo de Miranda, com farmácia à praça do Ferreira, dirigiam os *maloqueiros*."

Gustavo Barroso

"Estavam marcadas para abril de 1912 as eleições de presidente e vice-presidentes, e em 20 de dezembro anterior o partido aciolino, comumente chado *cafinfim*, reunido em convenção, indicou como candidato ao primeiro desses cargos o Desembargador José Domingues Carneiro e para os demais os srs. Waldemiro Moreira, Lourenço Feitosa e Padre Cícero Romão Batista.

Viram, e com razão, os inimigos do Comendador Acióli, chamados *maloqueiros* que o velho magistrado lhe seria uma continuação e, já mais organizados, com a liderança dos Drs. Manuel Moreira da Rocha e Francisco de Paula Rodrigues, tentaram protestos mais ousados, utilizando-se de boletins, distribuídos entre o povo, e gritando discursos na praça pública."

Raimundo Girão

"Já o conheci (Joaquim Sá) filiado ao partido chamado *maloqueiro* que, chefiado por Martinho Rodrigues, fazia oposição ao domínio aciolista, e nessa linha de conduta atravessou todos os dias da sua existência até a luta final, em 24 de janeiro de 1912, na qual foi, bem como o seu irmão Emílio Sá, um dos principais elementos de combate."

H. Firmeza

"Pode não saber Latim,
A missa errar, sim, Senhor,
Não querer ser *cafinfim*,
Deixar de ser professor,
Fazer sermões de mão cheia,
Usar lunetas de grau,
Mas em matéria de lei,
O Padre[*] é mais do que rei.
No Virgílio mete a peia,
No Bilhar sacode o pau."

A REPUBLICA

"Cindia-se o *Centro Republicano*. Martinho Rodrigues, Antônio Cruz, Gonçalo de Lages, Justiniano de Serpa e outros fundaram *O Norte*, que circulava a 14 de abril de 1891. Os dissidentes recebiam o apelido de *maloqueiros*.

João Cordeiro continuava à frente do *Centro Republicano*, cujo órgão era o *Libertador*. Os elementos fiéis ao *Centro* recebiam o apelido de *Cafinfins* (piolhos de galinha).

ABELARDO F. MONTENEGRO

"Em 1904 iniciou-se no Ceará uma nova política de oposição à oligarquia Acióli, renascida das cinzas da velha *maloca*. Tinha como dirigentes João Brígido, Valdemiro Cavalcante, Agapito dos Santos, Cruz Saldanha, Carlos Felipe Rabelo de Miranda e outras figuras, os quais sucederam aos antigos chefes oposicionistas Conselheiro Rodrigues Júnior, Martinho Rodrigues e Ildefonso Lima."

H. FIRMEZA

"Que este plano mashorqueiro
Não pode continuar,
Sob pena de acabar
O partido *maloqueiro.*

Ordeno a Senhóra morte,
Que na morte ponha fim;
Mude de rumo, de norte,
Mate o povo *cafinfim.*"

A Republica

BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará.* In: ___. Memórias de Gustavo Barroso; 2a. ed., notas de M. Soriano Aderaldo. Fort.: IOCE, 1989; p. 159

GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará.* 1953; p. 117

FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas.* Fort.: Inst. do Ceará; 1965; p. 200

"PODE não saber Latim..." *A República*, Fortaleza, 10 nov. 1898.

[*] Padre José Barbosa de Jesus.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará.* Fortaleza: UFC; 1980; p. 69

FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas.* Fort.: Instituto do Ceará; 1965; p. 295

"QUE este plano mashorqueiro ..." *A Republica*, Fortaleza, 23 nov. 1898.

INTRODUÇÃO

No término deste segundo milênio, apresenta-se Fortaleza como uma das mais progressistas metrópoles do País. Perto de dois milhões de habitantes dinamizam o dia-a-dia com o seu trabalho ininterrupto, em clima de estabilidade política. O progresso abre avenidas e contornos rodoviários para o interminável fluxo de milhares de veículos. Multiplicam-se os edifícios pela orla marítima e pelos subúrbios. Centros comerciais, *shoppings* de primeiro mundo, hotéis cinco-estrelas, feiras de moda agitam a vida econômica e social. Surgem diariamente novas indústrias e instalam-se microempresas. Sopros de modernidade modificam os recantos mais distantes da quinta urbe brasileira. A Cidade atrai e fascina turistas do mundo inteiro. Parabólicas, telefones celulares e Internet atestam a facilidade das comunicações. Urnas eletrônicas recebem e computam votos, quando das eleições. Entre os administradores políticos, freqüentes os termos *globalização* e *privatização*.

Na esteira desses avanços, segue o Interior. Faixas de asfalto ziguezagueiam pelo sertão e sobem serras. O espelho de grandes açudes reflete certa tranqüilidade do camponês. Interioriza-se a Indústria. Abrem-se escolas de nível superior. Pelo milagre dos meios ultra-rápidos da comunicação, caem as barreiras entre o litoral e o *hinterland*, e as pessoas vão conquistando ar de cidadania.

Recuemos no tempo e apaguemos da mente o Ceará de hoje, com seu progresso e também com suas graves

desigualdades sociais, com sua legião de excluídos e ondas de violência e assalto, com os sem-terra falando a linguagem das ocupações, às vezes, sumárias...

Recoloquemos, agora, o Ceará, com sua presunçosa Capital e seus municípios interioranos de feição coronelesca, no contexto sócio-político-econômico dos primórdios desta centúria.

Sobremaneira curiosa, a "loira desposada do sol", com sua vidoca ingênua, prosaica, mas nem sempre pacata. A essa época, o coração de Fortaleza, que antes pulsara na *Praça da Sé*, batia na *Praça do Ferreira*, ao ritmo enferrujado do velho catavento animado pela viração leste. No vasto logradouro, quatro longas fileiras de bancos verdes costumeiramente ocupados. Ali, políticos, comerciantes, farmacêuticos, potoqueiros dicutiam os últimos acontecimentos. Ali se liam jornais como *A Republica* [1], o *Jornal do Ceará* e o *Unitário* e pasquins tais quais o *Tempo* [2], o *Tamborim*, o *Tição*, o *Mutuca*, o *Ferrão*...

Nesse recanto, aplaudia-se e, sobretudo, se vaiava a tudo e a todos sem razões plausíveis, pelo prazer único de achincalhar. A descontração total era a tônica dominante. Bastava a aproximação de um tipo popular qualquer, como Chagas dos Carneiros, Casaca de Urubu, Mestre Arcanjo, para que o *Jardim 7 de Setembro* se extravasasse em gargalhadas e assobios...

Consoante os cronistas, comum era o grito da gandaia: – Lá vem a cavalaria do Liceu! [3]

Eram os estudantes que saíam da *Praça dos Voluntários*, encarapitados em jegues, burros e cavalos velhos, surrupiados aos ambulantes que os deixavam ali amarrados à sombra das *frondosas* mongubeiras.

---

[1] *A República*, jornal resultante da fusão de o *Libertador* com o *Estado do Ceará*, que circulou, pela primeira vez, em 9.4.1892.

[2] O *Tempo* (1900 a 1908) era um prolongamento do jornal oficial do Governo, *A República*.

[3] O prédio do *Liceu do Ceará*, construído no governo do Cel. José F. Bizerril Fontenele, situava-se no local onde, funcionou a *Secretaria de Segurança Pública*, na *Praça dos Voluntários*.

Em torno do logradouro, distribuíam-se artisticamente quiosques de madeira, afrancesados – *Café Java* [4], *Café do Comércio*, *Café Elegante* e *Restaurante Iracema*, onde se acotovelavam intelectuais, pintores, músicos, viajantes, potoqueiros, desocupados. Circundavam ainda esse lugar público, alfaiatarias, barbearias, casas de torrefação de café, lojas de guarda-chuva e bengala, a *Livraria Araújo* e o *Cine Politeama*. Ao lado norte, a *Intendência Municipal* e o sobrado do comendador Machado, em cujo térreo funcionava o *Café Riche*, esquina onde hoje se ergue o velho *Excélsior Hotel*. Ao leste, bracejava irreverentemente o *Cajueiro Botador*, a cuja sombra, em todo 1º de abril, se fazia eleição para a escolha do maior mentiroso do ano.

Pretensiosa, vaidosa, a cidade de 48.369 habitantes [5] começava a exibir sinais de modernidade, com a construção de outras praças, como a *Marquês de Herval*, a *General Tibúrcio*, a do *Passeio Público* e a de *Pelotas*. Erguiam-se solares e palacetes e sobrados onde se escondiam políticos e ricaços. Trechos das ruas *Major Facundo*, *Floriano Peixoto*, *Barão do Rio Branco*, *24 de Maio*, *Rua da Assembléia* (hoje, *S. Paulo*) e *General Sampaio* eram pavimentados de "cearalepípedos", denominação zombeteira dada às pedras irregulares e toscas ali utilizadas. [6] Por influência da "belle époque", os estabelecimentos comerciais iam ganhando intitulação francesa: *Vile Hotel de France*, *Rotis-*

---

[4] Neste café, de propriedade de Mané Coco, nasceu, em 1892, a *Padaria Espiritual*, associação literária de repercussão nacional. O *Java* era arrendado a Olívio Leopoldino da Silva. Os três demais tinham como proprietários José da Rocha Moreira (*Comércio*), José Leopoldino da Silva (*Elegante*) e Ludgero Garcia (*Iracema*). O prefeito Godofredo Maciel, que, em sua segunda gestão, mandara cortar (1920) o *Cajueiro Botador*, ordenou a demolição dos belos quiosque de madeira (1924). O decantado *Oitizeiro do Rosário* foi condenado à morte (1929) por Álvaro Weyne.

[5] Consoante *Recenseamento Geral da República* feito em 1900.

[6] No período das grandes secas (1877-79), aos flagelados inscritos nas frentes-de-serviço, cabia a tarefa de transportar às costas, os blocos de pedra.

serie, Maison Moderne, Confeitaria Maison Art-Nouveau, Café Riche, Farmácia Pasteur. Não foi sem razão que o comerciante Bem-Bem, após a realização do sonho de conhecer Paris, tenha batizado seu estabelecimento de *Bien-Bien Garapière* e mandado imprimir cartões sociais com esses dizeres...

Orgulhava-se a cidade dos bondes da *Ferro-Carril*, de tração animal, dos lampiões a gás, das praças e jardins, da *Ponte Metálica*, dos edifícios da *Alfândega*, da *Assembléia Legislativa* e do *Quartel General*.

O *Teatro José de Alencar*, belo e rico monumento, um misto de linhas clássicas e *art nouveau*, e o *Mercado Público*, "em forma de mesquita e em três corpos", ambos com estruturas metálicas importadas da Europa, refletiam o empenho do zelozo Intendente Municipal, Coronel Guilherme Cezar da Rocha.

As casas de residência, em sua quase totalidade, apresentavam o mesmo aspecto. Yaco Fernandes, um estudioso dos costumes e tradições de nossa terra, diz serem "de um só pavimento, cobertas de telha vã, pavimentadas a tijolos vermelhos; de porta e uma ou duas janelas", e possuírem "sala de visitas, um ou dois quartos, sala de jantar e cozinha. Da sala da frente para a de refeição ia um longo corredor, para o qual davam as portas das camarinhas. Muitas vezes a inclinação era pequena e este se agachava sobre os cômodos, sendo preciso instalar telhas de vidro, que vinham dar alguma luz às sombrias alcovas. Construídas quase sempre em terrenos de cinqüenta metros de fundo – meio quarteirão – as casas possuíam nos quintais árvores de fruta, fossa sanitária, banheiro e cozinha." [7]

As fossas sanitárias não eram tão comuns. Otacílio de Azevedo, in *Fortaleza Descalça*, p. 129, mostra isso! "... era costume de quase todas as residências encher de dejectos fecais enormes barris de madeira (cuja exclusividade de fa-

[7] YACO, Fernandes. *Notícia do Povo Cearense*. Fortaleza: Imp. Universitária, UFC; 1977, p. 240.

bricação parecia pertencer a Samuel Carão) e mandarem atirar o malcheiroso conteúdo nas proximidades da praia." [8]

Asfixiava a Cidade, um cinturão de pobreza. Pelo areal frouxo, vielas e recantos com barracos de palha. A classe cinzenta dos miseráveis era constituída de trabalhadores braçais, pescadores, lavadeiras, biscateiros, abridores de cacimba, fateiros, carregadores de *quimoas*... Crianças raquíticas e animais domésticos, em pacífica promiscuidade. Dantesco tornava-se o quadro, quando, nos anos de seca, levas e levas de flagelados, famintas e empestiadas, chegavam à periferia.

No curioso painel sócio-cultural da nossa Capital, destacam-se alguns aspectos que nos causam hoje surpresa e nos põem nos lábios um riso de dúvida...

Na *Praça Carolina*, onde, no momento, se vê o *Palácio do Comércio, o Mercado de Ferro*, pintado de vermelho, oferecia carnes, verduras e hortaliças. As donas-de-casa, porém, optavam pelas compras à porta, aos ambulantes que passavam com caixões à cabeça ou puxavam pelo cabresto jegues ramelentos. Apregoavam esses vendedores, em voz preguiçosa de canto-chão, uma variada gama de produtos: carne fresca, toucinho, fígado, panelada, frutas, legumes, pão, chouriço, doces, pamonha, bolo, pastel, água, lenha, vassouras... A nota mais pitoresca ficava por conta da venda de leite mungido às vistas da freguesia...

As mobilizações sociais giravam em torno dos aniversários, dos casamentos e das festas religiosas. Os poucos clubes refletiam as facções políticas, abriam-se apenas a determinados grupos. O cinema mudo – *Animatógrafo Di Maio* (inaugurado em 1907, na *Guilherme Rocha*) e o *Cinema Politeama*, de José Rola. [9] – arrancava das moçoilas românticas profundos suspiros e fazia arfar-lhes os seios. A praia não era freqüentada senão pelos moleques que to-

[8] AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: Casa de José de Alencar; 1992; p. 129

[9] A inauguração do *Majestic Palace* só se daria em 14 de julho de 1917, com discurso de Júlio César da Fonseca.

mavam banho nus. "Para os adultos – escreve Yaco Fernandes – ir à praia era necessidade aborrecida, que apenas as prescrições médicas, em caso de doença, ensejavam que acontecesse. Nesse caso, os banhos eram tomados ao romper do sol, rapidamente, os homens vestiam camisa e ceroula, as mulheres longos camisolões de algodão..." [10]

Os folguedos iniciavam-se antes do Natal com as Festas dos Caboclos, com as Pastorinhas. Vinham os Reisados já no começo do ano. O Carnaval, com os mascarados e papangus, com as batalhas de polvilho, farinha, limões-de-cheiro e confetes enfeitiçavam jovens e crianças. No Sábado de Aleluia, logo pela manhã, corriam de mão em mão os testamentos, geralmente insultuosos, ridicularizando autoridades, padres, pessoas gradas. À noite, a queima do Judas em lugar público, em meio a algazarras e estrondos.

Davam-se os namoros em encontros fortuitos, durante as retretas ou através de cartas. Namoros, mesmo à vista dos pais, que se estendessem por muito tempo e não redundassem em casamento, deixavam *faladas* as donzelas, que só conseguiam casamento com rapazes que chegassem de fora... A maledicência estraçalhava a vida alheia. Poucos dormiam tranqüilos, temendo receber as famosas cartas anônimas...

Tão-logo desaparecia o sol, recolhiam-se as famílias, a menos que estivesse programada alguma retreta. Nas salas de jantar, acendiam-se velas de carnaúba, candeeiros e lamparinas. Pelas ruas e praças principais, atiçavam-se os combustores a gás carbônico. [11]

---

[10] YACO, Fernandes. *Notícia do Povo Cearense*. Fortaleza: Imp. Universitária da UFC, 1977, p. 244

[11] Informes colhidos na secção *Memórias*, de NIREZ, em *O Povo*, p. 6, de 5.3.1988:
a - A 1º.3.1848, os combustores a óleo de peixe iniciaram a iluminação pública, compondo-se de 44 lampiões de quatro faces;
b - A 13.12.1867 foi introduzido o serviço de gás carbônico pela *Ceará Gás Company Ltd.;*
c - E, a partir de 1912, deu-se a montagem da usina de fornecimento de luz e força elétrica pela *Ceará Trammay, Light & Power Co.*

Os filhos dos políticos, dos burgueses e os sobrinhos de padre contavam já com casas de ensino: *Liceu do Ceará* (só para rapazes); o *Colégio da Imaculada Conceição* e o *Colégio das Dorotéias* (para as moças ricas) e a *Escola Normal* (para as pobres). O *Seminário da Prainha* preparava sacerdotes desde 1864. Outros pequenos estabelecimentos encarregavam-se da educação: *Externato Miguel Borges* (diretor Odorico C. Branco), *Instituto de Humanidades* (propriedade do professor Joaquim da Costa Nogueira) e *Escola Noturna do Centro Artístico Cearense.* [12] No campo do Ensino Superior, a *Academia Livre de Direito do Ceará* começou a receber seus alunos a partir de 1º de março de 1903.

Incipiente, a indústria. Quase inexistente. Registro merecem a fábrica de tecidos *Pompeu & Irmãos*, a primeira do Estado, instalada em 1882, as fábricas de móveis, de guarda-chuvas e sombrinhas, a crepagem de borracha, as prensagens de fardo de algodão de *Boris & Frères*, o fabrico de produtos farmacêuticos, de vinhos e aguardente. [13] Importávamos quase tudo. Pelos vapores, que aqui chegavam, exportávamos principalmente cera de carnaúba, algodão, couros, peles e borracha.

A vida na comunidade de 50 mil almas fluía prosaica e calmamente, sem apreensões de vulto. Para a imensa maioria dos habitantes, parecia reinar ali a felicidade. O reduzido número de intelectuais, formado de escritores, jornalistas, artistas, que lia jornais de centros mais desenvolvidos e livros impressos no Sul e no exterior, tinha a

---

[12] O *Colégio Militar* seria inaugurado a 1o de junho de 1919, um prolongamento da extinta *Escola Militar.*

[13] Iymard Porto, apud *Almanaque do Ceará* para o ano de 1911, dá-nos estes informes: "Existiam em Fortaleza, no período, 2 fábricas de tecido, sendo a maior a do oligarca com 230 empregados no seu serviço interno. Duas fábricas grandes de redes, oito médias e 25 com menos de quatro teares. Oito fábricas de cigarros, empregando a maior delas 56 homens e 27 mulheres. Três fábricas de chapéu, seis de sabões e óleos, uma de gelo e algumas mais de vinhos, licores e aguardantes."

consciência formada de que à terra amada faltava a finalidade, a verdadeira finalidade política. Eles, que representavam a inteligência, o discernimento, sentiam-se pequenos, insignificantes, nulos, na escala dos valores locais. "Comerciantes e doutores, artesãos e funcionários, professores e caixeiros – ninguém significa nada, nada. Fortaleza da oligarquia, sem clientela, sem cangaceiros, sem fazendas de criar, todos são quantidades negligenciadas, sem a menor importância política, sem qualquer interferência na vida do Estado. E sentem-se eles, os cultos, os que têm luzes, diminuídos, amesquinhados... A amargura, a inveja, a frustração fazem-lhes as vidas sombrias e obscenas, nesta cidade de sol tão claro e de ventos tão puros". [14] No tricentenário da chegada dos colonizadores portugueses às nossas plagas (31.6.1903), a Cidade, contudo, continuava presa à estagnação, ao mandonismo de grupo político que sonhava em perpetuar-se no poder. A vida seguia sem perspectivas, sem horizontes...

A Cidade se arrastava sob todos os aspectos. As pessoas se locomoviam a pé, sem pressa, como se nesse gesto se refletisse a pasmaceira reinante. Poucos os que andavam a cavalo, de carroça ou nos bondes de tração animal. [15] Alguns ricos, como Alfredo Salgado, do belíssimo palacete *Itapuca Vila*, passeavam sua vaidade e elegância em cabriolés...

A propósito, quem é aquele cavalheiro que há pouco apanhou o bonde na *Praça do Ferreira* rumo a Jacarecanga? Sentou-se na ponta do último banco e vem elegantemente vestido: "...botinas pretas de elásticos, ceroulas de amarrar, camisa branca de peito duro e punho preso, rodado, com abotoadura simples de ouro, colarinho virado, baixo,

[14] YACO, Fernandes. *Notícia do Povo Cearense*. Fortaleza: Imp. Universitária da UFC; 1977; p. 248-9

[15] Os bondes de tração animal, da *Companhia Ferro-Carril do Ceará*, rodaram até o dia 9 de outubro de 1913.

de ponta aguda bem aberta, gravata preta de dar laço horizontal, fraque, cartola." [16]

Visto por outro ângulo, vão surgindo detalhes mais significativos: "O rosto que a velhice enrugava e amarelecia, arqueando-se sob o crânio volumoso, para terminar num queixo muito curto, que mais parecia uma bolinha de bilhar emaranhando-se no cavanhaque ralo. Nem um traço varonil marcando o índice de um dominador de povos, mesmo de província. Talvez o segredo de sua invulgar e suave ascensão ao posto de Presidente quase perpétuo do Estado se irradiasse, sutil, imperceptível, pelo vidro forte e côncavo dos óculos, dilatando o raio visual da sagacidade e da astúcia, que o tornou um dos políticos mais hábeis e espertos do seu tempo." [17]

Um jornal carioca [18], apresentando ao Presidente Campos Salles, em 1898, esse cidadão, nestes termos se referiu:

"Esse, de falas comedidas,
Tendo após si imensa prole,
Curto de idéias, d'unhas compridas,
É o Accioly."

Observado pelo ângulo debochativo do intelectual Antônio Salles, o nobre cidadão assim se apresenta: "... macrocéfado, de enormes orelhas côncavas e pendentes, lívido, a cabeça metida nos ombros, com uma voz de sapo, míope e glutão." [19]

O ilustre passageiro, que, há pouco, deixou o Palácio, é genro do Senador Thomás Pompeu de Sousa Brasil. Vai ao seu palacete da *Rua 24 de Maio*, 122, [20] esquina

---

[16] SÁ, Carlos et al. *Francisco Sá - Reminiscências Biographicas*. S. Paulo: Emp. Gráfica dos Tribunais; 1938; p. 74

[17] PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. Fortaleza: 1949, p. 65

[18] *Correio da Manhã*, seção *Pingos e Respingos*, 1898.

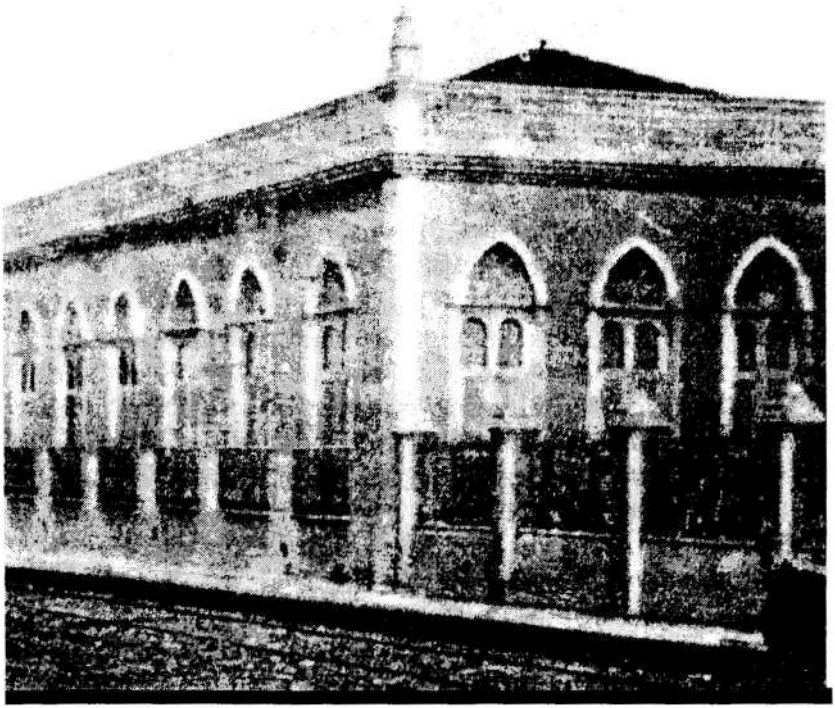
[19] SOARES, Martim. *O Babaquara - Subsídios para a História da Oligarchia do Ceará*. Rio de Janeiro: 1912.

[20] O palacete foi incendiado por populares em 9.1.1913. No local, a 24 de junho do mesmo ano, foi assentada a primeira pedra do edifício da *Fênix Caixeiral*. Hoje, ali funcionam as *Lojas Brasileiras*.

com a *Guilherme Rocha*. É o Excelentíssimo Senhor Doutor Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, o Presidente do Estado do Ceará, a figura mais importante da política alencarina. Esperam-no a família e as flores do belo jardim de sua vivenda, a *Chácara dos Leões*.

Sabem todos que o nobre Senhor nasceu em Icó, simplesmente Icó. Para W. Cavalcante, então amigo do Dr. Accioly, em discurso pronunciado em 11 de outubro de 1899, a terra natal de S. Exa., no entanto, não se resume a essas três letras. É muito mais: "Nas formosas margens do Salgado, que corre por entre varzeas formosissimas e banha preguiçoso, extensissimo valle, lá, onde saudosa e acceiada assenta-se a elegante e formosa cidade do Icó, viuva de grandezas e esplendores que lhes valeram outr'ora o nome de "Flor dos Sertões" ahi, nesse saudavel recanto, que a palavra para descrever precisava ter o pó dourado das borboletas e o brilho daquele sol, lá, meus senhores, nessa amenissima porção do territorio cearense nasceu aquelle que é alvo desta ruidosa homenagem, a que todos nos associamos, com a melhor parte de nossa alma e tocados da mais sincera e leal emoção."

Os partidários e amigos do Sr. Presidente eram pejorativamente apelidados de *cafinfins*; e seus opositores, de *maloqueiros*.



Vivenda do Comendador-Presidente Antônio Pinto Nogueira Accioly, esquina da Rua 24 de Maio (nº 122, então) com a Guilherme Rocha incendiada em 1913. Nesse local, foi depois construída a sede da *Fênix Caixeiral*, que também não mais existe. Hoje, vê-se ali uma das *Lojas Brasileiras*. Na parte inferior da foto, os trilhos da *Ferro-Carril* que iam ter a Jacarecanga.

Foto: Antiquário Marciano Lopes

Não obstante sede do Governo, Fortaleza sentia-se manietada ao subdesenvolvimento, ao primitivismo. Fácil, pois, é imaginar-se o estado em que se debatiam mais de setenta municípios interioranos, vítimas constantes de secas arrasadoras e de epidemias, órfãos da assistência governamental, sem açudagem, sem comunicação, mergulhados no conformismo imposto pela ignorância. Essa feição colonial era agravada pelo coronelismo sertanejo a que deviam curvar-se os matutos. Os intendentes, indicados pelo Presidente, são os que possuem mais terra, mais dinheiro e mais votos, assistindo-lhes o direito da qualificação dos eleitores. Armam-se os bandidos às suas ordens e, pela ambição do mando, travam-se lutas internas. A lei, a razão, sempre do lado dos mais fortes. "O indivíduo que num município executasse um "serviço", bastaria mudar-se para outro e logo seria protegido." [21] As sedes municipais não iam além do clássico quadro: a praça da Matriz, o barracão da feira, as bodegas, animais amarrados à sombra das árvores, a Igreja distribuindo sacramentos, zelando pelo patrimônio, fundando *Sociedade de S. Vicente de Paulo*, a *furiosa*, nos dias de festa, rasgando dobrados... Mercadorias, para chegar às comunas mais distantes, levavam dias, meses, no lombo dos burros ou nos lastros dos velhos carros-de-bois arrastados por muitas juntas de animais, gemendo nos cocões lubrificados de sebo... Poucas cidades iniciaram este século como centros de relevância comercial. Bem para trás já haviam ficado as oficinas de charqueada (Aracati, Icó e Acaraú) que propiciavam a exportação do gado abatido. Dadas as transações comerciais feitas com Recife, Aracati recebia do vizinho estado produtos que eram repassados a municípios limítrofes e distantes. A exploração do sal impulsionava também a esfera comercial. Icó, posto intermediário entre o litoral e o Cariri, transformava-se em empório que nego-

[21] ARAGÃO, Batista. *História do Ceará*. Fortaleza: 1986, v. IV, p. 31.

ciava com o Alto-Jaguaribe e o Centro-Sul. Sobrados revestidos de azulejos portugueses, grandes templos e edificações outras, como teatros e fortes casas de detenção, atestam o desenvolvimento dessas comunas ainda na centúria passada. Devida sua privilegiada posição geográfica – terras férteis e úmidas do sopé da Chapada do Araripe – Crato viria a ter o progresso impulsionado pela agricultura. [22] Sobral já se afirmava como núcleo centralizador da produção e do comércio na região noroeste.

Por trás da paz rotineira, da ingênua felicidade, começou a articular-se em Fortaleza um movimento contra o Governo. A oposição, constituída de pessoas esclarecidas, revoltadas com o mandonismo, com os abusos administrativos, com a reprovável conduta oligárquica, com o nepotismo, a estagnação cultural, com os meios fraudulentos na escolha dos dirigentes, a oposição, que também contava com velhos políticos alijados do poder e dele saudosos [23], resolveu sair da sombra, do silêncio, ganhou os jornais, imprimiu livros e inundou as ruas de boletins panfletários.

Reações que tais, em incontrolável fermentação, indo de encontro aos postulados vigentes, estenderam-se à massa popular, cativaram comerciantes, caixeiros, desempregados, mulheres e crianças, armaram civis e pregaram a deposição do Presidente Accioly. O ano de 1912 estava destinado a testemunhar grande motim, com a população armada, passeatass e *meetings*, patas de cavalo dispersando manifestantes, quebra-quebra e barricadas, sangue inocente escorrendo pelas calçadas...

---

[22] Em 1911 é que Juazeiro se elevou à categoria de Vila, desmembrando-se do Crato, com as prerrogativas de Município (Lei nº 1.028, de 22.6.1911), sendo designado Prefeito o padre Cícero R. Batista. O título de Cidade data de 23.6.1914.

[23] A oligarquia dissidente dos Paula Rodrigues e Paula Pessoa.



Comendador
Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly



Tenente-coronel
Dr. Marcos Franco Rabello



AS OLIGARQUIAS E O ACIOLISMO

Por trás da palavra Oligarquia, que, etimologicamente, significa *governo de poucos*, quantos desmandos e injustiças não se escondem! Em seu nome, tentam perpetuar-se no poder famílias e grupos, num criminoso processo discriminatório que subjuga e alija quaisquer concorrentes.

Um boletim apócrifo que ganhou as ruas da Capital, em 1910, condenava, de maneira generalizada, essa modalidade política, aqui entronizada pelo Dr. Accioly há mais de uma década. Em que pese ao equilíbrio da linguagem e das idéias, o analista não se furta ao pensamento de exigir do povo cearense uma repulsa a essa forma de governo, quando defende a opinião de que "Aqui a reação é um dever ...". Eis o volante:



PSYCOLOGIA DAS OLIGARCHIAS

As oligarchias nasceram da negação do direito, do desrespeito á lei nas eleições clandestinas, constituiram-se na iniquidade e desenvolveram-se na oppressão dos sabres policiaes.

Do meio da obscuridade do lodo que reveste sempre as consciencias viciadas, individuos nullos elevam-se ás mais altas posições politicas; cahem dignamente do ostracismo – os caracteres puros que têm verdadeiro culto pelo direito e pela justiça, os corações de sentimento, os cerebros de luz.

Reformam-se as constituições, modificam-se as leis para enfeixarem criminosamente nas mãos do poder oligarchico – os tres poderes autonomos e independentes do Estado!

É o governo despotico, é a prepotencia sem a força do direito!

Á sua sombra, commettem-se arbitrariedades de toda ordem, compram-se as consciencias, deturpam os costumes, aniquilam a justiça, amordaçam os sentimentos de revolta nascidos da alma do povo, que se bate pelo direito, e penetram no asylo inviolavel e santo da família para tingirem-no de infamia!!

E, quando uma força reaccionaria se levanta, a força viva da Nação – o povo e o exercito, para reprimir o abuso, para fazer respeitar o direito do voto e a liberdade de pensamento, clamam contra esta lezão ao poder organisado e á constituição republicana, esquecendo-se de que essa interferencia é uma defeza dessa mesma constituição, muitas vezes violada pelos despotismos estadoaes, constituidos sem o direito soberano do voto!

Aqui a reação é um dever, a inercia é um crime!

De mais a mais, se reformassem o nosso codigo politico, a synthese das nossas aspirações e dos nossos ideiaes, poderia delle desaparecer a autonomia estadoal, mas nunca desapareceria o direito do voto e a liberdade de pensamento.

A soberania do Estado vem em detrimento da soberania da Nação.

E o direito é força, e a ideia é luz!

A liberdade do voto é a sagração do direito.

As oligarchias prostituem a republica.

Panfleto que tal, que poderia ter trazido a assinatura do padre José Barboza de Jesus ou a de João Brígido, deve ter inquietado o clã mandonista aciolino ou – quem sabe? – provocado risos de deboche...

Ao assumir Campos Sales o Governo em 1898, achavam-se as finanças em total desequilíbrio. Fazia-se necessário, entre outras providências, estimular a renda nacional.

> "Entendeu (o Presidente) – escreve H. Firmeza – que o empreendimento de recuperação econômica e financeira poderia encontrar óbices na política partidária, que precisava navegar em águas mansas, a fim de que não soçobrasse o plano de salvação nacional.

> O remédio encontrado esteve no fortalecimento da política dos governadores, mal que se transformou depois numa chaga para o Brasil, visto a continuação que teve nos governos posteriores ao de campos Salles." [1]

Em curto lapso de tempo, a *Política do Governadores* gerava, principalmente no Norte e Nordeste, as oligarquias, os grupelhos familiares, senhores absolutos de tudo e de todos, roubando o direito às manifestações pelo voto livre, estrangulando a voz popular. Isso, em pleno regime republicano!

Aboletaram-se no poder os Machado (Paraná), os Rosa e Silva (Pernambuco), os Malta (Alagoas), os Maranhão (Rio Grande do Norte), os Lemos (Pará), os Néri (Amazonas), os Medeiros (Rio Grande do Sul), os Accioly (Ceará).

Às oligarquias, o Governo Central emprestava todo apoio, mas, em contrapartida, delas exigia a fidelidade ao *Partido Republicano Federal*, em cuja coordenação se movimentava habilmente o senador Pinheiro Machado, o dono do Senado, o comandante supremo dos conchavos.

O intelectual Antônio Sales, sob o pseudônimo de Martim Soares [2], atassalha os oligarcas estaduais: "É sabido que esses pequenos déspotas não têm prestígio real nos Estados... O que os sustenta é justamente a cumplicidade dos chefes da nação, julgando erroneamente dever manter com eles uma entente de tolerância em troca dos votos dos seus caixeiros no Congresso."

Esse escritor, na mesma obra que fora escrita no fim de 1911, na página 116, vaticina a derrocada da oligarquia aciolina:

> "Neste momento, uma réstia de esperança rompe das trevas da descrença do povo cea-

---

[1] FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas*. Fortaleza: Instituto do Ceará; 1965; p. 138

[2] SOARES, Martim. *O Babaquara*. Rio de Janeiro -:1912; p. 11

rense. A simples ação moral do atual Governo, outras oligarquias vão se desmoronando, nenhuma delas tão desonesta e vil como a do Ceará, chegará a nossa vez."

O comendador Nogueira Accioly não embarcou na *Política dos Governadores* por mera casualidade. De há muito vinha fazendo sua carreira num ritmo equilibrado e crescente, tendo como auxiliares imediatos membros de sua família. Desde 1877, com a morte do sogro Senador Pompeu, assumiu as rédeas do *Partido Liberal* no Ceará até a Proclamação da República, em 1889.[3] Em 1880, assumiu a cadeira de Deputado Geral. Quatro anos depois, ocupou a vice-presidência do Estado e governou de 31 de maio a 12 de julho, quando da demissão de Sátiro Dias até a posse de Carlos Otoni. Dada sua habilidosa conduta partidária, foi escolhido como Presidente da Assembléia Legislativa em 1891 e, um ano após, já o vamos encontrar no Senado. A partir de 12 de julho de 1896, data em que foi eleito Presidente do Estado, montou sua máquina político-administrativa.

O culto historiador Raimundo Girão emitiu este juízo sobre o primeiro quatriênio (1896-1900) de Accioly:

"Sem grande cultura humanística e filosófica, mostrou, no entanto, neste primeiro período de governo, as mais positivas qualidades

---

[3] A Estratégia de Accioly, nesse período, é vista assim por Sebastião R. Ponte in *Fortaleza Belle Époque*, p. 37: "O futuro oligarca logo aderiu ao novo regime e em 1890 fundava a União Republicana contando com a participação da antiga facção liberal e de ex-conservadores. O prestígio de Accioly não foi abalado pelas pressões dos republicanos que o identificavam como uma das "raposas" do antigo regime; tanto que se torna Senador em 1892 (para isso muito contribuiu o fato de ter apoiado Floriano Peixoto), cargo que lhe conferiu grande influência na política cearense daqueles conturbados primeiros anos de República."

de chefe, notável líder que por dezesseis anos controlaria, pode dizer-se de modo personalíssimo, a administração e a política de sua terra."[4]

Yaco Fernandes, outro notável estudioso de nossa política, assim analisa e aquilata a atuação do Comendador:

"De qualquer modo, com seus defeitos e suas limitações, mesmo com a fraqueza básica que tornará possível a sua queda – o comendador Acióli é um grande homem cearense e o resumo vivo de tudo que dá existência e fim à oligarquia."[5]

O jornalista, político e historiador Hermenegildo Firmeza prefere, entretanto, destacar o desenfreado nepotismo praticado pelo oligarca:

"Houve uma época em que o Comendador Antônio Pinto Nogueira Acióli era Presidente do Estado, um seu filho 1º Vice-Presidente, e no Senado, dos três representantes que ali temos, um era filho e outro genro do velho patriarca, que mantinha, além disso, em empregos públicos, uma ninhada de parentes." [6]

O intelectual Antônio Salles, sob o criptônimo de Martim Soares, em *O Babaquara* – Subsídios para a História da Oligarquia do Ceará, RJ, 1912, amplia o elenco dos familiares do Presidente nos quadros do funcionalismo público:

---

[4] GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenele; 1953; p. 212

[5] FERNANDES, Yaco. *Notícia do Povo Cearense*. Fortaleza: Imp. Univ. UFC; 1977; p. 218

[6] FIRMEZA, Hermenegildo. A Revolução de 1912 no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, T. LXXVII, p. 25, Ano LXXVII.

"Presidência do Estado: Presidente Acióli; Secretaria do Interior: Secretário José Acióli; Academia de Direito – Diretor: Acióli, Vice-Diretor – Thomaz Pompeu, cunhado de Acióli; Escola Normal: Diretor – Thomaz Pompeu Filho, sobrinho de Acióli; Higiene Pública: Diretor – Meton de Alencar, cunhado de um filho de Acióli; Intendência Municipal: Secretário Capitão do Exército Antônio Gadelha, cunhado de um filho de Acióli; Secretaria da Fazenda: Procurador Fiscal – Antônio Acióli; Batalhão de Segurança: Comandante Capitão do Exército Raimundo Borges, genro de Acióli."

A verdade é que Accioly, ao assumir seu primeiro período de governo, já era possuidor de muita experiência e sabia, como poucos políticos, usar de todas as artimanhas. "O Governo Nogueira Accioly – opina R. Batista Aragão [7] – que na prática seria uma extensão de sua própria liderança, volta-se quase que exclusivamente para as lides políticas. Manter o poder, indefinidamente e na forma de suas conveniencionais perspectivas, tornou-se o seu ideal maior. A formação de alianças partidárias, o alijamento de grupos que se opunham aos seus desígnios ou o emprego da força conforme as regras do autoritarismo, tudo isso seria posto em evidência, contanto que a sua liderança não viesse a esmaecer. Presente estaria ele em todas as situações a comandar o leme e a tocar o barco conforme as necessidades do momento. Haveria, por outro lado, o favorecimento oriundo dos escalões superiores que, sempre preocupados em manter seguro o controle do poder, em nenhum momento lhe negariam estímulo."

Sistema que tal, mantendo o povo à distância das decisões políticas, impondo leis, regras e taxas a seu ta-

[7] ARAGÃO, R. Batista. *História do Ceará*. Fortaleza; 1986; v. IV, p. 26-27

lante, vai, à medida que se estende o tempo, abrindo fendas abissais que separam a minoria privilegiada dirigente da massa dos comandos e contribuintes. Ressalte-se, outrossim, o enfraquecimento do Poder Legislativo, em transferindo ao Presidente todo o comando decisório e a articulação dos conchavos, com o objetivo único de manter prestígio junto ao Governo Geral. Para sustentação das bases sertanejas, alguns coronéis e chefetes eram valorizados, e outros condenados ao desprezo e às perseguições de toda ordem.

Não era, pois, de se estranhar que, já no primeiro período, deputados tais quais Manuel Ambrósio da Silveira Torres Portugal, Ildefonso Correia Lima e João Marinho de Andrade se afastassem das hostes governistas.



REAÇÕES AO SISTEMA VIGENTE

2.1 Tentativas Inglórias da Oposição

A eleição de 11 de abril de 1896 deveria ser a primeira em que o povo poderia escolher seus representantes. O presidente José Bizerril Fontenele, que desejava tão-só passar o cargo a Antônio Accioly, viajou em comitiva ao Interior para apresentar seus candidatos. [1] *A Republica* (16.3.1896) publicou longo manifesto (*Ao Eleitorado Cearense*), enaltecendo os postulantes aos cargos de Presidente, vices e deputado (uma vaga deixada pelo Cel. Francisco Gomes) do *Partido Republicano*. E tudo se deu como a situação planejara. Limitou-se a oposição a amargar essa representação política falseada, forjada em atas fraudulentas.

Durante esse período, o *Estado*, órgão do *Partido Republicano Democrata* e prolongamento do jornal *O Ceará*, tendo como seus redatores o Conselheiro Rodrigues Júnior e os Drs. Martinho Rodrigues, Álvaro de Alencar, João Othon e Pedro Rocha, atassalhou, insultou, agrediu o Presidente Accioly, o Promotor de Justiça da Comarca, enfim, o governo da situação. Em outubro de 1898, já tendo sido cassado o Vice-Presidente Carlos Felippe Rabello de Miranda (19.10.1898), descobriu-se uma conspiração, que contava com a participação do *Batalhão de Segurança*, para assassinar, em Palácio, o Presidente Accioly. Apontados

[1] Davam-se os encontros em sítios dos correligionários, como o de Jaguaribe em que a comitiva governamental foi recebida na *Fazenda Beirada*, propriedade do Cel. Alexandrino da Costa Lima.

como autores do plano, entre outros, Manuel Solon Rodrigues Pinheiro, coronel Antônio Cruz Saldanha, Álvaro Moreira e o Vice-Presidente deposto pela Assembléia. Presos foram muitos oposicionistas e policiais.

A Republica diariamente dedicava seus espaços, malhando os democratas e explorando a conspiração fracassada. Além dos editoriais, as secções *Felippadas*, *Alfinetes* e *Ferruadas* levavam ao ridículo a folha e o grupo oposicionistas, como nestas passagens:

"Houve estrupício, barulho,
Lagartos, cobras, minhoca,
Sarapatel, sarrabulho,
Nos arraiaes da maloca." (12 nov, nº 259)

"No "Estado" agora de novo
Anda tudo remechido:
E diz o Affonso assustado:
"Cuma está esbodegado
O nosso véio partido."

Diz ti-felippe: oh Affonso
Tu móde que estaes na BRIBA?
Deixa falar á CANAIA,
Se o nosso plano não FAIA,
Nós ESTARIA de RIBA." (14 nov, nº 260)

"O † antevendo a queda
Da maloca exclama irado:
– "Por faltar papel ... moéda...
Fica suspenso o Estado." (14 nov, nº 260)

"Graças a Deus que os gemidos
Do partido maloqueiro
São escutados, ouvidos,
Lá no Rio de Janeiro." (24 nov, nº 269)

Para o quatriênio 1900-1904, o PRC aponta o deputado federal Pedro Borges como candidato a Presidente. Eleito, renunciou à Câmara, deixando a vaga para Antônio Accioly. Foi nessa administração que se deu a carnificina comandada pelo capitão Raimundo Guilherme, por ocasião da greve pacífica dos catraieiros (3.1.1903). A partir de então, o deputado e coronel João Brígido dos Santos, que condenara essa selvageria contra a população indefesa, abraçou a oposição e, em jornais e panfletos, nas ruas e cafés, passou a comandar a guerra à oligarquia durante os nove anos subseqüentes.

Para o pleito que regeria os destinos cearenses de 1904 a 1908, o partido oposicionista, com diretório já formado [2], apresentou seus candidatos: Presidente – General Antônio Carlos da Silva Piragibe, residente no Rio de Janeiro; 1º Vice-Presidente – Coronel Vicente Osório de Paiva, residente no Pará; 2º Vice-Presidente – Dr. Manuel Solon Rodrigues Pinheiro, residente em Manaus; e 3º Vice-Presidente – Dr. Raimundo de Farias Brito. Para deputado – Hermenegildo de Brito Firmeza.

No *Jornal do Ceará*, os antiaciolistas fazem esta conclamação (18.3.1904):

> "Se a corrupção e o terror não gelaram no coração e na alma dos cearenses os sentimentos afetivos, por força, com entusiasmo todos hão de aceitar a indicação, levando entre aclamações nome tão glorioso às urnas eleitorais no dia 11 de abril.

[2] Membros do diretório oposicionista: João Brígido dos Santos, Agapito Jorge dos Santos, Waldemiro Cavalcanti, Álvaro Teixeira de Souza Mendes, Antônio Cruz Saldanha, Carlos Felipe Rabelo de Miranda, Dr. José de Castro Medeiros (Dr. Medeirinhos), José Martins de Freitas, Afonso Fernandes Vieira, Francisco Fontenele Bizerril, João Ôton do Amaral Henriques, José Bezerra de Menezes, Eduardo Girão, Theóphilo Bezerra Filho, Hermenegildo de Brito Firmeza, Godofredo Maciel e Theodomiro de Castro.

> *O Jornal do Ceará* confia que a timidez, o receio, a indiferença e a apatia de seus concidadãos, cansados dos maus tratos do governo e da ineficiência dos meios legais para reivindicação dos direitos, transformaram-se na gota em atividade, entusiasmo e coragem para vencer de uma vez para sempre o regime oligárquico que aqui domina contra a vontade da quase unanimidade de um povo que já escreveu nos fatos gloriosos da pátria uma página de luz."

Que facção poderia dobrar o poderoso *Partido Republicano Cearense*? Nenhuma! Fragorosa foi a derrota da oposição. E Accioly com seus vices [3] continuaram no comando, assumindo em 18 de julho de 1904. "As eleições eram feitas a bico de pena – diz H. Firmeza [4] – e os oposicionistas não dispunham de nem um mesário em todo o Estado. João Brígido mandou então que os votantes (nem todos eram eleitores) se reunissem nas igrejas, aclamassem mesas e perante estas votassem. Não havia nisto, como bem se compreende, nenhum viso de legalidade. Era simplesmente um recurso de ocasião contra o sistema então em voga das eleições falsas".

H. Fimeza detalha curioso episódio dessa eleição: "A data de 11 de abril é inesquecível para mim, porque, nesse dia, acompanhando João Brígido no trajeto da igreja do Coração de Jesus, onde tínhamos ido votar, para o centro da cidade, fomos, ele e eu e uma multidão de pessoas que nos seguiam, envolvidos pela cavalaria policial na calçada de Palácio. Por felicidade, o nosso numeroso grupo correu

---

(3) 1º Vice-Presidente: João Lopes Ferreira Filho;
2º Vice-Presidente: Cel. Valdemiro Moreira; e
3º Vice-Presdiente: Cel. Belisário Cícero Alexandrino.

(4) FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas*. Eleições nas Igrejas. Fortaleza: Instituto do Ceará; 1965

e fiquei com J. Brígido, que já enxergava pouco, encostados à parede. (...)

Já se tendo dispersado a multidão e chegando a toda pressa um oficial da *Guarda de Palácio*, os soldados retrocederam e segui em paz com João Brígido até sua residência na *Rua Senador Pompeu*, onde é hoje o *Fortaleza Hotel*."

Em 16.10.1904, Brígido disputou com o ex-presidente Pedro Borges, que contava com o poderoso respaldo de Accioly, uma cadeira ao Senado. Tola pretensão, essa, do jornalista, na opinião dos situacionistas. Na presidência, o Dr. Accioly continuava montando sua máquina para obstacular qualquer tentativa dos opositores. Promovia votação de leis que lhe davam o direito de nomear Intendente, de reformar a magistratura estadual, suprimindo termos e comarcas a seu critério. Esse monopólio absoluto estendia as garras da tirania que estrangulavam, no nascedouro, qualquer idéia de mudança do sistema em vigência. Coisas da *República Velha*!

O diretório do Partido Oposicionista, em reunião, fizera a indicação de Brígido à vaga senatorial, sendo a escolha a ele comunicada, quando se encontrava no Rio, impetrando junto ao *Supremo Tribunal, habeas corpus* para tirar das grades o jornalista Antônio Clementino, vítima do oligarca.

Sob profunda tensão passou a viver a cidade, com seiscentos policiais acintosamente de prontidão no quartel, em formatura diária ou cercando quarteirões inteiros, principalmente o em que morava o candidato J. Brígido. O clima de forte intimidação se estendeu até à realização do pleito.

A prepotência anulava secções a seu bel prazer, e a fraude forjicava atas em localidades onde elas jamais se realizaram. *Venceram*, como sempre, os situacionistas. *Venceram* em todos os municípios do Estado. E veio o resultado *oficial*: Dr. Pedro Borges – 20.027 votos; e Dr. João Brígido dos Santos – 1.723.

Vale informar que 82 eram os municípios (dos quais 28 tinham foro de cidade, e os 54 demais, apenas a categoria de vila) e, de acordo com a Lei nº 764, de 12 de agosto de 1904, seus Intendentes eram simplesmente nomeados.

Em vão, qualquer desejo de reverter o quadro político. Pelos trâmites legais, quase impossível. Em tom axiomático, gabavam-se os situacionistas: "Quem tem mesa não come no chão e quem tem governo não perde eleição." A oposição, no entanto, fechava a guarda e investia.

Desproporcional o quadro na *Asembléia Legislativa*, cujos membros haviam sido eleitos em 1º de dezembro para o período de 1904-1908. Dos trinta deputados, apenas sete integravam a bancada liberal.

Todas as Câmaras Municipais de todo o Estado acompanhavam, por unanimidade, a política aciolista, tanto as eleitas a 1º de maio de 1904 quanto as de 1908. "Preparada para a luta no terreno legal, não podia a oposição descer à arena, para terçar armas com soldados pervertidos, e assim resolveu não comparecer às urnas..." – rezava o manifesto ao seu eleitorado.

Com a morte de Joaquim Oliveira Catunda, abriu-se vaga no Senado. Triunfa, uma vez mais, a oligarquia. O Dr. Thomaz Pompeu Pinto Accioly *derrotou* o Dr. Francisco de Paula Rodrigues (23.11.1908), homem honrado e muito rico.

Dirigindo-se ao Presidente da República, por meio de artigo na imprensa carioca, em maio de 1908, Frota Pessoa já havia feito pesadas acusações contra os meios fraudulentos e imorais de que lançava mão a oligarquia cearense a fim de manter-se no poder. É desse manifesto o excerto que se segue:

> "Se não há remédio normal para esses abusos, pode S. Ex. ficar certo de que a República está completamente perdida. A temporariedade das funções nos altos cargos de

investidura popular é da essência do regimen; e isso desaparece, se se permitir que um indivíduo possa se reeleger para o cargo de presidente primeira, segunda e terceira vez e possa ainda se fazer suceder por seus filhos e mais parentes próximos.

Que diferença há entre o despotismo e essa prática impudica? Entre uma dinastia hereditária e perpétua e o regimen estabelecido no Ceará que distinção há a fazer?

E observe ainda sua excelência que na farça de 11 de abril o escandalo sobe de monta porque o presidente em exercício nem mesmo se desincompatibilizou para a reeleição. Pois não renunciou ao cargo."

2.2 Contestação dos Intelectuais

As notas de insatisfação contra o sistema oligárquico, no Interior, se diluíam e não chegavam a uma orquestração. Claro que poucas não eram as perseguições, as injustiças, mas os oprimidos e inconformados apenas aguardavam em silêncio a oportunidade do revide. Os declarados inimigos da oligarquia tinham como *front* de seus ataques a Capital, bem como o Rio onde se encontravam muitos *exilados*.

O jornalista Yaco Fernandes[1] descarta a importância desses opositores e chega mesmo a ironizá-los:

> "São políticos que não têm partidos que os elejam para qualquer coisa; são pasquineiros impenitentes, educados na injúria e na difamação; são estudantes de Direito, que não possuem a esperança dalguma promotoria; são comerciantes, farmacêuticos, médicos, intelectuais, pequenos burgueses excluídos da admi-

[1] FERNANDES, Yaco. *Notícia do Povo Cearense*. Fort.: Imprensa Universitária da UFC, 1977. p. 220

nistração estadual, de que não participam exatamente porque apenas representam os próprios minguados e duvidosos valores pessoais; são os descontentes sistemáticos, os inquietos e os marginais."

Veio mostrar o decorrer dos fatos que a visão do historiador era no, mínimo, estrábica.

2.2.1 O Infrene Jornalismo de Tibúrcio Rodrigues

Foi, decerto, Tibúrcio Rodrigues de Sousa um dos primeiros a encetar sua artilharia contra a bastilha aciolina. Entrincheirado em *O Rebate*, zurziu, num período de cinco meses, com ousadia e muita inteligência, nas vinte e duas edições do efêmero jornal, sua caneta intimorata. Num estilo cortante, de frases curtas e de miniparagrafação, não poupou críticas contundentes, desabusadas, aos que integravam a grei situacionista.

Combatendo simultaneamente *A Republica* (situação) e *O Estado* (Rodrigues Júnior), Tibúrcio, debaixo de fogo cruzado, "iria expor *O Rebate*[2] cada vez mais aos furores dos áulicos, deixando-o ao mesmo tempo, sem a cobertura da oposição. Era um jornal contra tudo e contra todos, poder-se-ia dizer, ressalvando o idealismo dos redatores (também José Martins), que se guiavam por expectativas de padrões de comportamento político e administrativo ontem, como hoje, inatingíveis em uma sociedade necessariamente imperfeita, cujos erros e falhas devem constituir, no entanto, a motivação para a luta incessante contra o mal e o triunfo progressivo do bem"[3] – assim raciocina Geraldo Nobre.

---

[2] As oficinas de *O Rebate* ficavam na Rua Municipal (hoje, Guilherme Rocha), nº 16 - A, redatoriado por Tibúrcio e seu irmão J. Martins.

[3] NOBRE, Geraldo. *Tibúrcio Rodrigues, a Imprensa e a República*. Fortaleza: Sec. de Cultura e Desporto; 1986

Fatos de aparente irrelevância, como a revogação da lei que beneficiava um aposentado (Odorico Sigismundo de Arnaud), faziam o jornalista disparar sua rajada panfletária (trechos):

> "Não há exemplo de mais abjeto rebaixamento de um povo, de mais desbragado cinismo, de mais profunda e repugnante corrupção.
>
> Vende-se a justiça; a lei é uma cousa monstruosa, feita para apavorar o povo e eternizar o despotismo. Serve para todos os fins, para todas as torpezas. É o produto da chicana em conluio com a improbidade e a desfaçatez.
>
> Amolda-se a todos os caprichos, dobra-se a todos os interesses, ampara todas as infâmias. Só não serve para estimular a virtude e assegurar o direito; só não serve para amparar a liberdade e a honra". (Nº 15, 30.7.1898)

De caneta em riste, o infrene jornalista investe contra os espancamentos perpetratos na Capital e no Interior por parte da *Guarda Cívica* e dos delegados, contra a execrável Lei Nº 444 da *Assembléia Legislativa* eliminando a liberdade de imprensa ("Não se livrará da cadeia o jornalista que incontinente não vender a pena ao trêfego comendador!") e contra as descabidas gratificações concedidas ao capitão Cabral da Silveira e ao alferes Carneiro da Cunha (trecho do nº 16):

> "Nosso ataque, nossa censura, nossa revolta é contra o governo desonesto, que para ser agradável aos seus auxiliares mete mão criminosa nos cofres públicos, derramando o suor do pobre povo com a inclemência e o cinismo do despotismo inconsciente e improbidoso.
>
> E a nossa indigação avulta tanto mais quando nos recordamos que o governo enxotou

há bem pouco tempo da Santa Casa de Misericórdia a mais de 120 miseráveis que naquele pio estabelecimento recebiam a esmola de um pedaço de pão!"

O jornalzinho, que passou a bissemanal, com a extraordinária tiragem de dois mil exemplares, dava sinal de forte penetração, e, na opinião dos situacionistas, precisava receber uma lição. A folha passa, então, a ser arrancada das mãos dos gazeteiros e rasgada acintosamente em via pública. Tibúrcio, suando coragem por todos os poros, ele mesmo, sai pelas ruas entregando e apregoando seu jornal, indiferente aos arreganhos dos adversários.

Atrevidamente, sem medo de nada nem de ninguém, na vigésima edição, sob o título de *Venham*, lançou o desafio:

"(...)

Ainda anteontem correu na cidade tal notícia. Sem recearmos os ataques dos cobardes cujas misérias são condenadas pela opinião pública, e com a serenidade de quem cumpriu um dever, esperamos satisfeitos no nosso posto de honra, dispostos à reação de todos os terrenos, quando surpreendeu-nos a presença de grande número de amigos nossos, apreciadores desta folha, que espontaneamente se ofereciam para ajudar-nos na defesa das nossas vidas e propriedade ameaçadas ao assalto. Melhor verificamos então o que se passava, o que se dizia. Não tivemos mais dúvidas de que a cobardia dos aduladores e o cinismo dos ladrões tramavam a conquista do nosso silêncio, que o governo impatriótico do sr. Accioly não conseguirá obter.

De certo modo alegrou-nos a certeza de que alguns réus de improbidade, capitaneando alguns capangas assalariados pelo tesouro pú-

blico, transformado hoje em propriedade do comendador presidente, tentavam contra a existência d'*O Rebate*, denunciador intransigente dos gatunos oficiais.

Alegrou-nos, sim! porque ficamos esperando ocasião de mostrar ao governo e aos cearenses, como é que se defende um direito e enfrenta um tirano caricato desrespeitador das liberdades públicas.

Baldadamente temos esperado até hoje pelos lúgubres emissários governamentais.

Estamos vigilantes, e dispostos a defender a nossa tipografia, que não foi roubada.

Não tememos os arreganhos dos espoletas que querem prestar serviços aos desmoralizados amos.

Providências ainda não pedimos, nem pediremos ao governo.

Estamos firmes no nosso posto de honra, dispostos à resistência, até à bala, se preciso for.

O governo e os seus amigos querem a prova do que fica dito? Querem a certeza de que começa o fim deste governo que nos envergonha e mata de fome os desgraçados cearenses?

– Pois venham!"

Excertos do editorial da penúltima edição, a 21ª, intitulado *O Governo*, revelam o destemor de Tibúrcio Rodrigues, vazado na linguagem virulenta assacada contra o Presidente:

"Em todos os ângulos do Estado sente-se o efeito maléfico e tirânico do asfixiante governo do sr. comendador Accioly. S. exc. com um maquinismo infernal aparelhado atira um povo no abismo da degradação, do aviltamento, da desonra e pouco interessa a s. exc. os meios do

processo empregado, contanto que seus caprichos sejam satisfeitos, sua vontade obedecida, seu partidarismo exaltado e impondo-se pelo terror, pelo assassinato, pela absoluta falta de garantia da segurança individual e dos direitos sociais políticos; mantendo-se no Estado uma situação de horrores e crimes, em que só s. exc. é inatacável, invulnerável, e qual a mulher de César nenhuma dúvida deve ser arguida contra s. exc.

Sim; seus atos perniciosos não podem ser criticados porque s. exc. com menos intuição dos direitos sociais, do que os régulos absolutos sem educação política, dispondo duma Assembléia de *honórios*, conseguiu a lei nº 444 para abafar a voz triste, lastimosa e pungente da imprensa, que, coberta de chagas, acabrunhada de dores, ferida pelas setas atiradas pelo arco duma ditadura selvagem, era, embora até antes da lei nº 444, a única válvula de respiração a tanto sofrimento.

... morto moralmente o sr. Accioly, só seu nome execrando perderá a batalha em que os cearenses, restabelecendo seus direito, reconquistando suas liberdades, inscreverão o nome de s. exc. nas páginas negras da história dos tiranos. Então s. exc. terá o prêmio do despotismo negro, satânico e tétrico de seu governo, que na frase de Rocha Lima, de saudosa memória, é o "despotismo a bracejar com a anarquia."

S. exc. abafe a imprensa, consinta impunemente nos assassinatos dos Cearenses que não lhe acompanham na campanha da tirania contra os bons Cearenses, sacrifique os direitos do povo que governa, absorva suas liberdades, suprima os Municípios do Arraial, Soure e ou-

tros, faça-lhes a partilha, porque nos comícios eleitorais repelem da urna o jacobinismo de s. exc. e terá assim satisfeito os seus criminosos intuitos; mas aguarde a cólera suprema do povo contra a tirania de seu governo."

A prisão do negociante oposicionista José Vital, em Quixadá, pelo intendente Antônio Rodrigues de Carvalho indignou o destemido jornalista e forneceu-lhe elementos para mais uma diatribe. Sem medir palavras e conseqüências, no editorial da 22ª edição (31.8.1898), condenou a arbitrariedade e pregou, como alternativa única, a sublevação. Eis o fecho desse carbonário artigo intitulado *À bala*:

"O sr. Nogueira Accioly não quer nos dar a carta de alforria? Pois bem; sejamos livres contra a vontade prepotente desse caricato dominador de nossa terra!

Sejamos livres! Que vale o sacrifício de cinco ou seis, para a salvação de muitos mil?

Conquistemos a nossa liberdade, levantemo-nos!

Uma mulher, Carlota Corday, livrou a França de Marat.

E Carlota Corday nunca mereceu o nome de assassina!

Vai muito longe de Marat a um dos muitos bandidos que nos tiranizam.

Portanto, aquele que primeiro levantar o bacamarte e derribar o primeiro tirano, nunca será um assassino!

Será o nosso salvador, o precursor da nossa liberdade!

Não querem dar-nos a liberdade?

Pois conquistemo-la.

À BALA..."

No dia subseqüente, 1º de setembro, às três da tarde, o major Ranulfo Lima intimou o jovem jornalista a fechar a oficina e suspender a publicação de *O Rebate*. Malgrado essa ordem, o articulista conseguiu tirar a 2ª edição (apenas da 1ª página) do dia anterior da qual muitos leitores não haviam tomado conhecimento. No dia 2, pela manhã, a *Guarda Cívica* consumou o empastelamento. Não se dando por vencido, Tibúrcio conseguiu, entretanto, mandar imprimir boletins. Em um deles (4.9.1898), escrito com a espuma da revolta e do ódio, achincalha, ironiza e desafia:

> "(...)
>
> Diante de numerosa tropa embalada, disposta a espaldeirar o povo que se manifestou francamente inimigo do déspota-fujão, fomos forçados a fechar as oficinas d'*O Rebate* cujos editoriais eram umas tantas granadas que explodiam nos arraiais desfalcados do sr. Accioly.
>
> Não quisemos expor o peito dos patriotas às balas da soldadesca irresponsável.
>
> Eis porque cedemos à imposição da força bruta, que ainda hoje está apossada da nossa propriedade, impedindo até que tiremos de lá os acessórios pertencentes aos nossos tipógrafos.
>
> A entrada naquela casa, hoje cercada pelos corvos que defendem este governo apodrecido, está proibida!
>
> Tenha a nossa tipografia a sorte da fábrica de tecidos! Sejamos órfãos também!!!
>
> Esbulhados do que nos pertence, vendo a polícia impedir que abramos as portas de nossa casa, correndo iminente risco as nossas vidas, nem por isso estamos esmorecidos.
>
> Iremos adiante! O governo cometa mais desatinos, prenda, persiga, espanque, mate os oposicionistas, enlouqueça, delire!

Tudo pode conseguir, menos uma coisa: é intimidar-nos!

O despostimo não pode durar mais muitos dias.

O REBATE não morreu!

Defraudem as rendas públicas!

Odeiem os intemeratos *fenistas* que nos apoiaram sempre!

Joguem em palácio!

A assembléia esgote o suor do povo!

Persigam os briosos estudantes que estiveram ao nosso lado!

Abram mais casas de jogo!

Roubem! roubem mais ainda!

E O REBATE ressugirá, e, com mais coragem e patriotismo ainda, há de gritar:

BASTA, BASTA, malvados!!"

Abalado moralmente, condenado ao silêncio, não aceitando a fuga para a Amazônia, como muitos faziam, ele, pássaro sem asas nem canto, não resistiu e logo faleceu (27.9.1898).[4] Desapareceu – no dizer de Geraldo Nobre – "o corajoso defensor da moralidade pública que, se não tombara varado pelas balas das *comblains* policiais, fenecera de traumatismo ao se ver impedido de continuar dizendo a verdade. O seu falecimento ficou nos anais da história do jornalismo cearense como atestado impressionante de sacrifício pela liberdade de imprensa, em circunstâncias certamente raras, em que se evidenciou o

[4] Na lápide tumular do jornalismo, no cemitério S. J. Batista, foi gravado o último número de *O Rebate*. Um mês após sua morte (28.10.1898), saiu a publicação *Tibúrcio Rodrigues - Homenagem de seus amigos e admiradores* assinada por João Pereira, Padre Furtado, Padre Barbosa, Osmundo Penna, Freitas Ramos, Francisco Rodrigues, Solon Pinheiro, Leonel Chaves, Álvaro Martins, F. Parente, Rodrigues de Carvalho, Pedro Rocha, J. A. Teixeira Júnior, M. Pio, Sílvia e José Osterne.

idealismo de um jovem, de menos de trinta anos de idade, para quem a vida não teria finalidade se não estivesse a serviço de uma causa nobilitante."

Dentre as alegações do Governo para o fechamento de *O Rebate* (*A Republica*, 29.9.1898), figurava o maquiavélico argumento de que Carlos Miranda (Vice-Presidente) é que insuflara as idéias do assassínio de Accioly, veiculadas por Tibúrcio. Tal não era verdade. Queria a situação livrar-se de C. Miranda, o que de fato se deu. O fato é que se comentava uma insurreição, com invasão de Palácio e morte de Accioly para a noite de sexta-feira do dia 28 de outubro. O Promotor de Justiça, José Domingos Fontenele, denunciou uma dezena de suspeitos desse motim (muitos dos quais foram logo presos), entre os quais Antônio Florentino Cavalcante, Dr. Manuel Solon Rodrigues Pinheiro e o Coronel Antônio Cruz Saldanha e Álvaro Medeiros.

Não teria sido o 28 de outubro de 1898 o prenúncio do 24 de janeiro de 1912, dia da queda do Governo Accioly? Inconteste é a asserção de que o moço idealista tenha mexido com o imaginário coletivo, notadamente o da classe média, em que se inseriam os caixeiros e estudantes que o aplaudiam às claras.

2.2.2 João Brígido e Denúncia em Nível Nacional

Na gestão de Pedro Augusto Borges (12.7.1900-12.7.1904), figura interposta na seqüência aciolina, o jornalista João Brígido, que havia sido amigo íntimo e partidário do Dr. Accioly, entrou, com ímpeto e velocidade, na contramão do Governo.

O movimento autofágico na área do coronelismo, a essa época, provocava profunda desagregação, com a queda de muitos chefetes sertanejos e o surgimento de outros pertencentes à situação. Devia-se esse quadro de inquietação às ações matreiras do oligarca, que tudo aceitava e tudo fazia, tendo em vista conservar e conquistar adeptos para o seu partido. Para João Brígido (*Unitario*,

20.1.1904), "o Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly é, na verdade, potestade estranha e assombrosa. O executivo único do Ceará, o Juiz sem recurso, o legislador seu, exclusivo, o regulador da fortuna pública e privada e o árbitro dos destinos da terra."

Episódio de extrema gravidade e profunda repercussão política agitou o Ceará no dia 3 de janeiro de 1904. Lopes da Cruz, Capitão dos Portos, deu de *sortear* catraieiros e pescadores para o serviço da *Armada*. Contra tal procedimento, considerado inconstitucional, insurgiu-se o *Unitario*, chefiado por J. Brígido que impetrava *habeas corpus* em favor dos sorteados. Tamanha era a revolta dos trabalhadores da praia que resolveram declarar-se em greve de caráter pacífico. Por requisição de Lopes da Cruz, numeroso contingente policial foi enviado para forçar os catraieiros a voltarem ao trabalho. Quando a massa popular, que se formara, por mera curiosidade, em torno dos grevistas, menos esperava, deflagrou-se terrível tiroteio por parte da soldadesca, causando pânico, horror e sangue. O saldo da hecatombe apontou sete mortos e mais de oitenta feridos!

A multidão enfurecida carregou nos braços o cadáver do jovem comerciante português Adelino Marques Dias e o levou às portas do Palácio. Ante a ruidosa manifestação, o Governador assomou a uma varanda e ordenou à soldadesca –: "Desperse esta canalha!" Do meio do povo, de mãos ensanguentadas, Francisco José do Nascimento, o *Dragão do Mar* (era casado com Ernestina Brígido, sobrinha de João Brígido) gritou em resposta: "Queremos Justiça!" E o povo fez coro: "Justiça! Justiça!" Alguns tiros para o alto. Ninguém arredou o pé. Recolheu-se Pedro Borges. Os policiais botaram o rabo entre as pernas. Conclui Edmar Morel (Vendaval da Liberdade, 1967): "Vence a canalha da rua." O comércio em solidariedade cerrou suas portas e o *Unitario* transformou-se no quartel-general da revolta das vítimas do bárbaro massacre.

Foi deste episódio em diante que a pena intimorata de Brígido, rompidos todos os elos que o prendiam à situação, começou a vergastar o poder oligárquico.

Poucos meses depois, o jornalista, que se encontrava no Rio[5], concedeu ao representante do *Comércio do Brasil*, importante *interview*, reproduzida em o *Unitario* (15.2.1904), do qual era redator-chefe. Eis alguns tópicos dessa trepidante entrevista:

> "A oposição que existia antes de 3 de janeiro no Ceará não tinha representação na imprensa, nem chefe ou diretório único: constava de grupos dirigidos por diversos homens políticos. À força de não encontrar justiça alguma no Chefe da União, recolheram-se ao silêncio, fazendo apenas protestos de reprovação ao que se passa no País. Estes grupos oposicionistas no entanto, representavam a quase totalidade do povo do Ceará, pelo menos, três quartas partes.
>
> (...)
>
> Ao findar essa administração, já muito desastrosa para o Ceará, o Dr. Accioly tinha assumido como que uma ditadura, e foi ele quem, a despeito de muitos avisos e conselhos de amigos mais ponderados, fez seu sucessor o Dr. Pedro Borges, homem quase alheio à política, sem letras, sem ciência, sem educação adequada. Ele mesmo não tem toda a culpa dessa escolha que lhe foi imposta no Rio de Janeiro.
>
> (...)
>
> Acumulando todos os poderes e faculdades, (o Dr. Accioly) é rei absoluto. Não há mais câmaras municipais, porque chamou a si a no-

(5) Um dos objetivos da viagem de Brígido era operar-se de catarata com seu amigo Dr. Moura Brasil.

meação dos intendentes que fazem as qualificações de eleitores, excluindo a quem lhes parece contrários e fazendo votar em mesas que eles designam. Não há mais juízes garantidos no seu cargo, porque ele tem a ampla faculdade de remover e de demitir pela supressão dos distritos e ainda pela atribuição que assumiu, de mandar um juiz exercer as suas funções criminais em distrito alheio conforme apraz aos intentos de condenar ou absolver.

Não há mais orçamentos de despesas, pois que dependem de sua fantasia, certo da aprovação dos créditos suplementares que ele abre a si próprio em congressos que são eleitos a bico de pena.

(...)

Há monstruosos processos em diversos pontos do Estado, salientando-se o que ora se faz contra o capitão da Câmara Municipal, Antônio Clementino[6], gerente do jornal *O Ceará*, a pretexto de ter pensado em atentar contra a vida de um cabo de política que, acompanhado de duas praças, o atacou traiçoeiramente, deixando-o por morto nas ruas da cidade, algumas horas antes de o Dr. Accioly investir-se na Presidência."

Como as represálias nunca tardavam, o *Unitário*, dada a causticidade da linguagem desabrida do seu diretor-chefe e do jornalista Hermenegildo Firmeza, foi empastelado na madrugada de 28 de janeiro de 1906. No mesmo ano, dia 21 de abril, reabria suas portas e a luta continuava.

[6] Antônio Clementino, depois de jogado semimorto numa enxovia, conseguiu, com a ajuda de J. Brígido, dali ser retirado e embarcar, às escondidas, para a Amazônia a fim de não ser assassinado.

Vejamos como inquietava a pena liberal do jornalista. No artigo *Emigração* (*Unitário*, 16.5.1907), cáusticas são suas palavras contra o Governo e seus Deputados Federais –:

> "(...)
> É genial a toupereira de Palácio!
> Na vida econômica de um Estado cada indivíduo válido representa um capital em movimento: o empenho de um Governo que não tivesse a inépcia de um Acióli seria represar, por todos os meios justos ao seu alcance, esses capitais que vão fugindo.
> Cada um dos que agora nos abandonam leva consigo uma percela do nosso engrandecimento, que retarda por causa de um Governo, cujo papel é explorar o povo que subjugou a mão armada.
> Disponha, embora, a seu talante, dos dinheiros públicos, não há calamidade maior que o mova a decretar uma só medida de salvação.
> Nenhum dos treze com o apelido de representantes do Ceará que tem assento nas altas Câmaras do País teve jamais de levantar a voz para proferir uma frase em favor deste inditoso torrão; ao contrário porém, a mando do paxá, tiveram já de gritar com veemência que o Ceará nadava em prosperidade quando um sol de fogo lhe lambera os prados, estorricava as fontes.
> Não fora a voz da imprensa livre, tivesse a benemérita associação Comercial silenciado e até hoje o Governo da República estranharia no que no Ceará, até 10 de abril, a seca estava manifestada pronunciada..
> (...)
> Falta-nos saber se o Ceará continuará a suportar o jugo desse homem nefasto que acabará por aniquilá-lo, assim não seja arredado da pública administração."

Noutro comentário (*As Tiranias*, *Unitário*, 27.6.1907), insurge-se Brígido contra a opressão, a injustiça, e vaticina a sublevação:

> "(...)
>
> Ainda agora, contra eles surge um brado de revolta de todos os pontos do Estado, provocado por esse tributo ilegal sobre as terras. Murmura também o comércio, que até o direito de voto numa eleição propriamente sua lhe roubaram os tiranos.
>
> Clamam de mãos à cabeça centenas de órfãos e viúvas que se viram expulsas das suas cabanas, postas em leilão pelo fisco para pagamento de impostos. Gemem outras abandonadas na miséria, com os filhos no colo, cujos maridos o punhal do assassino roubou, exemplos: a viúva de Ouriculo Bandeira, escrivão da Relação, morto por um soldado dentro do posto policial; a do infeliz José Lino, morto por outro, que os poderosos da situação acabam de absolver no júri com espanto da Cidade em geral, e outros ainda!
>
> Todo esse rugido de dor um dia explodirá.
>
> Isso que faz sofrer ao povo constitui mais que os gregos faziam desta; era, mais ou menos, o que refere Saint-Hilaire; uma usurpação violenta contra as leis e os costumes e um egoísta no Poder em proveito de um só, com detrimento da comunidade. Bastavam, acresta o mesmo, esses dois caracteres para que o tirano fosse legitimamente detestado e sua morte fosse admirada como um ato de heróismo e de utilidade pública.
>
> Bem desejáramos fazer aos Srs. do Ceará emendarem a mão, na carreira dos crimes, mas parece escrito que os seus destinos se devam completar.

O povo, na antiquíssima frase, é leão adormecido, que um dia desperta. Nessa hora de angústia para os dominadores de hoje, os primeiros a avançar contra eles serão os mesmos cães que lá farejam ossos agora, mudados amanhã com outras coleiras.

O apunhalador de César saiu das suas próprias hostes, foi Bruto (sic), que passava até por seu filho."

2.2.3 A Demolidora Ação de Frota Pessoa

Do Rio, Frota Pessoa[7], com base em documentos, enviava ao Ceará folhetos condenatórios à política aciolista, em forma de carta, intitulados *Contra os Furtadores*. Na sua *Terceira Carta ao Ceará - Contra os Furtadores*, junho de 1907, disseca o Orçamento e, nele, encontra inúmeras razões para condenar furtos e falcatruas. Mostra ainda a efetiva ditadura instalada no Estado, com requintes de violência e predomínio da injustiça, cuja "onda vermelha rola do sertão às vezes e traz a espuma ao litoral", e execra a Reforma da Constituição.

Desse trabalho (27 páginas), pincemos, para melhor juízo dos leitores, alguns tópicos conclusivos:

"Como explicar a resignação dessa gente brava e simples, a sua cooperação, embora passiva, nesse regimen de latrocínios, de corrupção, que o derrota, o martiriza e o desdoura?

(...)

Dessas violências, dessa perpétua desordem, do desbrio, da cobiça e da rapacidade dessa gente a fama corre. Nesta capital esses

[7] O sobralense José Getúlio da Frota Pessoa (1875-1951), radicado no Rio, como jornalista e sociólogo, escreveu nas principais folhas cariocas e deixou publicada uma dezena de obras.

assuntos são vulgares e fartamente explorados pelas secções pilhéricas dos jornais e pelas revistas de caricatura. A figura típica do oligarca, só ou rodeado pela sua tribo, tem sido caricaturada inúmeras vezes com intuitos pejorativos. Doi nisso o ridículo que ressalta sobre a terra o infeliz. Não, Ceará! Não mereces a dura infâmia desse domínio!

(...)

É que a matilha que te cerca e guarda tem as presas agudas e o ventre exigente: em torno de ti vive desaçaimada e ávida, repastando-se na miséria do povo. Mas esse povo te maldiz e te exacra, tu o sabes também, porque a tua tirania é odiosa, é degradante e sórdida.

Tu ainda subsiste, explorando, ultrajando e conspurcando a minha terra, porque os que te poderiam punir e enxotar vendam os olhos quando se voltam para ti, e porque as leis da República não têm executores.

(...)

O vulpino oligarca, em 1905, fez uma reforma na Constituição do Estado. Por quê e para quê? É o que direi sucintamente. Entre a sua atual administração e a anterior (1896-1900), ele se fizera substituir durante os quatro anos do impedimento legal por um caixeiro que lhe parecera dócil. Durante esse quatriênio ele viera esparecer no Senado. Mas o caixeiro ia dando em infiel. Assumiu o governo, feito para trair o patrão, tomou atitudes, falou grosso, deitou mensagens com insinuações... Mas, ou porque lhe repugnasse a infidelidade, ou porque sentisse o terreno falso, recuou antes que se comprometesse muito e entrou de novo nos eixos. Ora, não fosse o escrúpulo ou a covardia do preposto e hoje o oligarca estaria irremediavel-

mente despojado das insígnias e vantagens. Deste susto jurou ele que o não haviam mais de matar.

E, reunindo em 1905 a sua assembléia, reformou a Constituição...

(...)

... a oligarquia no Ceará é da família. Todos os que não são da família, aliás imensa nas suas ramificações, não passam de instrumentos. Esses instrumentos são figuras humilhadas que não se rebelam por falta de coragem, mas que se incorporam insatisfeitos ao primeiro movimento libertador.

(...)

E se o tentarem, tanto melhor para o Ceará e tanto pior para eles. Neste caso não será o povo responsável pela conflagração, nem pelo sangue derramado. E antes batismo vermelho na conquista da sua liberdade e na defesa da sua propriedade e da sua honra, do que a covarde inação perante o ignominioso domínio. Entre viver sufocando e arriscar-se aos azares de uma nobre e generosa luta, este é certamente o melhor caminho."

A ação demolidora por excelência do Dr. Frota Pessoa vem contida nas 250 páginas do seu *O Olycharca do Ceará*, com o subtítulo *A Chronica de um Despota*, impresso no Rio, em 1910. O prefácio dá a dimensão exata do conteúdo da obra (trecho): "No Ceará não há um problema *político* a resolver: e sim um problema da polícia e dos tribunaes." Na parte inicial do trabalho, mostra o autor, com base em documentos, *O Estelionato dos Subsídios* (11:172$000) por parte de Antônio Pinto Nogueira Accioly que, eleito Presidente do Estado para o quatriênio 1896-1900, continuou recebendo seus proventos como Senador Federal, uma vez que matreiramente não renunciara ao

mandato legislativo, como mandava a lei. É como advogado que F. Pessoa traz ao conhecimento do Juiz Federal da 2ª Vara o crime praticado contra a *Fazenda Pública Federal*. A propósito dessa providência judicial, o *Jornal do Comércio*, na edição vespertina de 2 de junho de 1910, fez estas apreciações:

> "O velho Presidente do Ceará anda, na verdade, muito caipora. Político experimentado e manhoso, não lhe foi difícil conservar por dilatados anos uma absoluta suzerania sobre os homens e as cousas de sua terra. Agora, porém, a sua estrela, que começou a declinar com a aparição da avantesma do Marechal Hermes, em maio do ano passado, esmaece positivamente e já quase se apaga de todo no crespúsculo final.
>
> A oposição cearense, cansada de apelar para tudo, atirou-se a um remédio heróico, bradando por uma espada salvadora que viesse libertá-la do opróbrio de semelhante situação. (...)
>
> Com essa prioridade nasceram inúmeras inquietações para a vasta família açambarcadora. Fiados nas promessas do Marechal, os oposicionistas de Fortaleza criaram alma nova e reavivaram a campanha contra o potentado, que ora reage de frente, pela violência,ora se esgueira de flanco, pelos processos tortuosos, que servem para adiar a derrota, quando não para trazer o cansaço aos adversários. (...)
>
> O Presidente Accioly vê-se hoje, por culpa própria, na embaraçosa situação de um quase denunciado. O representante do Ministério Público tomou da queixa do Dr. Frota Pessoa, examinou-a, foi ao Tesouro estudar os documentos originais a que se referiam as certidões, pensou, refletiu e convenceu-se de que havia no ale-

gado muita cousa de sério a apenar, pelos processos regulares de formação de culpa e subseqüente julgamento pelo magistrado competente do Foro Federal.

Mas acontece que o indiciado tem imunidades, tornando-se por isso necessário que o Congresso Estadual conceda licença para que a ação da Justiça Pública possa prosseguir.

Essa sentença forçosamente há de ser dada. Se os legisladores cearenses se recusarem, terão lavrado contra o seu próprio chefe e amigo a pior das condenações."

Nessa obra política, Pessoa denuncia emprobatoriamente o peculato das pontes e condena o empréstimo de 15 milhões de francos contraído na Europa, sob pretexto de construção das obras de esgoto e abastecimento de água de Fortaleza.

A reeleição de 1908 é ali comentada com toda crueza, através da transcrição de artigos já publicados na imprensa, notadamente na Secção Livre do *Jornal do Comércio*. Ali vêm detalhados os atos de violência da grei aciolina contra acadêmicos, como Joaquim Pimenta e Florêncio de Alencar, e contra professores, tais quais Rodolfo Teófico e Agapito Jorge dos Santos. O terror no interior cearense é detalhadamente exposto no capítulo *O Banditismo – Scenas de Horror*, como conseqüência do "domínio de sangue e lama" imposto pelo oligarca.

Todas as chagas da improbidade administrativa estão ali autopsiadas, com laudos fundamentados e irrefutáveis, como nesta passagem:

"No quatriênio de 1904 a 1908 arrecadou (o Estado) cerca de 14.000 contos e também nesse período não fez despesa alguma de interesse público. E os 14.000 contos sumiram-se na voragem.

Atenda ainda. O Oligarca e a sua família, segundo as últimas estatísticas que possuo, pesam no orçamento do Estado com 274 contos anuais, assim discriminados:

1 Oligarca	45:000$000
4 Filhos	47:800$000
2 Genros	24:600$000
1 Cunhado	9:000$000
5 Sobrinhos 30 Primos 13 Parentes afins	147:600$000
Total	274:000$000"

2.2.4 A Improbidade Governamental na Acusação do Padre José Barbosa

Que postura teria assumido o clero nessa quada do comando aciolino? A filosofia de que *se hay gobierno soy contra* não era corrente nas alas clericais. Os sacerdotes, que se declaravam políticos militantes, formavam, em grande maioria, na confortável facção situacionista, como os deputados Francisco Máximo Feitosa e Castro (Ipu), Mons. Vicente Pinto Teixeira (Capital), o vereador Antônio da Graça Martins (Limoeiro do Norte). D. Joaquim José Vieira (1884-1912) era amigo íntimo e conselheiro do Presidente, e Mons. José Quinderé, um ardoroso defensor, como o revela carta endereçada a Hugo Victor (30.6.1950) e depois publicada em folheto de quinze páginas.[8] Igualmente declarado admirador era Mons. Bruno da Silva Figueiredo. Poucos os que preferiam privar-se das *benesses* palacianas, como o Pe. Francisco Ferreira Antero (Icó), o sacerdote José Barbosa de Jesus (Pacoti) e o Pe. Furtado.

---

[8] QUINDERÉ, José. *Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly*. Fortaleza: Tip. Minerva; 1950.

Em jornais da Capital e na *Gazeta de Notícias*, do Rio, combateu sem medo a improbidade governamental, veiculando pesados artigos, posteriormente transformados em folhetos – *O Caso do Ceará em Face dos Direitos e dos Fatos*, 100 p. 1914; *O Ceará, Vítima de Explorações e Roubos – Abastecimento e Esgoto-Protesto*, 140 p. 1918; *O Presidente do Ceará – Abastecimento e Esgoto*, 48 p. 1912.

A página, que aqui transcreveremos, exibe a impetuosidade desse ferrenho contendor:

"O comendador Nogueira Accioly submeteo o povo do Ceará ao tacão de sua bóta; durante muito tempo cantou o hymno da victoria; em melhores tempos foi o vencedor pela traição e pela fraude; em desaccordo com a lei colloca acima do direito e da justiça a fome insaciavel de dinheiro e a política de perseguição e barbaridade contra todo aquelle que se recusa tomar parte em seo particular systema de corrupção; a lei prohibe o roubo e o commendador Nogueira Accioly é levado aos tribunaes, no Rio de Janeiro; onde foi denunciado pelo crime de estellionato, na especie, e roubo ao Thesouro Nacional, na importancia de onze contos e tantos, sem que os restituisse; a lei prohibe o máo emprego dos dinheiros publicos, e o commendador Nogueira Accioly, a titulo de *melhoramentos*, que nunca fez, redusio o Ceará á mais profunda e maior miséria; a lei prohibe o espancamento e a morte, e o commendador Nogueira Accioly, podendo impedir, consente, approva o morticinio de creanças á pata de cavallo e á bala, na praça do Ferreira; a lei manda punir o crime, e o commendador Nogueira Accioly deixa na impunidade todos os crimes commetidos pelos seos correligionarios; e para cumulo de maior despreso, maior afronta ao povo do Ceará, o commendador Nogueira Accioly promove officiaes e praças de policia porque são autores de maiores crimes!..."[9]

---

[9] JESUS, José Barbosa de. O Ceará Victima de Explorações e Roubos, p. 10-11.

A situação leva no deboche as alfinetadas que o sacerdote *maloqueiro* publicava em *O Estado*. Com freqüência, o jornal oficial, em vez de refutar as acusações, limitava-se ao achincalhe grosseiro:

"O Padre Jesus no "Estado"
Descrevendo o Manifesto,
Teve o destino funesto
De sair todo borrado.

Vejam leitores que idéia!
Que lembrança luminosa!
Pois botaram "diarréia"
Por sobre o Padre Barbosa."

(A Republica)

O desapontamento do padre Jesus, ante os caminhos ou descaminhos tomados pelos senhores do período republicano estendia-se a quase todos os intelectuais da época. "Quando se consagra a *Política dos Governadores* – escreve Gleudson P. Cardoso em ensaio publicado em *O Povo*, 24.1.98 – a maioria desses letrados se desencanta com o regime republicano; por tornar-se cada vez mais restrita a sua inserção no quadro sócio-político e, sobretudo, pelo fato de os seus ideais não se consolidarem diante do novo contexto social."

2.2.5 Antônio Salles e o Babaquara

O intelectual Antônio Salles que se considerava "exilado" (tanto quanto Gustavo Barroso, Farias Brito, Justiniano de Serpa, Godofredo Maciel, Américo Facó, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu, João Lopes, Cândido Jucá, Carlos de Vasconcelos, Márcio Linhares, Oscar Lopes, Álvaro e Artur Bomílcar, e Belisário Távora, muitos por perseguições políticas) combateu em jornais cari-

ocas e na obra *O Babaquara*[10], de forma tenaz e irônica, o velho oligarca.

O trecho de uma croniqueta, que abaixo reproduzimos, dimensiona os ataques do nosso *padeiro*:

> "No Ceará, reina, incontestado e sublime,o egrégio comendador Acióli. Sem desfazer na seca, não há nada ali de mais grandioso do que essa figura de patriarca antigo, cuja prole imensa se estende por trás dele, numerosa como as ondas do mar, como as carnaubeiras dos prados, como as legiões de retirantes em meio dos sertões esbraseados..."

No Governo de P. Augusto Borges, foi criada (1º de março de 1903) a *Faculdade Livre de Direito do Ceará*, tendo como diretor honorário o Dr. Accioly. Seus filhos, Tomás Accioly e Antônio Accioly ali lecionavam, respectivamente, Direito Internacional e Direito Civil. O genro, Capitão Raimundo Borges, Chefe de Polícia e comandante do Batalhão de Segurança, freqüentava, como aluno, essa academia. Não tardou a ironia de Salles vazada nos seguintes decassílabos:

> "Nessa ex-terra da luz, onde domina
> dos Aciólis a treda dinastia,
> consta haver uma escola onde se ensina
> Direito – até parece uma ironia!
>
> Contra os alunos dessa Academia
> a polícia o seu raio hoje fulmina,
> e, ante o direito da pancadaria,
> a força do Direito se elimina.

[10] SOARES, Martim. *O Babaquara – Subsídios para a História da Oligarquia do Ceará*. Rio de Janeiro: 1912

Da polícia o famoso comandante
é genro do Acióli e é estudante,
e, se ele nos colegas dá pancada,

é para lhes mostrar bem claramente
que a escola se fundou unicamente
pra doutorar os filhos da ninhada..."

Nas 160 páginas de *O Babaquara*, cujos originais foram concluídos em outubro de 1911, Salles, sob o pseudônimo de Martim Soares, objetivava a desmoralizar o velho oligarca, arrancar-lhe a máscara, condenar-lhe os desmandos, o nepotismo, os gestos de violência e tirania contra os que cometiam o crime de não aceitá-lo como intocável patriarca.

No libelo, o idealizador da *Padaria Espiritual* fez desfilar os atos de truculência praticados contra o deputado Francisco Jamacaru, contra o ex-vice Presidente Carlos Felipe Rabelo de Miranda, contra Rodolfo Teófilo, o *Apóstolo da Vacinação*, contra os deputados federais Ildefonso Lima e Agapito Jorge dos Santos... Com veemência, em tom catilinário, condenou a falta de liberdade de pensamento, culminando sempre com o espaldeiramento de jornalista e o empastelamento das oficinas. Descendo a particularidades, mostra o Presidente, o *Babaquara*, como aficionado do jogo do bicho, e aos seus familiares empresta codinomes pejorativos, como o *Jaburu* (Antônio Accioly Filho), *Bibiu* (Hildebrando Accioly)...

Salles, em suma, oferece, nesse trabalho, tendo em vista o julgamento da História, um quadro, no seu dizer, "da vida social e política do Ceará sob o predomínio da Oligarquia que o oprimia, roubava e envergonhava."

Certa feita, um amigo do poeta pediu-lhe que esquecesse o velho Accioly, respeitasse seus cabelos brancos, ao que, comenta-se, teria Salles respondido: "Não respeito o homem pelos seus cabelos brancos. Os canalhas também envelhecem."

2.2.6 A Voz Liberal do Poeta Quintino Cunha

O advogado e poeta Quintino Cunha não pode ficar fora deste elenco de intelectuais que repudiavam o regime tirânico do Comendador. Na ardilosa Convenção do *Partido Republicano* (20.12.1911), fora o padre Cícero proposto ao cargo de Vice-Presidente (terceiro). Quintino adverte o sacerdote contra a manobra de Accioly e exproba o procedimento da folha oficial e do Chefe de Polícia, genro do Presidente, Carneiro da Cunha. Eis, ao pé da letra, as palavras de admoestação (15.1.1912):



CARTA PUBLICA

Ao R.mo Snr. Pe. Cicero

Considero-vos um sacerdote, despido da torpe vaidade humana, do fatal egoismo, da permiciosa ambição, que tanto perturbam o criterio dos justos como maculam os sacratissimos preceitos do Christianismo. Considero-vos uma alma simples que apenas vê, na vossa indicação á Vice-governança, uma especie de premio aos vossos altos dotes religioso e civil.

Em resumo: um sacerdote talhado para as lutas do pensamento; e, sendo assim, pelo povo opprimido vos fallo:

Aqui, a política do governo é ferrenha e fatal, pelo que vos deveis presar-se de não a conhecer.

O governador do Estado, não é um fino, é um finório espertalhão das dusias, olhando ao lado de fóra, nas localidades quem é mais valente, e materialmente quem deverá nos atritos locaes ser o seu futuro amigo.

Elle não tem dedicados, porque é feioso e malcontido na menor parcella de generosidade.

Não tem amigos, dispondo apenas de uns alugados, por preço modico. Elle não prefere o mais justo, prefere o mais materialmente forte. Não vêdes os brutaços com que elle vive?...

Basta pensardes, Senhor meu, que nada fisestes ainda a *politica humana* cearense, para vos esbarrar, no fim da vossa gloriosa vida, com um presente grêgo, e uma decepção exdruxula.

Quando quizestes elevar á Villa o Joazeiro, fostes victima de uma espionagem infame e não de interpretes leaes; não foi a qualidade dos vossos servos, mas a quantidade que, perante essa gentalha, vos deu ganho de causa.

Elles affirmavam, á surdina, que ereis uma sorte de Conselheiro mais perigoso porque ereis padre!... Que com o numero de vossos *filhos*, fariam a maioria do eleitorado!...

A "Republica", sabeis, é um cano por onde se escoam todas as grandes bandalheiras inventadas, e criminosamente infamantes, contra a Igreja Catholica, de quem sois digno pastor.

Eu vos affirmo e vós a tendes lido.

O braço direito das torturas do bacharel governador, é o Carneiro da Cunha, que é um homem hediondamente exagerado, e eterno atassalhador das irmãs de caridade, das freiras, dos padres e de tudo que cheira a Christianismo; pois bem, se quizerdes tirar a prova de que sois um nullo para esses usurpadores, exijaes a demissão desse desorganizador da sociedade como desaffronta a nossa Igreja!... Vereis; como sereis recebido!

Ah, se o vosso espirito baixasse, ás torpes e malditas notas diarias desta terra!

De acordo haverieis de sahir como Jesus, limpando o pó das sandálias.

Senhor, abandonae, alma bôa e simples, santificada pelo convivio feliz dos nossos sertanejos, abandonae a exploração maldigna do vosso prestigio, que é para o governo simplesmente material e occasional.

Pelo vosso sacratissimo voto de castidade e de amor ao proximo, abandonae a exploração ridicula do vosso nome á Vice-Presidencia do Estado, que isso vos vem como uma injuria ao vosso merito.

Estão agonisantes, e vós bem podeis ministrar-lhe a Santa uncção, para que ao menos, elles que não souberam viver sinão derribando a Igreja, levem ao tumulo o perdão que se concede aos fracos de moral christã.

As vossas excelsas virtudes periclitarão com a vossa relutancia.

Abandonae-os!

Padre, o vosso Palacio é a Igreja.

Servo obediente,
QUINTINO CUNHA



A verve do humorista e os extraordinários dons do orador foram sempre postos em defesa dos liberais. Malgrado às alegativas de D. Mamina, sua progenitora, de que deviam muitos favores à família Accioly, Quintino não se controlava.

Sua filha Lourdite Cunha, no livro *Quintino Cunha*, p. 97, traz este depoimento de Gastão Justa:

> "Quintino Cunha se agigantou nos comícios públicos, realizando uma consagradora jornada oratória. Por toda a parte só se ouvia a voz do poeta. No Café do Comércio, localizado, ao tempo, num ângulo da Praça do Ferreira, bem em frente ao prédio onde hoje está instalada a *Broadway*, era o Quartel General dos vanguardeiros da oposição. Era de lá, trepado numa de suas bancas que Quintino gesticulando, com um lenço na mão, olhar fusilante, através dos óculos de vidros grossos, cabeleira vasta, com um cacho caído ao lado da testa, voz retumbante a clamar: – Patrícios! Patriotismo n'alma, palavra no cérebro e armas nas mãos. A Paz armada é o grande exemplo das nações modernas."

> "Todas as noites havia meetings
> Na praça do Ferreira
> Falava Quintino Cunha
> E era grande a pasmaceira,
> Viva ao Franco Rabello
> O militar heroico e belo
> Que venceu, não é brincadeira."

2.2.7 Rodolpho Theophilo – O *Outdoor* Ambulante da Oposição

Outro vulto que, através das ações e do trabalho jornalístico e do histórico, mais deve ter influído na formação da opinião pública contra o *status quo*, foi o farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo. Sem curvar a espinha a qualquer tipo de perseguição e retaliação, o *Varão Benemérito da Pátria* não fugiu nem para a Amazônia nem para o Rio, como o fizeram muitos dos seus coetâneos. Permaneceu em Fortaleza, como industrial e sanitarista, enfrentando toda sorte de persecuções, e de todas elas saindo vitorioso. "Pensei – escreveu ele – que não me filiando à politicagem da terra, vivendo exclusivamente para os meus livros e no meu laboratório farmacêutico, dando uma parcela de meu tempo ao bem público, escapar do garrote do Governo e enganei-me".

Em outro trabalho[11] já nos ocupamos da luta insana do *Apóstolo da Vacinação* a partir de 1900, empenhado na erradicação da varíola no sofrido torrão devastado pelas secas e pestes. Sem qualquer ajuda oficial, o sanitarista, contando apenas com seus parcos recursos, montou o *Instituto Vacinogênico* (Boulevard Visconde de Cauipe, nº 4) para o fabrico da linfa salvadora, uma vez que a vacina que, de tempos em tempos, era enviada do Rio, não apresentava os resultados esperados. Submetida a linfa fabricada pelo nosso cientista ao *Instituto de Manguinhos*, do Rio de Janeiro, constatou-se a sua real eficiência, ao ponto do Dr. Oswaldo Cruz tê-la considerado *perfeita*.

Como ninguém se apresentasse para ser imunizado, o Dr. Teófilo, montado no seu cavalo branco, portando uma maleta com o medicamento, saiu de casebre em casebre, pelos morros e arreias escaldantes, catequizando as pessoas, chegando mesmo a pagar a quem aceitasse o benefício da vacina.

---

[11] SOMBRA, Waldy. Rodolpho Theophilo – O Varão Benemérito da Pátria – Vida e Obra. Fortaleza: 1997; 318 p.

Os situacionistas em *A República* e no *Tempo*, com o evidente apoio na *Inspetoria de Higiene*, tentavam inibir a ação profilática do desprendido sanitarista, levando-o ao ridículo. Na guerra suja, as folhas oficiais condenavam a eficácia da linfa fabricada no Ceará e espalhavam aos quatro ventos ser despudor para as mulheres a aplicação e ter o cidadão o direito de recusar a duvidosa vacinação. Era de vê-lo, a cavalo e de guarda-sol, pelo Morro do Moinho, pelo Alto Alegre ou Jacarecanga, por meses e meses – qual D. Quixote – exercendo o apostolado da benemerência contra a terrível e mortífera peste.

Essa campanha, que já ganhava a aceitação da massa popular, continuou exposta ao deboche do pasquim *Tempo:* "A linfa do Sr. Rodolfo Teófilo é mesmo uma maravilha. De uma criança, sabemos nós, que tendo sido vacinada pelo manhã, à tarde era com os anjos. Não resistiu a inocente criaturinha ao frouxo que a linfa lhe produziu."

Em *O Babaquara*, p. 45, Martim Soares comenta a hostil atitude governamental ao trabalho profilático do sanitarista: "Ora, o Governo tem à mão gratuitamente a linfa preparada no Instituto de Rodolfo Teófilo e não somente não emprega, por ser preparada por um adversário, como procura torná-la suspeita à população, por meio de injúrias e calúnias."

Em tom vitorioso, o emérito benfeitor (*Cenas e Tipos*, p. 135) desabafaria depois: "Continuei apupado e apedrejado pelo Governo, mas venci, graças ao beneplácito de Manguinhos."

Toda essa odisséia que culmina com a erradicação da varíola em todo o Ceará e com o título de *Varão Benemérito da Pátria* para o idealizador, vem pormenorizadamente narrada no *Varíola e Vacinação no Ceará*, 1904, obra recentemente reeditada pela *Fundação Waldemar Alcântara*.

Rodolfo, funcionário vitalício que era, com vinte anos de magistério, foi demitido[12] como professor do *Liceu do*

[12] R. Teófilo foi exonerado pela Lei Estadual nº 1878 de julho de 1904.

Ceará. Essa humilhante perseguição ofereceu-lhe matéria para o opúsculo *Violência – Liceu do Ceará*, 1905.

Por essas e muitas outras injustiças, o venerável cidadão, homem de lealdade e honestidade insuperáveis, se filia ao grupo dos antiaciolinistas incuráveis.

Em *Secas do Ceará – Segunda Metade do Século XIX*, 1905, o solitário do *Alto da Bonança* inquieta, fere e desmoraliza o grupo governamental que se omitia na assistência aos retirantes que se contaminavam, que morriam de fome e de peste. "Éramos um povo deserdado e sem dono. O Chefe do nosso estado não se apercebia deste escárnio" – deixou escrito na página 45 desse trabalho.

Em que pese à derrocada de Accioly em janeiro de 1912, Rodolfo, no seu papel de escritor, continuou analisando e anatematizando aquele quadra despótica, desastrada e desumana. E isso o faz, de maneira criativa e irônica em *Memórias de um Engrossador: homens e cousas do meu tempo*, Lisboa, 1912, em que narra, na primeira pessoa, a vida mirabolante do amigo de Accioly, Dr. Graccho Carneiro, o engrossador[13].

Na sua obra documental, de 418 páginas, *Libertação do Ceará (Queda da Oligarquia Accioly)*, Lisboa, 1914, o escritor faz o registro intimorato dos fatos políticos, dos desmandos, das violências, do desastre financeiro, da dilapidação do erário público, do peculato, das falcatruas que marcaram os vinte anos do Governo de Antônio Pinto Nogueira Accioly, no fim do século passado e início deste, e a conseqüente queda do Comendador.

Waldery Uchoa resume, nestes termos, a caminhada difícil desse grande e sofrido humanitarista: "Ele, entretanto, venceu com desassombro e altivez, os baldões do despeito e a ira da ignorância. Triunfou, magnificamente, sob uma adversidade sem igual, contra tudo e contra todos."[14]

---

[13] O termo, à época, significava *adulador, puxa-saco*.

[14] UCHOA, Waldery. *Homens que Engrandeceram o Brasil*. Batista Fontenele; 1955; p. 196

"A posição incômoda de R. Teófilo diante dos esquemas vigentes faz dele o intelectual que rompe com os saraus e vai para o subúrbio erradicar a varíola, por conta própria, sofrendo constrangimentos. A partir daí, a denúncia do esquema oligárquico se acentua e o papel das classes médias começa a se explicitar" [15] – comenta Gilmar de Carvalho. Inegavelmente, com a instalação do *Instituto Vacinogênico* e com a batalha vitoriosa da vacinação desencadeada a partir de 1901, o velho sanitarista passou a figurar como um *outdoor* ambulante contra o poder dominante. Seu nome, talvez involuntariamente, passou a figurar como *slogan* contra a opressão. Os admiradores de Rodolfo eram os inimigos de Accioly. Os amigos de Accioly eram os desafetos de Rodolfo.

Eymard Porto[16] vê ainda na oposição teofilina a coincidência de interesses com a antiga dissidência oligárquica: "É neste clima que Teófilo age, tentando interferir na ordem existente. Suas idéias, veiculadas principalmente pelo *Jornal do Ceará*, onde era um dos seus colaboradores, estavam sempre em choque com os interesses do grupo estabelecido no poder. Sua condenação à forma fraudulenta como se davam as eleições neste período e ao abuso do poder da oligarquia, além da exigência de melhor assistência sanitária à população, eram pontos que aproximavam suas reivindicações dos anseios de maior participação dos setores médios, que emergiam e ganhavam peso na época. No entanto, estas eram também as críticas que as dissidências oligárquicas faziam ao regime vigente, por se acharem excluídas do acesso ao poder. Desta maneira, esta argumentação tanto poderia servir aos interesses da classe dos setores médios emergentes, como para forçar um revezamento dos coronéis no poder, tão almejado pelas dissidências oligárquicas.

[15] CARVALHO, Gilmar. Prefácio in *Babaquara, Chefetes e Cabroeira.*
[16] PORTO, Eymard. *Babaquara, Chefetes e Cabroeira.* Fortaleza: Fund. Waldemar de Alcântara e Sec. da Cultura e Desporto; IOCE. p. 44

É, pois, a partir deste ponto de convergência de interesses, que parece ter surgido, através da imprensa dissidente mantida por coronéis de oposição, um espaço de atuação e um meio de divulgação para as idéias e anseios dos setores médios."

2.3 Resistência dos Setores Intermediários

2.3.1 A Associação Comercial e Geminiano Maia

Na primeira administração aciolina, uma falcatrua financeira suscitou maliciosos comentários e revoltou deveras os contribuintes: o "roubo das pontes". A divulgação do peculato foi feita, com provas irretorquíveis, por Agapito Jorge dos Santos, em seu jornal. Pela fictícia importação de seis pontes de ferro, sendo uma para o riacho Maranguapinho e as demais para o Pacoti, o Governo oficialmente despendera a fabulosa quantia de 512:769$370, acrescida ainda de 11.777$000 para o transporte. Com documentos colhidos nos arquivos alfandegários, provou o jornalista que o Estado recebera apenas uma ponte, que depois foi fraccionada em seis secções, não desembolsando na realidade além de 103 contos de réis... As classes comerciais, que pagavam altos impostos, indignaram-se ante a tramóia, vendo o dinheiro público tomar rumos inesperados e nada honestos.

Na gestão subseqüente, para fazer face às despesas palacianas e até a "serviços fictícios" – termos de Frota Pessoa –, o Governo passou a cobrar desvairadas tributações. Em 1905, o imposto de 3% sobre transações comerciais passou a taxar comerciantes em até 41 contos anuais. Em 1906, foi lançado o Imposto de Consumo; e, no ano seguinte, o Imposto Territorial e a Consolidação das taxas de Imposto de Indústria e Profissão. Da extorsão não escaparam nem os carroceiros que, pelo instrumento de trabalho, tinham de pagar 80$000 nem as rendeiras que, por metro do produto artesanal, tinham de contribuir com 7%.

O imposto sobre o sal elevou a taxa do alqueire de 160 litros de 200rs para 1$800.

Os setores industriais e comerciais, desestimulados e extorquidos, impugnavam essas taxações que garroteavam todas as iniciativas e, do outro lado, beneficiavam as transações de exportação e importação com cargas tributárias mais leves, como as da *Boris Frères* e *Gradwoll.*

Teófilo que industrializava vários produtos farmacêuticos[1] e vinhos de caju, sentia-se vítima dessa política financeira e desabafou: "O Estado se associou a mim, taxando os produtos (...) O Estado, tendo em vista idéia muito falsa da economia, taxava com pesados impostos as indústrias ao nascer e as ia asfixiando."

A *Associação Comercial do Ceará*, até o ano de 1904, tendo na Presidência Thomás Pompeu, era, na essência, um órgão da oligarquia. O choque de interesses entre o Estado e o comércio, neste mesmo ano, dado o arrocho fiscal, influenciou na eleição da Instituição que escolheu, como novo presidente José Gentil Alves de Carvalho[2].

Desde então, a presidência e a vice, até 1915, foram alternadas com José Gentil e Geminiano Maia, o Barão de Camocim,[3] homem culto e viajado, sendo, à época, um dos mais fortes comerciantes com a firma *Maia & Irmãos* (tecidos em grosso). A associação, fugindo à influência

---

(1) Além de vacinas, da Cajuína, da qual fora inventor, e da aguardente Laranjinha, o cientista fabricava uma dezena de medicamentos na sua farmácia da Rua da Palma, nº 80, como Pílulas contra sezões, Peitoral de angico, Injeção antiblenorrágica, Xarope de Iodoreto de Potassio...

(2) José Gentil era sócio de José Artur da Frota, na *Loja Frota & Gentil* (tecidos).

(3) Resiste ainda ao tempo a Vila Barão de Camocim, na antiga e bela Praça de Pelotas, hoje, Clóvis Beviláqua. A majestosa residência de Geminiano Maia em meio a amplo jardim (com três pavimentos, salas de recepção e jantar, varandas, inúmeros quartos, adega e porão) é um eloqüente atestado da arquitetura renascentista que merece preservada.

aciolina, ganhava aos poucos autonomia, tomando posições de acordo com os interesses da classe.

Dentre os muitos agentes perturbadores da ordem que feriam diretamente o desenvolvimento comercial da Capital (além das taxas fiscais) avultavam as lutas e escramuças dos coronéis do Interior, com reflexos negativos na vida de Fortaleza. Tal aspecto é assim abordado por Eymard Porto: "A perturbação à ordem e aos interesses do comércio cearense, representado pelas disputas políticas entre coronéis do interior, (sob a aquiescência da oligarquia estadual), além do aumento dos impostos, parecem ter contribuído para incompatibilizar o comércio com o governo Acióli. Além disso, o caráter excessivamente fechado e extremamente familiar desta oligarquia, onde um mesmo indivíduo chegava a ocupar até três cargos públicos, restringia a composição e representatividade dos interesses locais junto à máquina governamental.

As não raras escaramuças entre coronéis do interior, em disputa política, criavam clima de instabilidade e prejuízo para os negociantes das regiões conflagradas com repercussão no comércio de Fortaleza. Nestas disputas, cada coronel contava com seu próprio exército de jagunços e cangaceiros promovendo saques e incêndios a propriedades de seus adversários." [4]

Não obstante as inúmeras solicitações feitas pela Associação, o Governo não interferia nessas contendas sertanejas, ficando no aguardo dos desfechos para apoiar os que saíssem vitoriosos... Procedimento que tal exasperava não só comerciantes como também profissionais liberais, caixeiros e trabalhadores outros.

A instalação do IOCS – *Inspetoria de Obras Contra as Secas*[5] em 1909 – órgão esse tantas vezes pleiteado por R.

---

[4] PORTO, Eymard. *Babaquara, Chefetes e Cabroeira*. Fortaleza: no início do século XX. Fortaleza: s/d; p. 68

[5] Em 1919, denominar-se-ia IFOCS – *Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas*, jocosamente apelidada por Q. Cunha de Isto Faz o Ceará Seco.

Teófilo – passou a ser mais um generoso cabide de empregos da turma aciolista.

A *Associação Comercial*, na sua *Revista Comercial*, denuncia a nova instituição como "uma espécie de sinecura, verdadeiro seio de Abraão, destinado ao filhotismo político que arrasta o país à ruína inevitável..."[6]

Com o lançamento da candidatura do Desembargador José Domingues Carneiro a Presidente (20.12.1911), fato que oficializava o continuísmo, grande foi a revolta, intempestiva a excitação dos ânimos oposicionistas. Em 29 de dezembro, à noite, cresceu a indignação com a ocupação da *Praça do Ferreira*, por parte da cavalaria do Governo, intimidando, assustando, pondo em fuga manifestantes, ao zunir dos sabres e ao tropel dos animais. Duzentos comerciantes dos mais prósperos dirigiram-se em petição à *Associação Comercial*, solicitando-lhe interferência junto às autoridades superiores. O Presidente Geminiano Maia em telegrama ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e à *Associação Comercial* do Rio de Janeiro pediu o envio de tropas federais, tendo em vista a manutenção da ordem. Tal atitude da entidade cearense, passando por cima da autoridade maior do Estado, demonstrou claramente a pouca conta em que era tida pelos associados.

O oligarca, contando com o peso dos treze votos na Câmara Federal e um no Senado, temendo o desgaste político, deve ter barganhado o não envio das tropas de *calças vermelhas* ao Ceará...

No mesmo dia, à tarde, a *Associação Comercial* corajosamente decreta o fechamento do comércio por tempo indeterminado. Em adesão, os motorneiros tiraram os bondes de circulação, e os catraieiros cruzaram os braços.

A situação tentou reverter o quadro e soltou nas ruas (30.12.1911) este volante:

---

[6] Revista Comercial. *Inspetoria das Secas*. Fort.: 15.8.1912; p. 1

AO COMMERCIO

O Commercio não deve ceder ao appello de arruaceiros que aconselham a fechar suas portas por mera exploração politica.

Reina na cidade perfeita calma, e podemos affirmar que o governo do Estado providenciará no sentido de não ser a ordem perturbada.

Tanto o Commercio como o povo em geral devem confiar na acção prudente, mas energica das autoridades.

Redação d'A REPUBLICA

Nem o comércio nem o povo em geral confiaram na "ação prudente mas energica das autoridades". E durante quase uma semana as portas dos estabelecimentos comerciais se mantiveram fechadas. Vencia a *Associação Comercial.*

Com data de 4 de janeiro do ano subseqüente, a Entidade congratulou-se com o povo por sua receptividade:

BOLETIM
DA
ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

A Directoria da Associação Commercial do Ceará, agradecendo penhoradissimo ao distincto corpo commercial d'esta praça, a nobre e leal attitude de que tem dado provas inconcursas mantendo verdadeira harmonia de vistas com suas deliberações; pede ainda uma vez, para que continue com seus estabelecimentos fechados, visto que perduram ainda as causas que determinaram essa resolução.

Ceará, 4 de janeiro de 1912

Barão de Camocim, presidente
Maximiano Leite Barbosa, secretario

À tarde desse mesmo dia, a Entidade, depois de sérios entendimentos com o Dr. Antônio Accioly, distribuiu o segundo comunicado:



AO COMMERCIO

Tendo a Associação Commercial solicitado ao Sr. Presidente do Estado providencias, que garantam o livre funccionamento do Commercio desta capital, S. Ex. respondeu por officio de hoje áquella sociedade que nesse sentido estavam dadas as medidas necessarias, responsabilisando-se o Governo pela completa manutenção da ordem.

Em numerosa e solene reunião, effectuada, hoje, á 1 hora da tarde, no Palacio do Governo, e á qual compareceram os representantes das firmas commerciaes mais importantes de Fortaleza, foram lidos os officios trocados entre a Associação Commercial e o Sr. Presidente do Estado ficando deliberado por unanimidade de votos dos negociantes presentes que, em vista das formaes garantias dadas pelo Chefe do Poder Executivo do Estado, o Commercio reabrirá amanhã as suas portas.



2.3.2 Os Moços da Fênix Caixeiral

O comércio, por intermédio da *Associação Comercial*, manteve enérgica posição ante o Governo, em defesa da classe e da ordem pública, e, através da *Fênix Caixeiral*, agiu mais diretamente no meio local, envolvendo-se sem medo em forte campanha antiaciolista, batalhando ao lado dos estudantes da *Faculdade Livre de Direito* e do *Liceu do Ceará*, dos artífices, dos ferroviários e das *Ligas*, promovendo comícios e passeatas. Dezenas e dezenas de caixeiros pegaram em armas, arriscando a vida no motim de 1912.

De destaque e importância era a classe dos balconistas que tinha também no seu quadro filhos e parentes de

grandes nomes da praça. Para aquilatar-se tal afirmação, basta a citação destas linhas de Joaquim Pimenta: "Era a classe caixeiral que ditava a moda, e de onde saía, depois que se foram os cadetes, a "jeunesse dorée" disputada pelas meninas casadouras"[7]

A entidade não restringia suas atividades aos interesses próprios e se associava a outros segmentos classistas. Nesse papel é que a vemos em 3.1.1904, protestando nas ruas e em boletins contra o trágico massacre dos catraieiros e angariando fundos para as famílias das vítimas.

O convite-boletim, abaixo transcrito, dá o testemunho da valiosa participação da clase no movimento que culminou com a defenestração de Accioly.



A CLASSE CAIXEIRAL

A heroica corporação dos auxiliares do commercio de Fortaleza, que tão reaes serviços prestou á revolução que deu em resultado a gloriosa victoria de 24 de Janeiro, fica convidada para tomar parte no desembarque do grande patriota cearense Solon Pinheiro, um dos mais abnegados auxiliares da companha libertadora cearense.

Diversas gyrandolas de foguetes e foguetões, queimadas em varios pontos da cidade, annunciarão a approximação do paquete Alagôas, onde viaja o illustre patricio.



2.3.3 O Centro Artístico Cearense

O *Centro Artístico Cearense*, que congregava sete centenas de artesãos e trabalhadores outros como pintores, carpinteiros, pedreiros, fora fundado em 8.2.1904. Sua adesão à campanha liberal vem expressa em nota de apoio às folhas *Unitário* e *Jornal do Ceará* que combatiam a situação.

---

[7] PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*, Rio: Dep. da Imprensa Nacional; 1949; 2ª ed. p. 60.

"O Centro Artístico Cearense marcha de acordo com homens da estatura moral do Coronel João Brígido e Dr. Waldemiro Cavalcante, a que presta-lhes o seu incondicional apoio em tudo que diz respeito ao derrocamento por completo da oligarquia a quem a terra da luz deve o seu maior desprestígio e miséria, fome e extorsão".

(*Jornal do Ceará*, 1º.5.1904)

Nessa postura política manteve-se o Centro e foi outrossim parcela decisiva nos movimentos que culminaram com a insurreição de janeiro de 1912.

2.3.4 A Altivez dos Tipógrafos

O *Centro Tipográfico Cearense* reunia empregados de vários estabelecimentos do gênero[8], cuja atividade era preponderante na divulgação de trabalhos impressos, ora em jornais, ora em boletins.

Os tipógrafos da *Minerva*, ao rodapé de uma mensagem de fim de ano, pedem gorjeta aos leitores e, em retribuição, fazem um prognóstico. Eis o texto (parte final):



Bravos. É chegada a occasião de importunar-vos outra vez: Vimos pedir o NATAL, ANNO BOM e também REIS.

Em recompensa, vos damos
(Não precisamos o dia)
– Um governo bem honesto
E a queda da oligarchia.
Dezembro – 1911 – Os Typographos da Minerva



[8] Principais impressoras da época: Typ. Moderna a Vapor – Ateliers Louis, Rua Formosa, 71; Typ. Minerva, de Assis Bezerra, Rua Major Facundo, 55-7; Typ. Universal, Cunha, Pedro & Cia., Rua Formosa, nº 33; A República, Sociedade Anonyma, Rua Cel. Bezerril e Floriano Peixoto, 55-A; Typ. do *Diário do Norte*; Typ. Chantecler, Rua d'Assemblea, 41; Typo-Lyphographia a vapor, Rua Formosa, 68.

Posição firme e sem rodeios, tomou a classe, quando o Governo deposto apresentou o nome de Bizerril Fontenele em oposição ao do Tenente-Coronel Marcos Franco Rabello:



BOLETIM

Á CLASSE TYPOGRAPHICA CEARENSE

Collegas! É chegado o momento de darmos tambem o nosso brado de revolta!

Não tratemos de politica, apenas vamos repellir uma ave de rapina que pretende avassalar a honra da Familia Cearense.

Por um boletim distribuido ontem á tarde vê-se que um caixeiro da oligarchia Accioly pretende pleitear a eleição para presidente do Estado. Pois bem, firmes em nosso ponto de honra, depomos as nossas armas – componidor e linha – e protestamos não compôr uma só phrase sobre tal candidatura, sem que seja para a do nosso salvador – o Coronel Marcos Franco Rabello.

Domingo proximo, ás 2 horas da tarde haverá uma reunião da Classe, para á qual são convidados todos os typographos e impressores. O assumpto é todo em beneficio da Classe.

5-3-912



Um por todos

Como alguns tipógrafos de *A República*, sob pressão de seus chefes, continuassem a imprimir volantes do *Partido Republicano Conservador*, o *Centro* veiculou este outro manifesto:



OS BOLETINS DO P.R.C.

Quando recusamos prestar os nossos serviços na propaganda da candidatura Bizerril, lançando também o nosso protesto unanime, espontaneo, partindo quasi unissono dos corações de

nossos collegas, como um brado só e unico; contavamos para manter a nossa palavra, realizar os nossos designios, tão somente com o caráter, a independecia e solidariedade de todos os companheiros de arte.

É essa a nossa unica força, dispomos somente de um meio – esperar que cada um, como cearense, saiba cumprir o seu dever na defeza da honra de sua terra – e não venha com ridiculos pretextos de obediencia ás ordens superiores, como empregado publico, querer annullar o trabalho ou os esforços de uma classe.

A degeneração moral de um, o servilismo baixo de sua pequenez de sentimentos não vem deslustrar nem enfraquecer a acção, o gesto de independencia da classe em geral.

Nem a divulgação desses boletins influem no animo do povo nem a obediencia regularmente do *nosso collega* crianos embaraços.

Mantemos ainda o mesmo proposito, embora a divergência de espiritos tacanhos, embora a acção demolidôra dos politiqueiros. Mantemos a mesma linha de conducta porque desejamos, do intimo d'alma, a liberdade, o engrandecimento, a paz de nossa querida terra; a felicidade e a rehabilitação desse povo.

Somos moços; e a mocidade aspira os ideaes nobres e elevados! Somos cerenses; e no coração que palpita, na alma que se eleva, freme e scintilla a chamma do Patriotismo!

Do "CENTRO TYPOGRAPHICO CEARENSE"



2.3.5 A Valorosa Classe Estudantil

A reação dos estudantes, quer da *Faculdade Livre de Direito*, quer do *Liceu do Ceará*, não se circunscreveu, como muitos pensam, à área da baderna, com vaias às autoridades na *Praça do Ferreira*, quebra-quebra de lampiões e depredações de bondes.

O apoio da classe aos que combatiam a oligarquia vinha de longe. Testemunham essa atitude as palavras, em boletim, do valente jornalista Tibúrcio Rodrigues ao dirigir-se ironicamente aos governantes (4.9.1898): "Persigam os briosos estudantes que estiveram ao nosso lado!"

Antônio Salles evoca os espancamentos de que eram vítimas os acadêmicos pelo Chefe de Polícia, genro de Accioly e também aluno, capitão Raimundo Borges:

"Contra os alunos dessa Academia
a polícia o seu raio hoje fulmina,
e, ante o direito da pancadaria,
a força do Direito se elimina."

Essa coerência oposicionista se manteve até os últimos suspiros da oligarquia e levou às trincheiras,como exemplos, os acadêmicos Leonel Chaves e José Façanha Filho.

A Classe, como era de praxe, exercia seu comando através de boletins patrocinados pelas subscrições populares, como este, de conclamação, a fim de recepcionar o candidato do povo rebelado:



BOLETIM DA CLASSE ESTUDANTAL

Pedimos a todos os alumnos e ex-alumnos do Lyceu, que têem instrucção militar para comparecerem hoje ás 5 horas da tarde na praça dos Voluntarios, afim de tratarem de assumptos de alta importancia.

Outrossim, pedimos aos snrs. commerciantes que concedam aos seus empregados, ex-alumnos do referido para tomarem parte na referida reunião.

O motivo desta é render um preito de honra ao benemerito Coronel Marcos Franco Rabello, por occasião de sua chegada a esta capital.

OS ESTUDANTES.



2.3.6 As Ligas Populares

A exemplo da fase abolicionista do fim do século passado, proliferaram aqui as *Ligas* – união de pessoas que punham em comum os seus interesses e esforços. Diferentes das entidades de classe e profissão, congregavam as *Ligas* indistintamente qualquer sócio, contanto que simpatizante da luta oposicionista.

Relevante o seu papel no arregimento da massa popular, no comando das ações políticas, na promoção dos *meetings* e recepções, tendo em vista a queda do Presidente Accioly e a conseqüente vitória de Franco Rabello. Funcionavam como ponta-de-lança de todas as mobilizações revolucionárias, cabendo-lhes geralmente a tarefa de arrecadar meios para subsidiar a impressão de boletins para a formação da opinião pública.

Menos seletivas que as demais sociedades, abriam-se a quantos, – ricos ou pobres, pretos ou brancos, analfabetos ou doutores – tivessem na alma o ideal libertário.

Dentre outras, tiveram marcante atuação no movimento sedicioso de dezembro de 1911 e janeiro de 1912 estas: *Liga Cearense pró-Rabello, Liga Infantil, Liga Caixeiral Pró-Rabello, A Família Cearense, Grupo de Resistência Fortalexiense, Liga Feminista Pró-Ceará Livre, Mocidade Cearense, Legião Libertadora* e *Centro Cearense pró-Franco Rabello.*

PAPAI GRANDE



(1)

O CHANTECLER



(2)

LEÃO DO NORTE



(3)

NA TERRA DOS VERDES MARES



(4)

Xilogravuras, feitas em casca de cajazeira, pela genialidade de Thomaz Barbosa Cordeiro, diretor das oficinas do hebdomadário *A Imprensa*, de Canindé, em que imprimiu estas *Caratonhas* (do nº 7, 3 de agosto de 1913 ao nº 14, de 21 de setembro de 1913), caricaturando Marechal Hermes da Fonseca (1), José Gomes Pinheiro Machado (2), General Emídio Dantas Barreto (3) e Tenente-Coronel Marcos Franco Rabello (4). O poeta e ensaísta Sânzio de Azevedo, em abalizada pesquisa (xilografia Cearense na Política Nacional, em *O Pão*, p. 1809, Ano VI, N$ 42, Fort., 31.7.97), reproduz – o que também fazemos – os preciosos entalhes do Mestre Thomaz. Tais xilogravuras se faziam acompanhar de versos de Gavroche, pseudônimo provavelmente de Gregoriano Cruz, irmão do poeta Cruz Filho e colaborador assíduo do jornal.



ANTECEDENTES DA REVOLTA

3.1 Candidatura Domingues Carneiro, Panfletos e Cordel

A *Política dos Governadores*, instaurada por Campos Sales e seguida por Rodrigues Alves (1902/6), Afonso Pena (1906/9) e Nilo Peçanha (1909/10), passou a ter seus dias contados quando assumiu a Presidência da República o marechal Hermes da Fonseca (15.11.1910). A partir de então, entrou em vigor a *Política das Salvações*, com o fito de destronar as vintenárias oligarquias.

No Ceará, a oposição encheu-se de esperança, vislumbrando a reversão do quadro. Espelhava-se, precipuamente, no exemplo de Pernambuco que acabava de apear do poder os Rosa e Silva, controladores da política desse Estado desde 1896, e colocara na Presidência o general Dantas Barreto, ex-Ministro da Guerra.

Exaltam-se os ânimos. Revoltam-se todos aqueles que diretamente não usufruíam dos favores aciolinos. O jornalista Yaco Fernandes[1], após mostrar a prosperidade do comércio local com o advento dos *paroaras* endinheirados, antevê a fase de mudanças: "Os bodegueiros e mascates promovem-se a altos comerciantes, são homens de farta e fácil pecúnia – e sofrem na carne a sua nenhuma valia social, lutam por um lugar ao sol, que não podem encontrar nos quadros da oligarquia. Independente, pela primeira vez, das forças econômicas do interior, rompido o harmonioso ritmo de crescimento do Ceará, a Fortaleza, aos poucos, amadurece para o motim."

---

[1] FERNANDES, Yaco. *Notícia do Povo Cearense*. Fort.: Imprensa Univ. da UFC, 1977; p. 259/260.

A imprensa oposicionista, nos jornais *Unitário* (J. Brígido) e *Jornal do Ceará* (Waldemiro Cavalcanti, Agapito dos santos e Moreira da Rocha), não pára de dinamitar os alicerces fissurados da velha fortaleza aciolina. Associam-se, nessa tarefa, os componentes das classes intermediárias, como comerciantes, industriais, caixeiros, artífices e estudantes, e articula-se uma ciranda de achincalhe ao velho *Babaquara*, à sua família e a seus auxiliares.

A partir de dezembro de 1911, intensifica-se a circulação dos famigerados boletins. São panfletos impressos em folha destacada, satíricos, virulentos. São manifestos que ora interferem na vida pública, ora devassam a intimidade alheia. Muitos deles não apresentavam compromisso com as exigências da Literatura como arte da palavra, mas o que nos interessa a nós, aqui, é o seu conteúdo ideológico, a mensagem, como instrumento de mídia na formação da opinião pública.

Quem, na rua, apanha um jornal põe-no debaixo do braço e o leva para casa. Quem lê um planfleto passa rapidamente às mãos de terceiros. O jornal tem pernas curtas; o volante voa..., vai longe. O jornal é vendido, já o boletim chega gratuitamente a quem estender a mão. O jornal é eletista. O panfleto é popular. As idéias veiculadas nos jornais são de sua responsabilidade. Quem pode responder pelo conteúdo de um boletim apócrifo? A impressão de um jornal requer o trabalho de muitos, consome tempo e engole dinheiro. O boletim é impresso em poucas horas, e seu custo é relativamente pequeno.

Das dezenas e dezenas de volantes que circularam em dezembro de 1911 e janeiro de 1912, alguns eram de responsabilidade de instituições e ligas, e outros se escondiam no anonimato, o que encorajava os foliculários que se sentiam livres da repressão e das penas da lei. Eram, pois, válvulas de escape dos que, por direito, não tinham acesso às páginas dos noticiosos.

Nem sempre debochativos e verrinosos, os boletins, nesse período, foram o valioso instrumento de informa-

ção, de alerta, de orientação, traçando os rumos das mobilizações das classes, com passeatas, *meetings*, manifestações de apreço e protestos.

É principalmente esse filão dos volantes, posto de lado pelos cronistas e analistas históricos, que procuraremos explorar, na tentativa de remasterizar e, às vezes, explicar os dias de luta do início deste século.

Este inventário sócio-político seria quase impossível, se não tivéssemos contado com o *Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará*, com sede na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, onde obtivemos a maioria dos volantes que constituem a matéria-prima deste despretensioso ensaio.

Curioso é notar que as próprias tipografias, que compunham os jornais, soltavam boletins em nome dessas mesmas folhas, como neste exemplo:



BOLETIM DO JORNAL DA MANHÃ

Povo Cearense:

O "Jornal da Manhã" congratula-se comvosco pela brilhante victoria que acabastes de heroicamente conquistar. Pedimos ás familias que enfeitem e illuminem, á noite, as fachadas de suas residencias, em regozijo pela queda do governo que nos infelicitava!



Dava-se igualmente a recíproca. Artigos dos noticiosos transformavam-se em boletins e eram distribuídos pelas ruas.

Causa-nos espécie o fato de todos os notáveis analistas políticos, sem exceção, terem silenciado quanto à ação mobilizadora e catalizadora dessas folhas destacadas. Consideravam-nas decerto irrelevantes, apesar de terem sido

forte instrumento de arregimentação popular e de opinião pública. Outra possível razão para tal comportamento deve ter sido o receio de ferir sensibilidades,o respeito à tradicional Família Accioly, cujos descendentes são pessoas de destaque e de ilibada conduta.

Nessa guerra, os ataques panfletários, na sua quase totalidade, partiam dos grupos que pleiteavam a queda do clã aciolino: *maloqueiros* versus *cafinfins*. Poucas vezes, saiu a situação em autodefesa.

No dia 16 de dezembro de 1911, Nogueira Accioly convocou, pelo jornal *A Republica*, o Diretório Estadual do *Partido Republicano* para escolher, em convenção do dia 20 do mesmo mês, os candidatos a Presidente e vices, com vistas ao pleito de 11 de abril de 1912. Ora, muitos representantes municipais residiam a seiscentos quilômetros da Capital, e várias unidades interioranas não contavam com serviço telegráfico! Haveriam de comparecer à reunião tão-somente os parentes de Accioly e alguns leais servidores. Era uma farsa, a convocação.

Por baixo dos panos, descobriu a oposição que o nome a ser indicado ao cargo de Presidente era o do octogenário desembargador José Domingues Carneiro – garantia absoluta do continuísmo! No dia seguinte ao da convocação, em linguagem desabrida e acintosa, iracunda e destemida, circulou este panfleto apócrifo:

BOLETIM

AOS OPRIMIDOS E COMPRIMIDOS

Alérta, povo cearense! É chegado o momento opportuno de mostrardes digno das honrosas tradições dos teus maiores. Já basta o sacrificio que tens feito, deixando-te prender, ha tanto tempo, inerte e pusillanime, entre ás garras aduncas e ladravazes dos teus vis algozes!

São elles os degenerados da grei Accioly, que, usurpado, pela fraude e pelo suborno, o governo, do Estado, nelle implanta-

ram o poder absoluto e despotico da dymnastia dos Babaquaras, cujo fito exclusivo é ROUBAR!

Não vês como esses bandidos se apoderaram do erário publico? Pois, esse erario representa o teu suor, o teu esforço sem par, fructo de um trabalho exhaustivo, que devia servir para tua manutenção e a tua familia, e entretanto é consumido por deshumanos tributos..

Porque não enxotas esses ladrões? Approximam-se as eleições; e elles querem a todo o transe continuar no governo, para continuar a explorar-te, povo cearense!

Agora mesmo o desbriado régulo acaba de dar ordens a seus lacaios para que se não organizem mesas eleitoraes, nos municipios onde o povo tem a maioria contraria aos salteadores politicos; agora mesmo acaba de telegraphar ao Marechal Hermes da Fonseca (que quer respeitado o direito do voto) propondo de um modo cynico e revoltante 8 candidatos acciolinos e 2 oppsicionistas, mas *opposicionistas mansos* indicados pelo proprio oligarcha.

Isto é o cumulo do escarneo! Não é admissivel que, ainda desta vez, este infeliz povo seja ludibriado, não podendo ter na representação do paiz uma voz que denuncie as constantes prevaricações, as ladroeiras sem conta, os barbaros assassinatos, o banditismo, a rapinagem, a anarchia desenfreada, com que o immoral oligarcha tem infelicitado o Ceará.

Ha mais: correm, ha dois dias, insistentes boatos de que o oligarcha vae indicar para seu sucessor o snr. Domingos Carneiro, lacaio dos mais vis e dos mais perigosos, porque a avançada idade lhe tira qualquer imputabilidade moral.

Ergue-te, povo cearense! contribuinte exhausto! retalhista espoliado! artista proletario!

Si com tudo se conforma certa burguezia endinheirada e lôrpa, tu não! tu, que és a victima, tens o dever de agir!

É tempo de te insurgires contra um governo corrupto e corruptor!

Si não tens o direito de representação, tambem não deves pagar impostos a quem não tem idoneidade moral para recebe-os.

Ninguem hoje ignora no paiz que os acciolys são os mais refinados ladrões, e contra ladrões se não escolhem meios; todos têm o dever civico de cooperar para o bem da collectividade.

Olha para os exemplos edificantes do Pará...
(Cinco linhas ilegiveis)
Ás armas, povo cearense!
Viva a Republica de verdade e sem oligarchias!
Viva o Exercito Brasileiro!
Viva a Armada Nacional!
Viva o Marechal Hermes!
Abaixo os LADRÕES!



O nome de Domingues Carneiro, para a oposição, tão maldito quanto o de Maurício Graccho Carneiro, havia sido respaldado por Pinheiro Machado e, inicialmente, pelo marechal Hermes. A hipótese de uma conciliação com a candidatura do Dr. Frederico Augusto Borges ou do coronel Bizerril Fontenele não vingara. Accioly não era homem de conciliação.

"A chamada oposição liberal composta por jornalistas, como João Brígido, Hermenegildo Firmeza, Agapito dos Santos, intelectuais, como Frota Pessoa, Antônio Sales, Rodolpho Theophilo, comerciantes, como Emílio Sá, o grande comércio na *Associação Comercial Cearense*, políticos, como Manuel Moreira da Rocha, oficiais do Exército, como Augusto Correa Lima e oligarquias dissidentes dos Paula Rodrigues e Paula Pessoa, desejavam um acordo para a sucessão de Acióli, devido à situação desfavorável em nível nacional, acordo este com o qual Pinheiro Machado também concordava para não criar novas tensões que pudessem desgastar suas aspirações presidenciais. Porém este acordo esbarrou na intransigência exacerbada e no continuísmo da oligarquia Acioly ao indicar para sua sucessão o desembargador Domingues Carneiro, um dos poucos nomes inaceitáveis para a oposição."[2]

---

[2] CAMURÇA, Marcelo. *Marretas, Molambos* e *Rabelistas* – A Revolta de 1914 no Juazeiro. São Paulo: Maltese; 1994; p. 169.

A Conveção do dia 20 oficializou seus candidatos: para Presidente – Desembargador José Domingues Carneiro; e para vices: Valdemiro Moreira, Lourenço Alves Feitosa e padre Cícero Romão Batista. E os dias da oligarquia cearense entravam em contagem regressiva.

No Rio, o Dr. Virgílio Brígido fez ver ao Marechal Hermes que o desembargador Carneiro era de fato "homem de virtudes cristãs", porém não passava de um fantoche nas mãos ardilosas do velho oligarca. Tão-logo eleito fosse, haveria de renunciar, para em seu lugar entrar José Accioly, e recordou ao Presidente o fato da ocupação da cadeira do Senado, quando Francisco Sá foi nomeado Ministro.[3] Diante de tais argumetações, o Marechal autorizou o deputado federal Brígido a declarar que ele, o Presidente, havia retirado o apoio ao desembargador.

Teófilo procura explicar o empenho de Nogueira Accioly em defender, com unhas e dentes, a candidatura Domigues: "O seu governo (do desembargador), embora efêmero, seria somente para legalizar os peculatos do Sr. Accioly, e depois renunciar em favor do sr. José Accioly."[4]

Todos os setores da sociedade, descontentes, revoltados, uniram-se mais ainda, articularam-se e deram início a manifestações jamais vistas nestas plagas. A candidatura Domingues Carneiro era mais que uma provocação. Com a máquina eleitoral montada, como estava, o continuísmo estaria assegurado. Iminente, uma represália, mesmo a preço de sangue. Exasperaram-se os ânimos com a declaração pública do velho candidato de que "continuaria a política de seu venerando amigo Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly." A soberania popular não pretendia engolir mais um sapo.

---

[3] Já aposentado, como desembargador do *Tribual de Relação*, Domingues Carneiro substituiu, como senador, ao Sr. Francisco Sá, enquanto este ocupava o cargo de Ministro da Viação.

[4] THEOPHILO, Rodolpho. *Libertação do Ceará* – Queda da Oligarquia Accioly. Lisboa: Tipografia A Editora Limitada; 1914; p. 75

Grandes comerciantes, oligarquias dissidentes, militares salvacionistas, com o respaldo maciço das classes médias e populares, não aceitariam, por mais quatro anos, o tacão oligárquico. E o apoio das classes inferiores às mais decisórias da Cidade sugeria a deflagração de um levante que garantisse a vitória. Ao grupo oposicionista restava lançar seu candidato para o pleito de abril do ano seguinte. Que nome? Que militar de renome poderia fazer face ao rolo compressor do grupo aciolino?

R. Teófico dá sua versão sobre o aparecimento do nome salvador. O Dr. Thompson Motta, chegando a Fortaleza, havia segredado a amigos, que o marechal Dantas Barreto, seu companheiro de viagem no vapor *Olinda*, considerava ideal e imbatível o nome do Tenente-Coronel Franco Rabello para a disputa no Ceará. Inconteste é que muito fortes eram os laços de amizade que uniam os dois militares. Rabello, ainda radicado no Rio; e Dantas, o grande mentor da política do Norte e amigo íntimo do prestigiado Marechal Hermes.

Afirma, no entanto, Raimundo Girão, em *Pequena História do Ceará*, 1953, p. 217, que a lembrança do nome de Rabello partira de Joaquim Costa Sousa, amigo desde quando o Tenente-Coronel fora professor da *Escola Militar do Ceará*.

Antecipando-se a qualquer oficialização, os comerciantes José Barbosa (Passarinho) e José Brasil de Matos tomaram a iniciativa de mandar imprimir e soltar na *Praça do Ferreira* um boletim encabeçado pela expressão latina:

ECCE HOMO
TENENTE-CORONEL MARCUS FRANCO RABELLO

Ao cabeçalho, seguiam-se as características do candidato: "Oficial superior do Exército, amigo do General Dantas Barreto, cearense e genro do General José Clarindo de Queiroz, que, pela sua bravura e caráter, foi uma das

grandes figuras militares do nosso país, tendo também governado o Ceará, onde, após um longo tiroteio, a 16 de fevereiro de 1892, fora deposto."

Para a grande massa, notadamente para a juventude, Rabello era um ilustre desconhecido. Evoca H. Firmeza um curioso encontro mantido com o oposicionista Aspirante Assis Távora, quando da distribuição desse boletim, que se mostrava muito feliz com a indicação do tenente-coronel:

> "Perguntei-lhe: "Você conhece?"
> "Não" – respondeu ele.
> "E como então se mostra tão satisfeito?"
> "É exatamente por não conhecer. Porque esses outros cadidatos que têm sido falados aqui e que eu conheço não prestam para nada." E soltou aquela costumeira e bem humorada risada."[5]

E continua o jornalista: "Foi assim que pegou a candidatura do Coronel Franco Rabello, germinando a semente do rabelismo, que tem sido, no Ceará, uma espécie de capim de burro, que não há nada que faça morrer."

A memória dessa luta de 1912 encontrou nos poetas populares fiéis intérpretes. Sob o pseudônimo de Marcus Franco Tranquilo foram impressos *A Bernarda do Ceará*, 21 estrofes de 7 versos cada, e *Levanta-te ó Multidão*, de 14 estrofes de 8 versos cada. Por motivos óbvios, apareceram sem indicação do autor, do editor e da data, outros folhetos: *Acioly*, 7 estrofes, de 4 versos; *Babaquera – Ultimas Disposições* – Ab intestato, com 38 quadras; *Ao Herodes resustida* (sic), 6 estrofes de 4 versos cada; *Novas Toadas*, 32 estrofes de 8 versos; *A Queda do Babaquara*, 21 estrofes de sete versos cada, seguido do poema *Ao Novo*

---

[5] FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará; 1965; p. 273

Governo – A Voz do Povo, de 18 estrofes de 6 versos e *Testamento do Babaquara*, 38 quadras.[6] Tentando dinamizar esta narrativa, nela incluiremos, algumas estrofes dessa gostosa e colorida literatura de cordel, extraídas dos trabalhos acima mencionados.

3.2 O Histórico *Meeting* do Passeio Público

A repulsa aos candidatos situacionistas mobilizou o povo que passou a concentrar-se na *Praça da Ferreira*. Essa presença maciça desagradava aos aciolistas e os irritava. Nas mesas dos cafés, oradores enraivecidos erguiam a voz contra a opressão, e estrugiam e ecoavam aplausos pelos quatro cantos do logradouro. A cavalaria rondava ameaçadoramente os manifestantes. E o povo na rua, de peito aberto, exercendo o direito constitucional da manifestação de pensamento. Nem a dolorosa lembrança da carnificina de 4 de janeiro de 1904 arrefecia os ânimos!

Com a notícia de que Franco Rabello havia aceito sua indicação a candidato pela oposição, recrudesceu o delírio. Ondas de esperança, de revolta e ódio, aos desordenados brados de "Viva Franco Rabello" e "Morra Accioly", invadiram a Praça, a Cidade e se espraiaram pelas várzeas e caatingas dos municípios do Interior.

Comentava-se que Accioly, tencionando engrossar o seu contingente policial de quase oitocentos homens,[*] havia mandado pedir ao padre Cícero que lhe enviasse urgente um grupo de cangaceiros. Tal ameaça não dispersou a população que nem sequer pensava em ir ao

---

[6] a - Esses folhetos fazem parte da coleção do bibliófilo João Carlos Neto, hoje confiada ao sociólogo Gilmar de Carvalho.
b - Algumas dessas obras de cordel foram transcritas por Ruth Brito Lemos Terra em *A Literatura de folhetos nos fundos Villa-Lobos*, S. P. Institutos de Estudos Brasileiros, 1981, p. 80-7.

[*] A força pública (1910) compunha-se do *Batalhão de Segurança*, com 24 oficiais, 543 praças e 16 menores, e da *Guarda Cívica*, criada em 1º.8.1906, subordinada ao Batalhão, com 120 praças.

trabalho, pois algo mais importante galvanizava-lhe os interesses. Talvez não soubesse claramente o que queria; sabia, entretanto, o que não queria: a permanência de Accioly no poder.

Pela manhã (21.12.1912), foi distribuído um avulso do *Jornal do Ceará*, comentando a insegurança e a exaltação dos ânimos e conclamando os cidadãos às armas:



BOLETIM

POVO CEARENSE

Esta capital continúa entregue á anarchia; o governo, desmoralizado como se acha, intenta o assassinato em massa da população.

Mal amparado pela força policial que já se vae patrioticamente revoltando contra os algozes do povo cearense, o oligarcha acaba de appelar para o punhal e o trabuco dos bandidos de profissão.

Telegramas já fôram transmitidos de palacio, pedindo ao padre Cícero e ao coronel Santana a remessa urgente de cangaceiros. Esta cidade vae ser portanto, em breve, transfórmada em covil de bandoleiros da péor especie.

Cearenses. A crise que atravessamos é, como vêdes, por demais angustiosa, mas por isto mesmo devemos collocar-nos acima dos acontecimentos.

Medidas excepcionais estão sendo tomadas pelos que se acham á frente do movimento libertador do Ceará, unamo-nos contra o inimigo comum, a victoria não póde deixar de ser nossa.

As proprias repartições federaes sentem-se sem garantias. O telegrapho funcciona guardado por força do exercito nacional e a Via-ferrea de Baturité, segundo somos infórmados, vae, por sua vez, solicitar a protecção das forças armadas da Nação contra os despotismos da situação que tudo vae anarchizando.

Deveis ter lido um telegramma, distribuido hontem nesta capital pelos lacaios de palácio, em que se dizia TER SIDO

DEMITTIDO A BEM DO SERVIÇO PUBLICO O DR. BELISARIO TAVORA POR INTERVIR NA POLITICA DO CEARÁ e haver o Presidente da Republica se collocado ao lado da oligarchia cearense.

Os telegrammas ali citados são anonymos mas sabemos ter sido firmados pelo senador Thomaz Accioly, filho do oligarcha.

Pois bem, apezar do que ali se affirma continúa o dr. Belisario Tavora, a occupar o elevado posto em que o collocou a confiança do supremo magistrado da Republica.

Quanto ao outro telegramma, vê todo o mundo que o Marechal Hermes da Fonseca, benemérito presidente da Republica, não renunciará ao seu passado de soldado honesto e immaculado para se collocar ao lado de LADRÕES E ASSASSINOS.

Para nos tranquilizar temos as declarações sempre repetidas pelo Chefe da Nação de que nada poupará para a completa extincção das nefandas oligarchias.

Portanto todos a postos. Seja a nossa divisa – UM POR TODOS E TODOS POR UM.

Em face dos acontecimentos, não sahirá hoje o préstito civico annunciado pelas Ligas Feministas pro-Rabello; as nossas gentis patricias preferem adiar a manifestação de apreço e solidariedade da MULHER CEARENSE ao coronel Franco Rabello, antes que expor-se ás brutalidades e violencias dos cicarios do snr. Raymundo Borges para quem nada é sagrado.

Ás armas, cidadãos; a taça do soffrimento transbordou, que não fique um só desses miseraveis.

Ao rodapé do volante, o *Jornal do Ceará* fez a transcrição de importante telegrama:

ULTIMA HORA

O nosso collega *Unitario* acaba de receber do Rio o seguinte telegramma:

"Franco recebido ardente enthusiasmo disse estar prompto prestar Ceará todo serviço medida seu esforço. Entrevistado o

general M. Barreto disse: – Vejo a situação do Ceará como a de quasi todos os Estados, podendo coronel F. Rabello governar povo cearense, promovendo seu engrandecimento e liberdade, por ser militar de grande merito, republicano de idéas definidas.

O governo deve garantir autoridades constituídas mas isso não quer dizer que deva consentir no apunhalamento da soberania popular. O Exercito é o amparo da Liberdade."

Não podia delinear-se mais nitidamente o programa do governo.

Animo, pois, pugnemos pelo nosso direito sem encarar sacrificios.

AUDACES FORTUNA JUVAT.



Jornalistas, políticos militantes e teóricos, militares federais, oligarcas dissidentes, comerciantes, industriais, farmacêuticos e pessoas de capacidade decisória resolveram, em reunião, promover a primeira manifestação pública organizada contra a farsa da Convenção e lançar oficialmente a candidatura Rabello, nome que, por extraordinário fenômeno, empolgava todas as classes. Hasteava-se a bandeira da redenção. Pelo voto livre e secreto, haveria de fragoramente ruir a malfadada oligarquia.

Sem perda de tempo, *A Comissão* mandou distribuir o volante-convite:



BOLETIM

Convida-se o povo cearense a comparecer hoje ás 5 horas da tarde na Praça dos Martyres (PASSEIO PUBLICO), afim de protestar-se contra as candidaturas da oligarchia para sucessão presidencial do Estado.

Será orador official o valente republicano Tenente do Exército Augusto Correa Lima.

Pede-se ordem e moderação.
Viva a Republica!
Viva o Marechal Hermes da Fonseca!
Viva o Exercito Brasileiro!
Viva a Armada Nacional!
Viva o Ceará livre!

Fortaleza, 21 de Dezembro de 1911

A COMISSÃO.



Era, sem dúvida, a *Praça do Ferreira* o ponto ideal para um evento político do porte que se pretendia. E por que a descartou a Comissão, optando pela *Praça dos Mártires?* No primeiro logradouro, estava sediada a *Guarda Cívica*, sob o comando do Capitão Raimundo Borges, sempre alerta, de prontidão, de mosquetões azeitados – o símbolo vivo da represália e intolerância – bem como o *Batalhão de Segurança*, sob as ordens do famigerado Carneiro da Cunha. O *Passeio Público* ficava a poucos metros do *Quartel do Exército*, cujo comandante, capitão Jacinto Torres Júnior, substituto do Inspetor do Distrito, era um republicano esclarecido e vinha se mostrando favorável à manifestação. Tendo, sob suas ordens, oficiais, jamais iria permitir, no seu terreiro, uma violação à Constituição. Além disso, figurava como orador oficial o tenente do Exército Augusto Corrêa Lima.

Na sua insensibilidade e sadismo, contentava-se o velho Accioly em pensar que bastaria um simples estalar de dedos e de imediato sua cavalaria, de cascos polidos e cortantes, ao tilintar dos sabres e aos estampidos dos mosquetões, debandaria aquela cambada de desordeiros, pondo-a em fuga... Tal, entretanto, não faria, porque, ladino que era, jamais se iria indispor com os federais ou arriscar-se a confronto armado. O velho tinha, não apenas respeito, mas verdadeiro pavor aos *calças vermelhas*...

"Houve um segundo meeting
De há muito prometido
E foi a praça dos mártires
O ponto mais concorrido
Por gente de boa estima
Para ouvir Correia Lima,
Um militar decidido.

Os ânimos estavam alarmados
E o povo todo contente
Afluía aquela praça
Que é a atalaia da gente
Uns iam apreciar,
Outros iam pr'a gritar
Entusiasticamente."

E o *meeting*, num clima de euforia e exarcebação, ao tonitroar de girândolas, constituiu-se a maior concentração popular até esta parte. Pelas quatro da tarde, ruas e vielas começaram a descer rumo ao *Passeio.* Na hora prazada, cinco mil pessoas – estimativa de R. Teófilo – tomavam o logradouro e se espraiavam pelas ruas adjacentes.

Sob incontroláveis aplausos, assumiu o palanque o destemido Augusto Corrêa Lima, homem de palavra fácil e inteligente. Com técnica de verdadeiro agitador de massas, evocou, com voz pausada, forte e eloqüente, os desmandos e crimes do governo oligárquico, condenou o continuísmo pela candidatura Domingues Carneiro e, ao finalizar, aclamou, como futuro Presidente do Ceará, o Tenente-Coronel Marcos Franco Rabello. Delirou igualmente a assistência ao ver tomar a palavra uma das maiores figuras da intelectualidade cearense – Antônio Bezerra de Menezes. Com acuidade de historiador, analisou todos os acontecimentos e feitos que vinham infelicitando o Estado nas duas últimas décadas. No dizer apaixonado de Teófilo, "cauterizou com o ferro em brasa de sua palavra enérgica e repassada de civismo a úlcera cancerosa que há vinte anos róia

as entranhas desta desgraçada gente."[7] Seguindo o mesmo tom condenatório e, ao mesmo tempo, defendendo a candidatura popular, o talentoso farmacêutico Joaquim Frederico Rodrigues de Andrade[8] e o Tenente Bizerril levaram a assistência ao delírio.

A tal manifestação pública não compareceu apenas a elite revoltada, a intelectualidade. Ali estava o povo, o povão, representado pelos segmentos inferiores – açougueiros, ambulantes, catraieiros, ferroviários, carroceiros, engraxates, desempregados, pés-rapados, o canelau – contagiados todos pela emoção, aos brados de *Vencer ou Morrer, Viva Franco Rabello, Morra Accioly*!

Sentindo-se ofendido, Accioly reagiu. Daria uma lição aos baderneiros e logo tratou de telegrafar ao Rio exigindo a imediata transferência do líder Corrêa Lima, "um elemento perturbador da ordem pública". Punindo o mentor do movimento, o povo, amedrontado, acovardado, recuaria. Como o Presidente ainda contasse com prestígio, foi atendido e, no dia seguinte, Correia Lima recebeu ordem para embarcar no *Olinda* com destino – no dizer dos *cafinfins* – ao Mato Grosso...

O tiro saiu pela culatra. O povo respondeu à arbitrariedade com uma manifestação de apreço fantástica, jamais presenciada. Pelas ruas e vielas dos subúrbios, correu este boletim, de tom retórico, conclamando o povo a se fazer presente ao bota-fora do destemido republicano:

POVO CEARENSE

Embarcará no "Olinda", esperado amanhã, com destino á capital da Republica, o bravo e denodado propagandista da nossa libertação, Tenente Augusto Corrêa Lima.

---

[7] THEOPHILO, Rodolpho. *Libertação do Ceará* (Queda da Oligarquia Accioly). Lisboa: A Editora Limitada; 1914; p. 83

[8] R. de Andrade, batalhador das grandes causas, ao lado do Dr. Francisco de Paula Rodrigues, Manuel Moreira da Rocha, Joaquim Brasil de Holanda, R. Teófilo e muitos outros, sempre esteve contra a oligarquia cearense.

É um dever de todo cearense comparecer ao bota-fóra de tão distincto official que tem sabido, com uma coragem inaudita, enfrentar a tyrannia que nos oprime ha cerca de 20 annos.

Povo Cearense! A vossa causa é a causa vencedora; precisamos comparecer até a ponte de embarque e dar cada um de nós um abraço fraternal no eminente amigo e, contemplando d'ali "os verdes mares bravios da nossa terra natal", pedir ao Altissimo que aplaque as ondas, para que o paquete "Olinda", conduza até o Olympo o batalhador incansavel que, de volta, nos encontrará a postos na defesa sacratissima dos nossos direitos para a victoria final da nossa causa que é a causa do Povo Cearense..

Viva o Coronel Marcos Franco Rabello, redemptor do Ceará.

Viva o Marechal Hermes da Fonseca, regenerador da Republica.

Viva o Barão do Rio Branco, defensor do Brasil.

Viva o General Dantas Barreto, o libertador do Norte.

Viva a gloriosa Armada Nacional.

Viva o patriotico Exercito Brasileiro.



Um número de manifestantes superior ao do *meeting* acompanhou Corrêa Lima até o ponto de embarque, entre vivas e aclamações.

"Depois embarcou p'ra o Rio
O bravo Correia Lima
E o povo no seu embarque
Provou que lhe tinha estima
E nesta grande ovação
O povo da oposição
Grimpou solene de cima."

3.3 Cascos, Sabres e Mosquetões

A deportação de Correa Lima, ao invés de arrefecer o *animus* coletivo, atiçou-o mais ainda. Organizam-se caravanas de patriotas que vão ao interior levar a mensa-

gem de redenção, e de lá retornam eufóricas, ante a receptividade. Sociedades e *ligas* traçam planos para novas manifestações. Agem por iniciativa própria. Subscrições feitas entre populares subsidiam boletins que não param de circular:



CEARENSES

O anno de 1912 approxima-se annunciando-nos a renascença de uma grande éra de progresso, moralidade e liberdade para nossa Pátria!

O Pará e o Amazonas já libertaram-se dos Lemos e dos Nerys e Pernambuco acaba de imital-os desthronando o Snr. Rosa e Silva e collocando a frente da suprema administração do Estado o digno e inclito General Dantas Barreto.

Cabe-nos agora o dever de salvar o Ceará, pois foi a terra dos *verdes mares bravios* a primeira no Imperio a proclamar a liberdade dos prêtos e não será certamente a ultima na Republica a fazer a liberdade dos brancos.

Ha 16 annos, em pleno regimen republicano, nós achamos reduzidos a humillissima condição de escravos, o que não devemos mais consentir, inda mesmo que para a conquista de nossa liberdade e reivindicação de nossos direitos seja preciso o sacrificio de nossas vidas, e não podemos jamais continuar escravisados achando-se a frente dos negocios da Republica o Snr. Marechal Hermes da Fonseca que não trahirá nunca o seu programa republicano e anti-olygarchico nem deixará de corresponder a suprema e justa confiança de que é depositário da Nação Inteira!

É chegado o momento de levantarmos-nos e despertarmos da lethal e criminosa inercia em que temos pemanecido a tantos annos e darmos combate ao olygarcha que cynicamente larapiou dos cofres do Estado 512:607$307, a título de pontes, roubalheira já tantas vezes denunciada pela imprensa do paiz inteiro, ao celebre olygarca do telegrapho estadual que já foi por alguem considerado negocio muito mais inmoral que a immoralissima *negociata das pontes metalicas*, ao celeberrimo estellionatario citado pelo

Dr. Frota Pessoa por ter lezado a fazenda federal no valôr de cerca de onze contos de réis, ao vandalo que a 28 de Janeiro de 1906 mandou empastellar o "Unitario", porque lhe denunciava os crimes, ao tyranno que mandou ou consentio que os seus sícarios assassinassem o seu sobrinho Ouriculo Bandeira dentro do posto policial!

Felizmente no Ceará as ideias nobres e generosas se agitam e propagam-se com uma rapidez admiravel e é fóra de duvida que brevemente pela lei ou pelas armas faremos aqui o que fizeram os Paraenses e os Amazonenses em seus Estados: expulsar os ladrões, acclamar homens dignos, apear o Pagé e entregar a nossa terra d'aqui por diante sempre a homens da tempera e do valor moral do actual governador de Pernambuco que presentemente poderemos considerar o chefe do movimento libertador do Norte!

Urge alijarmos o mais breve possível o Pagé e a sua tribo funesta para salvação de nossa terra!

Façamos isto, restituamos ao Ceará a sua liberdade e teremos cumprido o nosso dever.

Aqui ficam transcriptas as palavras de um boletim de um grande patriota cearense, que circulou n'esta cidade no dia 14 do corrente: "Se herdaste o brio e o pundonor de teus avós, atropela os bandidos; e, como Christo no templo, chicotêa e expulsa os Ladrões".

Viva o Marechal Hermes da Fonseca salvador da Republica!

Viva o General Dantas Barreto chefe do movimento libertador do Norte!

Viva o Exercito Brazileiro!

Viva a Armada Nacional!

Salve Ceará livre na pessoa do Dr. Marcos Franco Rabello!

Abaixo a camarilha funesta dos acciolys da qual, como disse o brilhante jornalista, republicano immaculado e grande patriota cearense Dr. Waldemiro Cavalcanti ao iniciar esta santa cruzada, não restará d'elles, um anno depois de vencidos, senão a amaldiçoada memoria!

A *Praça do Ferreira* era o quartel-general dos oposicionistas. Mal cerrava o comércio suas portas, centenas e centenas de pessoas lotavam o logradouro onde o assunto único era a política. Bancos, passeios, calçadas e mesas eram tomados por rabelistas exaltados. A presença das autoridades situacionistas não os amedrotava mais, tanto que o comandante do Batalhão de Segurança, Coronel Raimundo Borges, e o Secretário do Interior, José Accioly, que por ali se arriscaram de automóvel, foram estrepitosamente vaiados...

"Até o chefe da polícia
Homem sério de pouca graça
Julgou a coisa feia
Quando o vaiaram na praça
Ele gritou não pode
Nisto o povo se sacode,
Quase que há arruaça."

A saraivada de coiós[9] não iria, entretanto, passar impune. A represália, no dia seguinte, viria à altura.

29 de dezembro. Pouco mais de sete da noite. Fervilhava a Praça. No ar, certa e indecifrável euforia. Jovens palestravam, enquanto se serviam de sorvetes, de chás... Adultos conversavam, passeavam, o jornal debaixo do braço. No *Café do Comércio*, o mais amplo, oradores erguem o peito e a voz. Estrugem aplausos. A presença ostensiva de um piquete de cavalaria de um lado da Praça não incomodava os patriotas. Quem estivesse mais atento, já devia por certo ter notado, defronte ao Café, três figuras do Governo que riam, cochichavam... Na calçada da *Casa Emídio* confabulavam José Accioly, Raimundo Borges (na véspera, apupados) e Carneiro da Cunha.

[9] Assobio estridente, produzido com dois dedos sobre a língua.

Quando alguns garotos começaram a distribuir boletins, o que tanto incomodava os *cafinfins*[10], pelas mesas do *Café do Comércio*, a cavalaria invadiu o estabelecimento, aos gritos e tropéis, pisoteando, detonando armas e brandindo sabres, enxotando os freqüentadores. Os que, por baixo dos paletós, portavam armas, não correram e revidaram. Pânico, correria, cadeiras e mesas quebradas, pessoas alvejadas. O trio aciolino covardemente tratou de escafeder-se. R. Teófilo registra o rescaldo desse primeiro choque armado – "Serenados os ânimos, evacuou-se a Praça, tendo sido feridos alguns populares e soldados. Destes, disseram, haver falecido dois, no dia seguinte."[11]

Nesta mesma noite, os *maloqueiros*, tomados de revolta, imprimiram uma folha avulsa de conteúdo caústico e violento, conclamando as massas à revolução. Este era o panfleto:

BOLETIM

POVO CEARENSE

A nossa capital está sob o imperio do mais feroz banditismo.

O oligarcha sente fugir-lhe das mãos o poder de que tanto tem abusado, e,para detel-o, recorre aos meios extremos.

A nossa vida está á mercê de sicarios desalmados, nunca a familia cearense correu mais grave perigo.

Os factos alarmantes de hontem dizem mais que as nossas palavras.

Eram apenas 7 1/2 horas da noite, quando um dos logradouros mais frequentados e centraes desta cidade, a *Avenida Sete de Setembro*, á Praça do Ferreira, foi de improviso assaltada pela cavallaria do despota cearense, invadido o *Café do*

[10] O codnome de *cafinfins*, dado aos conservadores, originava-se de um piolho que, atacando as galinhas, era dificilmente exterminado.

[11] THEOPHILO, Rodolpho. *Libertação do Ceará* (Queda da Oligarquia Accioly). Lisboa: Tipografia A Editora Limitada; 1914; p. 91

Comercio, atropelado o povo á espada e á pata de cavallo, varrida a multidão á bala.

Nada justifica a sanha dos cobardes assassinos.

Distribuia-se então um boletim contra a oligarchia accioly e rapazes acclamavam ardorosamente os nomes do Marechal Hermes e coronel Franco Rabello.

Foi o bastante para que os sicarios se julgassem com o direito de sevar os seus instintos de feras no generoso sangue cearense, sacrificando-se impiedosamente até crianças!...

O reprobo que tomou de assalto o poder com as mãos ainda tintas do sangue do capitão Antônio Clementino, não trepida hoje em assaltar o povo na praça, tentando assim consolidar-se no poder pelo assassinato em massa.

Trabalho perdido! Os governos cimentados em sangue e lama não resistem ao mais ligeiro embate do povo, justamente revoltado.

Cearenses. O sangue dos nossos irmãos clama vingança. Do nosso lado está a lei e o direito; a represalia nunca foi mais justa. Morte aos bandidos.

Ainda hontem, pouco antes do assalto á *Avenida Sete de Setembro*, se achava postada na esquina da loja Emygdio, a trindade maldicta que tudo planejara – José Pompeu Pinto Accioly, filho do oligarcha, Raymundo Borges, seu genro, Carneiro da Cunha, lacaio dos mais miseraveis.

O primeiro, iniciado apenas o tiroteio, correu a occultar-se nos fundos de uma pharmacia, Raymundo Borges escondeu-se debaixo de uma das mesas da *Rotisserie*, em quanto o terceiro, semi-occulto por trás de uma porta, fazia fogo sobre o povo!...

Dos tres bandidos, felizmente, dois não são cearenses, o outro é um degenerado, é a perversão moral personificada.

Perdeu-se, é certo, a occasião mais opportuna de eliminar do *pasto* tres feras das mais sanguisedentas, mas tudo ainda não está perdido.

Atacados, temos o direito da defesa; a elles. Contra bandidos todos os meios são bons, esmaguemol-os de vez. Não esperemos o 12 de julho! Vamos apear o despota, arrancando-lhe, seja porque meio for, a cadeira que elle deshonra.

Todos a postos, aproveitemos o primeiro ensejo.



O lamentável acontecimento tomou rumos imprevisíveis e incontornáveis. Os comerciantes de maior porte, em número de duzentos, dirigiram-se em petição, dia 30, ao Presidente da *Associação Comercial*, o culto e honrado Geminiano Maia, solicitando-lhe a interferência junto a autoridades, com o intuito de salvaguardar a ordem pública. Em telegrama ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e à *Associação Comercial* do Rio, Geminiano pediu o envio de tropas federais ao Ceará para manutenção da ordem. Corajosamente, o Presidente da Entidade decretou o fechamento do comércio por tempo indeterminado. Aderiram ao movimento paredista, os motorneiros que não puseram os bondes em circulação, e os catraieiros que cruzaram os braços.

Dado o *Pacto Constitucional*, o Governo central não devia atender ao pedido da Associação, mas a desmoralização do oligarca ultrapassava fronteiras. Por quase uma semana, a cidade manteve cerradas suas portas. Só depois de entendimentos pessoais dos comerciantes com o Presidente Accioly, é que a Associação suspendeu a medida no dia 5 de janeiro do ano seguinte.

"A agressão da noite de 29 – opina Daniel Carneiro Job – gerou entre o povo a idéia de obter armas para defender-se"[12]

E a cidade, que não pudera comemorar o Natal nem pensava nas festas de Ano Novo, vive sob tensão. E vê-se inundada de panfletos:



A LUTA

Cearenses! a nossa honra, a nossa liberdade, a nossa vida estão em perigo!

Os nossos algozes, os sequases infamados da tyrannia conhecei-los!

É necessario expulsal-os ou exterminal-los!

[12] JOB, Daniel Carneiro. *Revivendo o Passado*. Fortaleza: julho/86.

Á luta, todos que têm no peito um coração incendiado no amôr da liberdade.

VENCER OU MORRER





BOLETIM

A MOCIDADE

A terra dos verdes mares bravios, a semelhança do Leão do Norte, começa a estremecer.

Vede, mocidade!

São todas as camadas sociaes que reclamam os seus direitos, e nós, mais do que ninguem, temos o dever de defender a nossa dignidade e a honra de nossa terra, ameaçada de ser ultrajada com a imposição ridicula da candidatura de um irresponsavel.

Tomemos para exemplo, o bravo Dantas Barreto e procuremos imitar o seu patriotismo e a sua bravura.

(Trecho ilegível)

Avante! Viva a soberania do povo.

A mocidade.



3.4 Entrevista de Franco Rabello

Ao compasso de fortes apreensões, iniciou-se o ano de 1912. Comércio fechado. Pelas ruas, o assustador tropel da cavalaria. Soldados à paisana circulam armados pelas esquinas. No *Passeio Público*, dar-se-á outro *meeting*. No Rio, Franco Rabello, em entrevista a jornal, fala de sua candidatura e comenta a insatisfação coletiva do seu Estado.

Intransigente e radical, Accioly, por meio da repressão, procura incutir o terror, evitando assim qualquer reação, forçando os manifestantes oposicionistas a enrolarem a bandeira. Enganava-se o governante. Parecia não compreender a *Política de Salvação* que vinha apeando os oligarcas.

Onde os assessores? Por que a intransigência em manter a candidatura tão rejeitada de Domingues Carneiro? Por que não chamar a oposição e tentar uma conciliação honrosa a inteligente? O genro do Presidente, político de visão e prudência, Francisco Sá, procura responder a tais indagações: "O dr. Accioly, porém, já velho (fizera 71 anos), perdera aquela arguta visão política, que tantas vezes lhe permitira lobrigar no horizonte os mais fugidios sinais de borrasca. E os que de perto o rodeavam, ou tapavam os olhos à evidência das cousas, ou não ousavam assumir a responsabilidade de uma lucta arriscada.[13]

O Presidente, possivelmente, embalava a esperança de acalmar os ânimos, de contornar as situações, com a breve chegada do Coronel José Faustino da Silva, Inspetor da 4ª Região Militar, com sede em nossa Capital. O militar era compadre, íntimo de Accioly e vinha com o seu consentimento, nomeado que fora através da Portaria do dia 12 de dezembro último.

Sem o beneplácito oficial das esferas federais, sem um comando definido, o povo, em Fortaleza, agia com firmeza no combate à candidatura situacionista. Não se pensava verdadeiramente em levante. Pensava-se, sim, na vitória de F. Rabello no dia 11 de abril em eleições livres. Esse, o caminho natural, dentro da lei, que os oposicionistas desejavam. A truculência oficial, no entanto, mudou o rumo dos acontecimentos e levou o povo ao confronto armado e à vitória antecipada.

Tendo à frente o conceituado médico Dr. Álvaro Fernandes, no dia 1º de janeiro, realizou-se no *Passeio Público*, mais um *meeting*. Dia de tensão, esse. Galopava, pelas ruas e arrabaldes, o boato de que a força policial iria investir contra a população, pondo os manifestantes em debandada. O risco excitava os rabelistas que não deixaram em casa seus revólveres e foram ao logradouro pre-

[13] SÁ, Carlos et al. *Francisco Sá – Reminiscências Biographicas*. S. Paulo: Revista dos Tribunais; 1938; 703p.

parados para o revide. Dois mil corações bateram forte, e aplaudiram delirantemente os oradores, e ergueram *vivas* ao Marechal Hermes e a Franco Rabello, e urraram *mor-ras* ao *Babaquara*. Os cascos polidos e as baionetas azeitadas não deram sinal de vida. O Governo, pela segunda vez, evitava escaramuças e agressões, a poucos metros do *Quartel Geral*. O Inspetor Regional, Capitão Jacinto Inácio Torres Júnior, e os seus *calças vermelhas* inibiam o grupo governamental. Um confronto entre o Exército e a força policial sepultaria ali o destino da oligarquia cearense.

Os acontecimentos que vinham agitando o Ceará repercutiam em todo o país, notadamente no Rio. Grande o interesse dos conterrâneos ali radicados e de toda a alta esfera política. O *Correio da Manhã*, dia 2 de janeiro, enviou repórter à residência do Cel. Franco Rabello para dele colher as exatas impressões sobre o andamento da luta popular no Ceará, como também sobre a atuação das forças hermistas em Pernambuco, que ele presenciara. O jornalista foi encontrá-lo cercado por amigos e conterrâneos, como o General Osório de Paiva e o deputado Eduardo Sócrates, em meio a uma pilha de despachos telegráficos vindos de todos os pontos do estado cearense. Esta a entrevista, publicada nessa folha no dia seguinte e reproduzida em jornal de Fortaleza posteriormente e em boletim:

DECLARAÇÕES DO CANDIDATO AO CARGO DE GOVERNADOR DO CEARÁ

(...)

– A situação do Ceará, presentemente, não é semelhante á de Pernambuco, antes da eleição do general Dantas Barreto?

– Ha pequena diferença. O Ceará, neste momento, sob a influência de Pernambuco, desfecha sobre a oligarchia Accioly os golpes certeiros do povo pernambucano nos últimos dias de lucta

contra o domínio do sr. Rosa e Silva. O movimento libertador, em Pernambuco, a principio foi moderado, foi de verdadeira propaganda, tão somente. No Ceará, o povo ergue-se já impetuoso, em todos os pontos do Estado, de sorte que a victoria da opposição á oligarquia Accioly, isto é, a victoria de todo o Estado, será um facto. Comprehende-se que o povo, domador da natureza bravia do Amazonas, afeito ás luctas com os flagellos constantes das seccas, ha vinte longos annos sob o quante do peor dos syndicatos, na phrase vibrante de Farias de Britto, o povo não podia quedar-se indiferente deante do grande exemplo de Pernambuco.

Ha essa pequena differença entre as situações: – em Pernambuco, o povo bateu-se valentemente para abater uma oligarchia; no Ceará, a oligarchia esboroa-se, anniquila-se no primeiro encontro com o povo.

– Os cearenses terão a resistência necessaria e contarão com recursos capazes de triumphar da oligarchia Accioly?

– Certamente que sim! De todos os pontos do Estado chegam os mais decididos apoios á causa da opposição. Os proprios amigos da oligarchia mostram-se contrariados com o desenrolar dos acontecimentos e estão promptos a libertar o Estado da nefasta administração do commendador Accioly.

– A policia do Ceará, como a de Pernambuco entregue a pessoa de confiança do oligarcha não resistirá ao movimento popular?

– Ha uma profunda differença entre as forças policiaes desses dois Estados. Em Pernambuco, a policia, em sua grande maioria, era constituida de cangaceiros, gente da peor especie, tirada dos reziduos dos sertões e que, transportada para a capital, recebia a farda dando-se-lhes então o nome pomposo de policia. Ainda mais. Este rebutalho ignorante vinha do interior, completamente illudido, na convicção de estar ganhando cinco mil reis diarios. Sem instrucção e sem disciplina, não conhecendo as ruas da capital, esses, assalariados de nova especie fugiam logo aos primeiros tiros, ás primeiras escaramuças com o povo.

No Ceará não se dá isso. A policia pouco numerosa é tirada do meio do povo, é constituida por homens que sentem a convicção das idéas dominantes, que palpitam em todos os co-

rações. São chefes de familia que desejam a felicidade dos seus e de sua terra.

Esses soldados garanto: – no momento dado estarão ao lado da opposição.

Em Pernambuco, só ficaram com o governo os cangaceiros e estes fugiram como já lhe disse, logo ao primeiro encontro com o povo.

(...)

– O coronel conta com elementos capazes de triumphar?

– Poderei descrer da vontade soberana do povo?

O Estado do Ceará levanta-se em sua unanimidade. Temos telegrammas de todos os pontos do Ceará. Senhoras de todas as idades, commerciantes, academicos, industriaes, pharmaceuticos, artistas, operarios, emfim, a população inteira do Ceará está comnosco, e como é de todos conhecido, o marechal Hermes tem como principio sagrado o respeito á vontade do povo. Com a indicação David Campista terminam as designações. A designação do sr. Domingues Carneiro foi um desastre.

E, demais, o povo cearense fará respeitar a soberania de sua vontade com as cedulas nas urnas, ou com as armas nas mãos.



Dia 5 de janeiro, por determinação do presidente Geminiano Maia, a Associação Comercial, após entendimentos com Accioly, deliberou a abertura do comércio da Capital. A ordem seria restabelecida... A população não seria mais violentada no seu direito da manifestação do pensamento... Nada de agressões, de espaldeiramento... A segurança voltaria às ruas...

Sabiam, no entanto, todos que o prometido clima de tranqüilidade era falso, tinha o intuito de arrefecer os ânimos oposicionistas, pelo menos, temporariamente. E a campanha pró-Rabello não perdeu o ritmo febricitante, e a guerra panfletária não abria a guarda para o inimigo. O notável abolicionista José Amaral, cidadão apolítico, vis-

lumbrando funestos acontecimentos, fez, em boletim do dia 6, com sua assinatura, um veemente *Appello* ao Dr. Nogueira Accioly para que entregasse as rédeas da administração estadual para que a verdadeira paz pudesse reinar no seio do povo.



APPELLO

Ao Exmo. Snr. Commendador
Antonio Pinto Nogueira Accioly

A indignação que continúa a observar no povo deste Estado contra V. Excia. se avoluma de uma maneira extraordinaria. Nunca pertenci a facção partidaria, porque no Brazil, até hoje, na excepção da palavra não existe politica. Sou eleitor a 31 annos e neste periodo voltei apenas tres vezes em amigos particulares e uma, illudido pelo Dr. José Accioly, no Dr. Pedro Borges, para Senador.

As poucas vezes que tenho apparecido ao lado de combatentes tem sido em favor dos opprimidos, como a libertação dos escravisados pretos, contra o Presidente Dr. Sancho Barros Pimentel, que sendo secretario da Sociedade Brasileira, contra a escravidão e vindo nos recommendado, aliou-se aqui aos negreiros, do Dr. Miguel Calmon, por acinte á Sociedade Libertadora Cearense, trazendo uma escrava de nome Pascoa; e contra alguns chefes de Policia, taes como Nogueira, Torquato Vianna, Manivão, além do Coronel de gingongos do Rio Grande do Sul, o celebre Henrique d'Avila que veio para aqui fazer uma safra dos cofres públicos, como costumam as meretreizes do Rio de Janeiro ao Pará e a Manáos, na epoca de safra da borracha. Em todas estas luctas sahimos victoriosos, por serem cousas justas.

(...)

Desprenda-se V. Excia. de continuar a governar este Estado, para que volte a paz e a tranquilidade ás nossas familias, a já uma semana tão angustiada, e conserve vidas que não podemos advinhar quaes e de que lado possam succumbir na luta, se assim V. Excia quizer, pois é só de quem depende a nossa felicidade ou infelicidade. A revolução ou a hecatombe parece me estar eminente.

Não aconselharei a V. Excia. entregar o governo a seus adversarios, mas ao Commandante da Força Federal que tem responsabilidade perante o Governo, até que Marechal Hermes com seus ministros delibere como melhor entender.

Uma das grandes antipatias á sua milicia é esta se prestar ha muito tempo, á perseguir os commerciantes de carne verde, que não pertencem ao malfadado e infame monopolio da mesma, ramo de negocio de meia duzia de magarefes gananciosos por dinheiro, para jogo, n'um genero de primeira necessidade como é este.

A mim, o que mais admira é que, commerciantes que eu reputo honestos e honrados, concordem nas deliberações tão odientas na Camara Municipal a este respeito.

Quera pois V. Excia. attender ao meu Appelo para tranquilidade e socego desta população, em quanta, me parece ser tempo de refletir; e não dizer depois, que não encontrou um amigo que o despertasse dessa lethargia cujo resultado quem sabe qual será?!

Fortaleza, 6 de janeiro de 1912
José Amaral



A advertência – apelo de Amaral, de argumentação, em certos pontos, ingênua, deve ter sido motivo de riso e galhofa dos que rodeavam o septuagenário governante. Insensíveis, anestesiados, jamais poderiam sentir os dentes da derrota que já lhes estavam ameaçando os calcanhares.

3.5 Chegada do Inspetor José Faustino

A exemplo do século passado, multiplicavam-se as *Ligas* populares, a que se filiavam homens, mulheres e crianças, independentemente de qualquer caráter social. Raro encontrar-se quem não estivesse ligado a uma dessas instituições. A elas cabia o relevante papel de arregimentar a população para as manifestações de rua.

Entrou a segunda semana de 1912, prometendo agitação mais intensa. "Era um verdadeiro delírio popular. Tocavam ao auge as manifestações diárias. Ninguém tra-

balhava. A preocupação única era a propaganda eleitoral. Estávamos em plena demagogia. Todos fugiam ao trabalho para ir tomar parte nos comícios, nas palestras, nas manifestações que se improvisavam."[14]

Estava sendo esperado em Fortaleza o Coronel José Faustino para comandar a 4ª Região Militar. Sua presença, na opinião dos situacionistas, seria um trunfo, dados os laços de amizade que uniam Comandante e Comendador.

A oposição, para demonstrar ao ilustre chefe dessa guarnição federal, os seus propósitos ordeiros e democráticos, conclamou, inteligentemente, o povo a recepcioná-lo quando do desembarque. No dia oito, o convite circulou aos quatro ventos:

BOLETIM

CORONEL JOSÉ FAUSTINO DA SILVA

Convida-se o povo desta capital a comparecer amanhã, por occasião do desembarque do Exmo. Snr.

CORONEL JOSÉ FAUSTINO DA SILV A

muito digno Inspetor da Região Militar.

A approximação do vapor PARÁ, no qual viaja o illustre representante do benemerito Ministro da Guerra, será annunciada por uma grande girandola de foguetes, no Passeio Publico, para onde todos deverão seguir, aguardando ahi as instruções dos diretores desta manifestação, preito justamente tributado ao dignissimo Chefe da Guarnição e ao Exercito Nacional.

A Directoria da LIGA PRO-RABELLO.

Ausente do Ceará há duas décadas, impressionou-se vivamente o Coronel Faustino com a estrondosa e disciplinada demonstração de apreço, tendo à frente vultos de alta

[14] FIRMEZA, H. A revolução de 1912 no Ceará, *Rev. do Instituto do Ceará*; Fort.: 1963, v. 81; p. 27

representabilidade. Os manifestantes, que erguiam vivas ao recém-chegado, a Menna Barreto, a Franco Rabello e Dantas Barreto, não eram aqueles que lhe haviam referido em carta, como "arruaceiros e desordeiros".

Recusando elegantemente o automóvel que lhe mandara oferecer o Comendador Accioly, o Comandante Faustino optou pelo percurso feito a pé, da ponte ao Quartel, acompanhado dos seus camaradas e seguido pela multidão que não se cansava de ovacioná-lo.

"Depois que aqui chegou
O coronel José Faustino
O povo se congregou
Mostrando não ser mofino.
De heroicos corações
E entre palmas e ovações,
Elle viu um povo heroino!"

À tarde, em conversas reservadas com amigos e comandados, ficou inteirado o Comandante da real situação em que se encontrava o Estado. Destorcidas eram todas as informações que chegavam ao Rio. À noite, compareceu a Palácio e ali se deparou com a intransigência do Comendador, atiçada pelos filhos José e Tomás Accioly. A candidatura Domigues Carneiro era irrevogável. Os baderneiros haveriam de fugir ao primeiro grito...

Arguto e cauteloso, aos poucos o Coronel Faustino ia observando quão arraigado estava na alma do povo o nome de Franco Rabello. Impossível reverter situação que se desenhava nitidamente vitoriosa. No peito de todos, as fitas verde e amarela falavam dessa convicção. O delírio coletivo descambava já para o fanatismo. Rabello ainda se encontrava no Rio, mas o povo ia à Maison Art-Nouveau onde, em tamanho natural, se encontrava o seu retrato[15], a cujos

[15] Óleo de Paula Barros, assim descrito por Otacílio de Azevedo (Fortaleza Descalça, p. 79): "O Coronel vestia uma farda azul marinho, com botões dourados, suspensa à cintura uma espada em cujos copos o ouro se refletia."

pés diariamente depositava braçadas de flores. Rabello era mais que um candidato. Era um símbolo contra a opressão, contra a oligarquia. Um símbolo da liberdade.

"Depois disso inauguraram
O retrato do Rabello
E lá no Art-Nouveau
O povo correu a vel-o
Cobriam o quadro de flores
De perfumados odores
Que era um painel muito belo."

Na Ordem-do-Dia nº 7, publicada no dia 12, o Inspetor Faustino, entre outras recomendações, reiterava esta que lhe fora feita pelo Marechal Hermes:

"... que as autoridades militares prestem todo acatamento ás autoridades estadoaes, procurando manter com as mesmas todas as relações de mutua cortezia, sem de modo algum invadir suas attribuições, nem intrometter-se nos negocios peculiares ao Estado, de sorte a serem fielmente observados os preceitos constitucionaes da autonomia dos Estados federados, e o da bôa harmonia entre os poderes legalmente constituidos."

Na intepretação vesga da tribo aciolista, declaração que tal seria como que uma promessa de cobertura e respaldo a todos os atos do Governo, inclusive os de repressão e violência.

Acompanhando o Inspetor Faustino, em sua viagem do Rio a Fortaleza, tinham vindo três grandes nomes da família do Comendador: senador Francisco Sá e Thomaz Pompeu Pinto Accioly, respectivamente, genro e filho do Presidente, e o *engrossador* Graccho Cardoso. João Brígido, em uma de suas colunas, vaticinou ironicamente: "Vieram botar a vela na mão da oligarquia."

3.6 Passeata das Moças

A *Liga Feminista Libertadora Pró-Rabello*, em cujo quadro se filiavam mais de novecentas associadas, promoveu duas passeatas monstro, testemunhando assim o apoio à candidatura popular. O sexo feminino só em 1934 é que conquistaria o direito ao voto, entretanto decisiva foi a atuação da mulher cearense nos destinos políticos do seu Estado nas eleições de 1912.

A primeira passeata, 14 de janeiro, constituiu-se uma verdadeira apoteose, da que participaram dez mil pessoas na estimativa de Rodolfo Teófilo ou cinco mil, na do Coronel Inspetor José Faustino. No correr da semana, circularam muitos boletins, convocando a população para o magno evento, traçando o itinerário a ser percorrido e sugerindo a ornamentação das fachadas das residências:



AO POVO

A LIGA FEMININA LIBERTADORA, procurando prestar uma justa homenagem ao heroico soldado coronel Marcos Franco Rabello, resolveu organizar um grande préstito cívico, o qual se realizará, domingo 14 de janeiro.

O ponto de partida escolhido, foi o Passeio Publico, pois este logar representa o Sitio onde no antigo regimen, tombaram mandando o ultimo adeus ao Ceará, os martyres que sonharam a liberdade da patria.

Antes de se por em marcha o importante prestito uma commisão da Liga, em nome do Ceará Semi-Liberto, comprimentará o Exmo. Snr. Inspetor desta Região Militar.

A sua organização ficou assim determinada: a musica da Lyra Operaria; Directoria da Liga Feminista, conduzindo o respectivo estandarte; commissão de senhoritas, conduzindo o retrato do Coronel Franco Rabello, guardado por 50 socias da Liga; comissão de senhoras, conduzindo o pavilhão Franco Rabello, o qual será ladeado por duas bandeiras nacionaes.

Fechará esta primeira parte do préstito, a Liga Feminista representada por todas as associadas, cujo numero já se eleva a 947.

Seguir-se-á o povo representado por todas as corporações cearenses e conduzindo a bandeira brazileira.

O Tiro Cearense ladeará o prestito da Liga Feminista.

O *toilet* para as moças é a vontade, pedindo-se porem a todas que conduzam no braço esquerdo um laço com as cores adoptadas.

A comissão organizadora espera que a familia cearense demonstrará a sua alta sympatia pela sua causa, pois ella representa a causa da liberdade, mandando ornamentar a fachada de suas casas.

A Presidenta da Liga, D. Maria Rodrigues[16], com as comissões, entraram em clima de euforia a partir do sábado. Grande a adesão ao movimento feita através de centenas de cartas que chegavam também do Interior. Haviam estado com o Coronel Inspetor da 4ª Região Militar que lhes asseverara a presença ao desfile. Logo pela manhã de domingo, conforme determinação de Tomé Mota, os bondes trafegariam ornamentados de bandeirinhas.

E mais um boletim para colocar os pontos nos ii:

O PRESTITO D'AMANHÃ

A LIGA FEMININA LIBERTADORA PRÓ RABELLO agradece do intimo d'alma a grande prova de sympathia e solidariedade de que acaba de receber da população desta heroica cidade.

Mais de 100 cartas e cartões de familias distinctissimas já se acham em nosso poder, avisando-nos a completa ornamentação

[16] D. Maria Rodrigues era filha do Dr. Francisco de Paula Rodrigues; e a bela porta-estandarte Odele de Paula Rodrigues, filha do Dr. Francisco Barbosa de Paula Pessoa, o que evidencia a participação das oligarquias dissidentes nessa luta.

dos predios por cujas ruas desfilará, amanhã, a importatíssima homenagem, que, em nome da família cearense, representada pela Liga Feminista, vai ser prestada ao portador da nossa Liberdade.

A Liga Feminista espera também contar com o valioso auxílio dos distinctos proprietarios da Maison Art-Nouveau, Café do Commercio, Carmo, Java, Iracema, Elegante, Café Avenida, Polytheama, Rotisserie e Restaurant Heraclito, a fim de que a Avenida 7 de Setembro apresente um aspecto verdadeiramente encantador.

O mesmo appello fica feito aos proprietarios de hoteis, estabelecimentos commerciaes, por onde tem de passar o prestito, bem como aos valentes rapazes do Club Iracema.

A Liga Feminina Pró-Rabello continua a acceitar adhesões de innumeras familias desta capital e do interior do Estado. Ella contando com o cavalheirismo do distinto cearense Sr. Thomé Motta, espera ver logo pela manhã os bonds circularem na cidade completamente embandeirados. Será mais uma prova de independência e solidariedade do benemerito capitalista que sabe honrar a sua terra e o seu nome.

O prestito civico abdecerá ao seguinte itinerário:

Partida do Passeio Publico, subindo a rua Barão do Rio Branco até a de D. Pedro, subirá a rua Senador Pompeu dobrando a Duque de Caxias e descerá a rua General Sampaio até a avenida Franco Rabello, onde se dissolverá.

O coronel José Faustino convenceu a Accioly a não mandar à rua a cavalaria, pois ele mesmo, Faustino, assumiria a responsabilidade da ordem pública. De contragosto, aceitou o Presidente a proposta.

Tarde clara e bonita, aquela. Bandeiras tremulavam, colorindo o trajeto da passeata. Das janelas e sacadas, pendiam laçarotes e ricas colchas, num espetáculo ornamental.

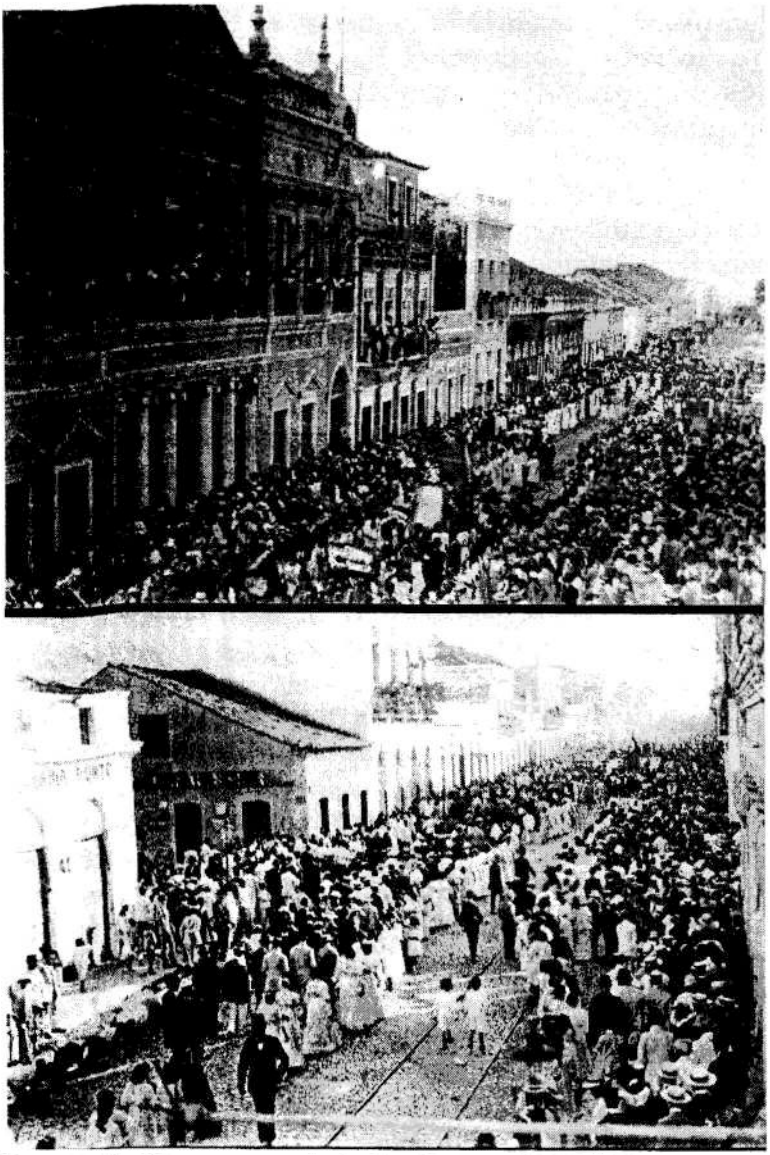
Às cinco horas, a multidão em delírio já se movimentava pela *Barão do Rio Branco*, ao som contagiante da banda.

Estandartes de muitas sociedades agitavam-se ao sopro do vento. O Coronel Faustino, acompanhando de três subordinados, em automóvel, assistia ao desfile. Os rapazes do Tiro Cearense 38, uniformizados, ladeavam os manifestantes.

Duas mil mulheres aproximadamente, vestidas de branco, exibiam nos ombros o laço verde e amarelo. Entre elas, D. Adelaide Amaral, D. Maroca Sombra, D. Elvira Pinho. Catalisando todas as atenções, o andor, artisticamente ornado de flores e palmas, com o retrato de Franco Rabello.

"Houve uma grande passeiata
Da Liga Feminina.
O povo compareceu
A esta festa quaze divina
E foi tamanho o entuziasmo,
De queixo cahido fiquei pasmo
Esperando a *Bernardina*."

Entre vivas e rojões, vitorioso, adentrou o préstito a *Praça do Ferreira* onde se dispersou. Grande parte da multidão, porém, permaneceu ali para aplaudir o verbo quente e agressivo de Dolor Barreira, Antônio Bezerra, Lindolfo Barbosa, Manuel Fernandes e outros. Inexplicavelmente, dois soldados da polícia disfarçados se aproximaram de um dos oradores... Com o auxílio de um ajudante-de-ordens, desarmou um deles o Coronel Faustino, mas ambos conseguiram fugir.



Passeata das Moças, promoção da *Liga Feminista Pró-Rabello*, em apoio à candidatura oposicionista, domingo à tarde, dia 14 de janeiro de 1912. Na foto superior, o préstito desfilava pela *Rua Barão do Rio Branco*, em frente à sede da *Associação Comercial*, uma das entidades que apoiavam o movimento.
Fotos: Arquivo Nirez

A Republica, dia seguinte, levou ao deboche a passeata das moças. E logo o boletim-resposta, de virulenta adjetivação, ganhou as ruas:



BOLETIM

AO BANDIDO QUE TEVE A OUSADIA DE AFFRONTAR A "FAMILIA CEARENSE"

Convidamos ao vil, nogento, podre, immundo, mentecapto, miseravel, cobarde e infame bandido que escreveu na "Gazúa", as palavras que se seguem:

"Mediante previo pedido, certas casas foram enfeitadas e então era de vêr, em algumas janellas, um cabo de vassoura servindo de mastro a uma bandeira verde; para este fim não ficou MULAMBO NAS CAMARINHAS, TRAPOS DOS USOS MAIS RESERVADOS COM O TRAÇO FLAGRANTE DO SERVIÇO.", convidamos, repetimos, a esse bandido que é garantido não sabemos por quantas centenas de baionetas do despota moribundo, pequeno ou grande que seja da cathegoria do banditismo, a assumir publicamente a devida responsabilidade pela infamia que escreveu contra a "idolatrada Familia Cearense".

Rogamos encarecidamente ao bandido de declarar seu nome e sustentar a sua infamia perante o publico desta terra: em gratidão juramos em nome das nossas familias lynchal-o na praça publica.

A nossa indignação é justa e está no brio da sociedade cearense desaffrontar sua familia calumniada; e si o bandido quizer vêr, sustente seu acto infame.



3.7 Passeata Infantil, Sangue e Indignação

Pela manhã do dia 15, segunda-feira, um boletim transcreveu telegrama de Franco Rabello e conclamou a massa popular para nova marcha pela liberdade:



P O V O!!

Franco Rabello, em telegrama diz:

A Victoria é nossa, sem derramamento de sangue! Correia Lima leva instruções!

Bahia liquidada!

A VICTORIA É CERTA!

Hoje mais do que nunca o enthusiasmo que entre nos existe, tende a augmentar. O prestito da Liga Feminista, hontem, foi uma verdadeira apotheose á nossa liberdade.

Hoje - ás 6 horas da tarde patiremos da Praça do Ferreira em marcha aux flambeaux e percorremos em delirio as ruas da cidade.

Ao brioso commercio, pede-se fechar as suas portas ás 5 horas.



O abolicionista José do Amaral, em seu acentrado amor à liberdade e em sua característica impetuosidade, dirigiu-se, dois dias depois, aos cearenses, concitando-os a não mais pagarem impostos e a desprezarem os insultos veiculados pela *Gazua (A República)*:



BOLETIM
POVO CEARENSE!

Só por muito mêdo e requintada cobardia, Accioly sustenta tão grande numero de bandidos e sicarios importados do Cariry.

Emquanto este renegado não restituir ao Commercio os roubos que praticou, em proveito proprio: custas, perdas e damnos com a ladroeira immoralissima do imposto inconstitucional de 3%; emquanto, finalmente, não entregar ao Thesouro Federal os 11 contos e muito que, com sua esperteza de rato, surrupiou; será sempre o execrado chefe da tribu minú, de obscura e ignorada procedência.

O commercio desta capital não deve pagar mais impostos na quadra por que passamos. A exigência que se lhe fez na Recebedoria é para cobrir o *deficit* existente, pois diariamente, contos e contos de réis são retirados clandestinamente, a fim de sustentar-se os assalariados que veem chegando do Cariry, para espigardear o povo e comprimir o commercio.

O concurso expontaneo da mulher cearense, hoje escrava branca, digna, por todos os respeitos, do nosso amor, é o maior incentivo para a reivindicação dos direitos do povo!

Quando do governo dimana a desordem, "a reação do povo é a ordem." "Contra uma violencia, outra violencia maior."

Só assim reconquistará o commercio o seu credito abalado e terá garantida a sua fortuna.

Os insultos da *Gazúa*, esgoto immundo, não devem intimidar a ninguém.

A minha fortuna, em 1896, ao deixar o commercio, elevava-se a 600 contos; della hoje não restam 100, pois roubado miseravelmente tenho sido por essa corja de ratazanas, infelicidade de nossa terra. Assim como a minha ruina, outras também teem sido arrebatadas pelos ladrões da situação, de algumas mesmo não restando ceitil, emquanto que os aventureiros que aqui armam a sua tenda, são nababos que pisam palacetes de mil e uma noites.

Mas ainda é tempo, povo cearense! A salvação surge.

Avante! Muita perseverança, que o Ceará se ha de libertar do vil captiveiro que o opprime!

(...)

Fortaleza, 18 de Janeiro de 1912
JOSÉ DO AMARAL



A cidade vive emocionalmente todos os seus momentos. Exulta com o embarque no Rio, com destino ao Ceará, do general Osório de Paiva, "um dos mais valorosos defensores das nossas liberdades" e corre à Estação para receber o "prestimoso chefe oposicionista do Icó, o padre Dr. Francisco Ferreira Antero." O assunto, entretanto, que vem dominando todos os interesses é a passeata que farão as crianças, domingo, dia 21.

Enderaçado aos marmanjos, em liguagem chistosa, o boletim dos pirralhos correu as ruas:

LIGA INFANTIL



POVO DE CALÇA COMPRIDA E BARBA NO ROSTO!

É amanhã o nosso dia! É amanhã que realizar-se-á o nosso grande prestito civico-infantil em homenagem ao valoroso soldado e heroico patricio Marcos Franco Rabello.

A nossa Liga conta com o nunca desmentido patriotismo do valente povo cearense e com uma bella e imponente ornamentação. Franco Rabello é digno de ser adorado por todo o cearense. Elle é o bicho homem. Elle ahi vem tomar conta desta gerirgonça e na frente já mandou o Osorio e o Correia Lima, dois turunas de primeira grandeza.

Vamos agora ver qual o páo que tem formiga, e não ha Maria de Araujo que possa mais salvar o negocio.

A nossa partida terá logar às 4 horas da tarde, sendo o ponto de Sahida a avenida Franco Rabello (ex Babaquara).

O nosso rumo será o seguinte: Rua General Sampaio até a Praça de Pelotas. Ahi quebramos para a direita e desceremos de ponta a ponta a rua 24 de Maio, dobrando-se na praça da Estação.

Tocamos rumo da venta, até a esquina da Rua Senador Pompeu por onde subimos até o boulevard Duque de Caxias.

Viramos para a esquerda e dahi em ordem de marcha, tocamos pela Rua Barão do Rio Branco até o Passeio Público. Atravessamos a avenida Mororó, sahimos pelo portão em frente ao Quartel General, subimos a Rua Floriano Peixoto, dobramos a de D. Pedro e descemos a Major Facundo, até Maison Art-Nouveau.



No sermão da missa de sábado, na Sé, o padre Bruno,[17] dileto amigo do Presidente, procurou tirar dos fiéis essas idéias revolucionárias e censurou-lhes a exibição de redomas no peito com retrato de um político desconhecido...

No mesmo dia, veio a represália dos rabelistas:



BOLETIM

O sr. Accioly está lançando mão de todos os recursos para a sua *sacra* salvação. Hoje, o padre Bruno, n'um sermão que fez na Sé, ao envez de falar sobre materias religiosas, deu um recado de palacio, aconselhando ao povo que tirasse do peito o retrato do benemerito coronel Franco Rabello e collocasse o do padre Cícero, padre já excommungado pela Santa Sé.

São os ultimos arrancos de leão do senhor Accioly, que ha de cahir como um sendeiro.

O clero cearense, onde se contam valiosas forças de intelligencia e virtude, não deve immiscuir-se na politicagem accyolina, porque terá enlameado a sua batina.

O povo seja sempre o soberano e repilla esta propaganda eclesiastica, de meia duzia de *padrécas* pagos pelos cofres estaduais.

Em 20-1-1912 

Domingo, entardecer do dia 21. Como era de se esperar, movimentou-se galhardamente a passeata das crianças, como parte da incontrolável pressão popular, tendo em vista rechaçar a candidatura do continuísmo e defender a do coronel Marcos Franco Rabello. Naquele fim de tarde, em conseqüência da violenta repressão da polícia e da cavalaria do Governo, atear-se-ia fogo

[17] Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, aracatiense, professor do Liceu.

ao estopim da insurreição popular que se estenderia por três dias, culminando com a defenestração do Presidente.

O historiador Rodolfo Teófilo retratou a euforia que tomava conta do povo quando do desfile das crianças: "A cidade engalanou-se, enflorou-se para assistir à apoteose dos pequeninos. Reinava grande alegria e ninguém suspeitava próxima uma grande desgraça." [18]

Seiscentas crianças vestidas de branco, no peito laços verde-amarelos e os *buttons*, como se dizem hoje, com o retrato de Franco Rabello, acompanhadas de todas as *Ligas* oposicionistas e de grande multidão, deram início, graciosa e entusiasticamente, ao monumental desfile, partindo da Praça Marquês de Herval, hoje, José de Alencar.

Nas ruas Duque de Caxias e Barão do Rio Branco, incidentes, que poderiam passar despercebidos, provocaram forte reação. Dois soldados, armados e à paisana, metidos na passeata, foram identificados e ali apedrejados por populares. Soube-se, depois, que um deles veio a falecer no dia seguinte.

Já ao crepúsculo, a onda de aproximadamente oito mil participantes, ao retumbar de vivas ensurdecedores, ao estralejar de rojões, adentrou a *Praça do Ferreira*. Ali já se encontravam dois piquetes da cavalaria, troços estes formados por vinte praças armados. Convicto estava o coronel José Faustino de que a força estadual, consoante promessa do Presidente, não iria interferir.

---

[18] THEOPHILO, Rodolfol. *Libertação do Ceará: Queda da Oligarchia Accioly*. Lisboa: Typoographia A Editora Limitada, 1914; p. 109.





Flagrantes da Passeata das Crianças, domingo, 21 de janeiro de 1912, que foi violentamente reprimida pela Cavalaria do Governo, o que deu início ao motim na Capital. Do desfile participaram seiscentas crianças vestidas de branco, acompanhadas de todos os sócios das *Ligas* oposicionistas. Foto: Arquivo Nirez.

"Babaquara no Palácio
De raiva estava se mordendo.
O seu genro Reimundão
Dizia se maldizendo:
Não posso mais suportar,
Mandar a Cavalaria pisar
Que eles estão quase vencendo!

Aí chegou o Chico Sá
E diz: isso não pode ser!
Accioly cair no Ceará
Isso ninguém há de ver!
Enquanto Carneiro da Cunha
Não quebrar a última unha
Ninguém o verá correr!

Lembrou-se o Reimundão
Da passeata infantil
E disse: Vou agora mostrar
Um polícia brigar por mil!
Dissolverei a manifestação!
E crianças rolaram pelo chão,
Ao estalejar do fuzil."

Ia-se dissipando naturalmente a passeata na mais perfeita ordem. Quando dois terços dos manifestantes já se endereçavam para suas residências pela Travessa Municipal (Guilherme Rocha) e Rua Major Facundo, em uma das extremidades da Praça, nas imediações do *Café Iracema*, ouviram-se tiros. Sob o comando do Cel. Raimundo Borges, genro do Presidente, a cavalaria investiu sobre os manifestantes que ali ainda se encontravam, esmagando-os à pata de cavalo e neles atirando a torto e a direito. Armados de mosquetões, os sicários feriram indistintamente adultos e crianças. A reação foi incontinenti. "Os populares e chefes de família não se contiveram. Puxaram dos revólveres e investiram à sua

vez. Travou-se a luta a tiros, a ferro frio e corpo a corpo. Os soldados atiravam indistintamente tanto contra os homens como contra as crianças. Vários tombaram de seus cavalos, uns feridos, outros mortos." [19] Em cima dos cascos caíram mortos três cavalos. E o sangue dos animais misturou-se com o sangue inocente de crianças, manchando de indignação o pavimento cor-de-rosa do passeio... Se não fora a destemida ação do tenente do Exército João da Costa Pinheiro que de braços abertos se pôs á frente da soldadesca iracunda, maior teria sido a carnificina, que continua sendo a página mais triste da nossa História. Terminado o tumulto, lá estava de pé, a garota Odele, filha do Dr. Francisco Barbosa da Paula Pessoa, empunhando com toda a dignidade o estandarte verde e amarelo da *Liga Feminista Pró Ceará Livre* perfurado de bala.

"A Assassina cavalaria
Que hoje já não existe
Atacou aos inocentes
Que só a beijos resiste!
Na porta do Art-Nouveau
O sangue o solo ensopou
E soldado morreu de mal triste!

Feriram muitas crianças
E outras tombaram sem vida!
A multidão se exasperou
Com uma fúria incontida
Ouvindo os últimos gemidos
Daqueles entezinhos queridos
Que a ela pedia guarida."

---

[19] FIRMEZA, H. A Revolução de 1912 no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: 1963, v. 81, p. 30.



A garota Odele, filha do advogado e político Francisco Barbosa de Paula Pessoa. Em seu posto, permaneceu impávida, mesmo vendo seu estandarte perfurado a bala. Foto: Arquivo Nirez.

A imprensa da época não fez o registro dos que caíram nessa luta fraticida nem os cronistas e historiadores se preocuparam em fazê-lo. No caso desse infanticídio, as referências são vagas, imprecisas, como nestes exemplos: "...e uma criança é morta" (Eymard Porto); "...mortas ou feridas várias crianças crivadas de balas assassinas" (Daniel Carneiro Job); "...morre no conflito uma jovenzinha participante do evento" (R. Batista Aragão); "...mortas algumas crianças, e o que valia (para o Presidente) a morte de uns três ou quatro *cabrinhas* para motivar tamanha celeuma?" (Rodolfo Teófilo), e "Não sabe-se, é verdade,/Dos mortos, o número certeiro:/Conta-se um sócio do Tiro/E um Eugênio Monteiro,/Também uma Dona Sampaio,/De polícias um raio/E um rapazinho cacheiro." (Cordel).

DUPY[20], testemunha do traiçoeiro atentado à livre manifestação do pensamento e ao direito de reunião, tão-logo terminou o levante, fez um recenceamento das vítimas, junto ao *Cemitério de São João Batista*, à *Santa Casa*, à *Enfermaria Militar* e às farmácias. No seu trabalho, dedicado "Aos heróis da Revolução de Janeiro de 1912", relacionou uma centena de mortos e feridos, excluindo-se policiais assassinados por populares, que foram enterrados no *Quartel da Polícia*, no *Parque da Liberdade* e lugares outros.

Na noite do dia 21, muito trabalho tiveram os médicos[21], com o atendimento a mais de vinte feridos,

---

[20] DUPY. *A Revolução de Janeiro (1912). Subsídios para a História do Ceará*. Fortaleza: Typ. do Diário do Norte; 12 de out. 1912. (Esta plaqueta faz parte faz parte do acervo do bibliófilo João Carlos Neto).

[21] Drs. Duarte Pimentel, Álvaro Fernandes, Eduardo Salgado, Marinho de Andrade, João H. de Azevedo, Hygino Passos, César Cals, Manuel Moreira da Rocha e Bruno de Miranda Valente, sendo este do Corpo Policial. Consoante o *Almanack do Ceará para o anno de 1910*, clinicavam, em Fortaleza, 30 médicos, e 11 eram as farmácias (Normal, Studart, Franceza, Mamede, Pasteur, Borges, Theodorico, Albano, Hollanda, Motta e Galeno).

quase todos à bala. Segundo DUPY, duas foram as crianças mortas por ocasião da passeata: Carlos, de 5 anos, com bala no peito, examinado pelo Dr. Duarte Pimentel, falecendo á noite, na residência do Sr. Heráclito Cabral; e uma garota de 6 anos de idade, perto da Maison Art-Nouveau, na Travessa Municipal. Entre os menores feridos, figuraram João Batista Pereira da Silva, 10 anos; um filho do maquinista João Martins; uma menina de 12 anos; Francisco, 13 anos, empregado de José Antônio de Sousa Sobrinho; e José Bolachinha, 17 anos, que, mesmo ferido no braço esquerdo, continuou atirando. Entre os dezessete adultos atingidos pelos *Mausers* aciolinos estavam negociantes, empregados do comércio, escriturários, marceneiros e um viajante.

A roupa branca das crianças, agora manchada de sangue, serviu de bandeira para os patriotas. O *Babaquara* passara a Herodes, na linguagem carbonária dos oradores. A indignação e a revolta explodiam em todas as almas. A oligarquia não deveria mais ficar em pé. O motim galopava nas ruas com sede de vingança. Armaram-se os patriotas e fizeram barricadas em pontos estratégicos. A advertência do destemido J. da Penha era profética; "Nada mais escorregadio do que um solo ensangüentado. E completamos nós: principalmente quando esse sangue jorra de veias inocentes!



INSURREIÇÃO POPULAR

4.1 Amotinados Sitiam Palácio

Na noite de 21 para 22, a Cidade, apreensiva e sobressaltada, não conciliou o sono. "A indignação do povo - escreve Daniel Carneiro Job - teve só uma noite de gestação. Ante o alheamento do Exército, cujos homens permaneceram aquartelados durante a matança das crianças, o povo decidiu agir por conta própria. E a tempestade desabou no dia 22 de janeiro." [1]

Nessa mesma noite, formou-se o primeiro grupo armado de patriotas, como eles se intitulavam, patrulhando o lado poente da cidade, segundo esta passagem de R. Teófilo: "Um grupo de populares composto de José Carvalho, industrial, José Collares, negociante, Raymundo Assumpção, empregado da Estrada de Ferro de Baturité, Octávio de Souza, empregado do Commercio, Carlos Rocha e Vicente Antunes da Paz, armados de rifles iniciaram o movimento revolucionario, percorrendo alta noite os suburbios do lado occidente da cidade. Em frente a casa do sr. Alfredo Salgado, havia um bonde que não poude mais seguir para a Estação. Deste veiculo fizeram trincheira José Carvalho, Octavio de Souza e Manuel Caminha atirando sobre a casa do sr. José Accioly que ficava ao alcance de suas armas. Da casa de

---

[1] JOB, Daniel Carneiro. *Revivendo o passado - Homens que a História nem Sempre Registra.* Fortaleza: jul/86,p. 246.

Accioly os soldados, que a guardavam, atiravam também, mas atôa, sem pontaria." [2]

Pela manhã, as guardas palacianas, da *Delegacia Fiscal*, da *Cadeia Pública*, *Alfândega* e do *Esquadrão de Cavalaria* e de outras repartições foram atacadas.

Caótica, a situação em que mergulhava a Cidade. O coronel José Faustino, redigiu ao Marechal Hermes e ao Ministro da Guerra, este despacho telegráfico: "Situação cada vez mais grave, povo amotinado, commercio, repartições publicas fechadas, viação paralisada, famílias alarmadas, policia tiroteando nas ruas povo reage levantando barricadas. Governador não aceitou minha proposta fazer policiamento. Peço instruções."

O Presidente era a favor de que se entregasse o policiamento ao Exército, todavia seus filhos, Thomaz e José Accioly, opuseram-se radicalmente.

Em assembléia geral, os negociantes reuniram-se na *Associação Commercial*, expediram telegramas ao Presidente da República, solicitando urgentes providências. O Governo Federal, alegando a autonomia dos Estados, manteve-se indiferente. Ali, na Rua Barão do Rio Branco, com o auxílio de canos para o serviço de abastecimento d'água, foi improvisada a primeira barricada.

A força policial, constituída talvez de mais de mil soldados, encuralou-se em *Palácio*, na *Intendência Municipal*, na *Secretaria de Justiça* e no prédio da *Assembléia*. Apenas a *Praça do Ferreira* ostentava o policiamento militar da *Cavalaria*. E o povo tomou conta das ruas e delas não se arredou mais.

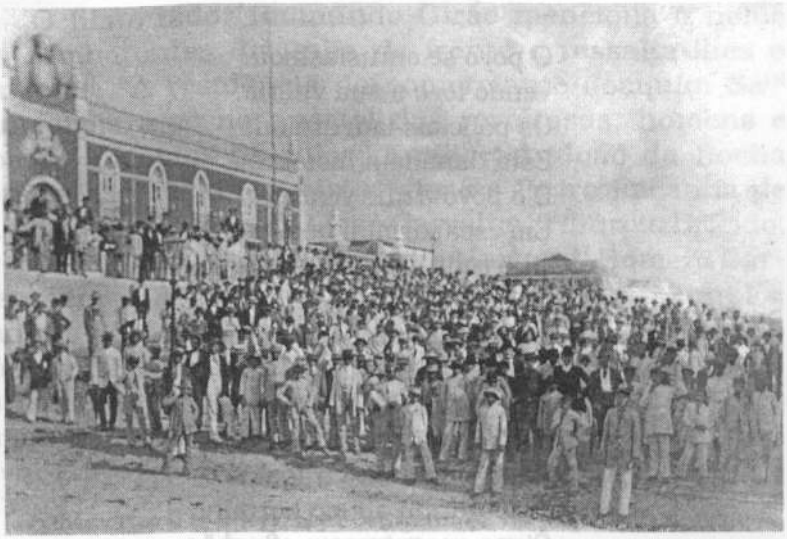
Aquartelada, outrossim, a Força Federal, com pouco mais de cinqüenta homens, muitos dos quais declaradamente contrários a qualquer intervenção, como os aspirantes Assis Távora e Atualpa de Alencar. E o povo nas ruas. Os poucos soldados que montavam guarda em

---

[2] Idem. Ibidem. P. 115-6.



Após o tiroteio (Passeata das Crianças, Praça do Ferreira, 22.1.1912), populares observam as perfurações de bala deixadas pela Cavalaria nas paredes do *Maison Art-Nouveau*



Em frente ao *Quartel General*, na Rua Alberto Nepomuceno, a população, na manhã de 22 de janeiro de 1912, pede garantias das Forças Federais. Fotos: Arquivo NIREZ.

alguns pontos eram agredidos a pedradas e postos a correr, como se deu no Mercado de Cereais.

O Governo, tranqüilo, impassível. Depõe o historiador H. Firmeza [3]: "Ao meio-dia, ainda se jogava o *poker* em palácio. Era uma prova de destemor e sangue frio, para significar o descaso das autoridades em face dos acontecimentos."

Cerca de uma da tarde, um grupo de soldados tentou uma manobra contra a trincheira da *Associação Comercial* e foi recebido a bala. Dessa hora em diante, só um ou outro praça mais afoito ousou sair á rua.

"Durante toda essa noite
Levaram a fazer trincheira.
No outro dia de manhã
Houve a desgraça primeira:
Cairam alguns policiais.
Pra gente era delícias
Ver aquella brincadeira.

O povo se entusiasmou
Vendo logo a sua vitória.
Os policiais iam dizendo
Está danada a história,
É o povo o que vence,
Em escapar ninguém pense
Que tudo será vanglória.

Logo mais tarde tomaram
A Delegacia Fiscal.
Os policiais se esconderam
De vida não davam sinal
Depois de muito trabalho
Procuraram até no borralho
Cinco encontraram afinal."

[3] Idem. Ibidem. p. 31.

Recrudesceram as escaramuças. José de Carvalho (negociante) e Joaquim Holanda (farmacêutico), à frente de um grupelho armado, tomaram de assalto a *Delegacia Fiscal*, pondo em fuga os policiais e se apoderaram das armas abandonadas.

Certa resistência ofereceu a *Cadeia Pública*, porém os atacantes, depois de presos o oficial e alguns soldados, obtiveram vitória. No entrevero, caiu morto um soldado. Em seguida desarmaram a guarda da *Alfândega*.

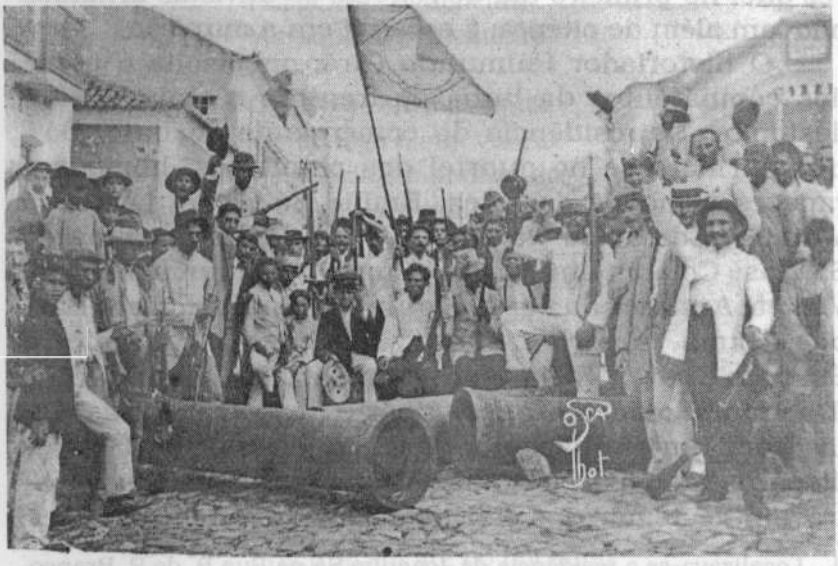
Enquanto se alastrava o motim, com a adesão de mais oposicionistas e com armas tomadas aos soldados, as forças oficiais continuavam encurraladas. Pondera o jornalista Firmeza em *A Revolução de 1912 no Ceará*, p. 31; "A oficialidade perdeu o ânimo, a começar pelo comandante, genro do oligarca. Não havia quem saísse à frente dos soldados, para dar combate nas ruas, o que resultaria em vitória certa para o Governo." Verdade inconteste essa, uma vez que, no primeiro dia de refrega, os ativistas armados não iam além de oitenta, e escassa era a munição.

O historiador Raimundo Girão menciona o nome dos combatentes da linha de frente e ressalta-lhes o destemor: "A residência do comerciante Joaquim Sá[4] transformara-se no quartel dos revoltosos, homens e rapazes armados de rifles: Emílio Sá, João da Rocha Moreira, Edmar de Queirós, José e Pedro Façanha de Sá, José Colares Cintra, José Carvalho, Tibúrcio Brígido, Vicente Antunes da Paz, Joaquim Holanda, Homero Barbosa Lima, Américo Justa, José Salazar, Leonel e Sindulfo Chaves, Raimundo Assunção, José Nepomuceno (Dandão), Rafael Marques, Alberto Sá, estes dois às voltas com um canhãozinho velho que só pôde dar três disparos inofensivos - todos eles, e muito mais, se mostravam destemerosos e atiravam incessantemente." [5]

[4] Localizava-se a residência de Joaquim Sá na Rua B. do R. Branco, entre a Libertado Barroso e a Guilherme Rocha.

[5] GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: A. B. Fontenele, 1953, p. 218.





Na Rua Barão do Rio Branco com Liberato Barroso, canos a serem usados no serviço de abastecimento d'água servem de trincheira aos patriotas.
Fotos: Arquivo Nirez.

Na superexcitação da mazorca, o populacho atirou-se na voragem do vandalismo. O aprazível *Jardim Nogueira Accioly*, na *Praça Marques de Herval*, com suas estátuas e jarros importados, foi inteiramente devastado. Bondes foram virados e poucos os lampiões a gás que se salvaram. Esses atos de insatisfação da massa não contavam com o aval dos chefetes do levante. Ao contrário, foram alvo de reprimenda. Tais reações espontâneas vão encontrar raízes nas discriminações sociais da época. A "população das areias" nunca teve o tostão sequer para o bonde nem o direito de freqüentar praças ao lado da "gente de bem". O "cabroeiro" criava dentro desta desordem a sua nova ordem que as elites dos *maloqueiros* e dos *cafinfins* não chegavam a vislumbrar sequer.

"Foi na avenida Accioly
Que a Bernarda quase extoura,
Tudo aquilo extremeceu
Nessa hora assustadora;
Quebraram estátuas e bancos
E depois desses arrancos
A multidão foi embora...

A nossa empresa de gaz
Mulher de muito juizo,
Com os lampiões quebrados
Teve grande prejuízo
Também a ferro carril
Precisou tomar bromil
Para não perder seu sizo."

No lado sul da cidade, na atual Rua Antônio Pompeu, o *Batalhão dos Patriotas*, uns doze aproximadamente, sob a orientação do tenente de polícia Luís Vale, prendia ou matava quem por ali aparecesse fardado. Era a *Fortaleza de S. Rita*, cujo letreiro da placa foi

aberto, sob chuva de bala, pelo genial pincel de Otacílio de Azevedo. "Muitos soldados - escreve O. Azevedo - foram mortos ali. Os que se entregavam aos revoltosos eram levados por R. Teófilo para a sua residência, nas imediações. O velho benemérito tratava deles, mudava-lhes a roupa e eles ficavam pertencendo ao nosso grupo."[6]

As estradas que davam acesso a Fortaleza (Benfica, Mecejana e Alagadiço), bloqueou-as a população. Ninguém passava com marmitas para os soldados nem entrava capim para os cavalos.

Governo e forças policiais sitiados, excluindo-se alguns soldados da Cavalaria que, aos galopes e correrias, pelas ruas e subúrbios, continuavam detonando seus mosquetões.

Ao cair da noite, já se podiam contar mais de duzentos sediciosos em armas, uns nas trincheiras, outros em pontos estratégicos, não dando vez a que os sitiados saíssem sem serem alvejados. Cidade, às escuras. Descargas esparsas.

Nesse primeiro dia de motim, não foi mortalmente ferido nenhum integrante dos combatentes rabelistas, porém muitos praças sucumbiram. "Havia na Praça dos Voluntários, em frente ao *Liceu* (hoje, *Secretaria de Polícia*), uma enorme cacimba que foi obstruída com corpos de soldados mortos pelos patriotas enraivecidos e dominados pela sede de vingança."[7] DUPY registra mais de vinte óbitos, dos quais destacamos estes: "Rapaz de 18 anos, João Farias dos Santos, filho do negociante Joaquim Ribeiro dos Santos, conhecido por Joaquim Amâncio, ferido às 11 horas da manhã de 22, por bala de carabina Mauzer, vinda da direção da cadeia pública. Recolhido à enfermaria Militar, que fica na parte por trás do quartel-general, veio a falecer no dia seguinte." "D. Laura Sampaio, esposa do farmacêutico Alfredo Dutra

[6] AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fort.: UFC, 1992. p. 75-6.
[7] Idem. Ibidem. P. 75-6.



João Farias dos Santos, 18 anos, filho do comerciante Joaquim Ribeiro dos Santos e d. Tereza Ribeiro. Ferido a bala de carabina Mauzer, às 11 horas da manhã do dia 22.1.1912 e recolhido à Enfermaria Militar do Quartel General, faleceu no dia seguinte. Na lapela do paletó, a fita verde e amarela e o *botton* de Franco Rabello. Foto: Arquivo Nirez.

de Castro, morta dentro de casa, às 8 1/2 da noite, de 22, no bairro de Jacarecanga." "Eugênio Monteiro, empregado da Secretaria da Fazenda. Achava-se na Rua General Sampaio, 22, sendo ferido por bala que lhe atravessara a região ilíaca direita e o grosso intestino, no dia 22, falecendo na S. Casa, no dia seguinte."

Dadas as tensões e escaramuças que tomaram conta do dia, poucas, bem poucas, as pessoas que deram uma olhadela no boletim da Liga Infantil:



CONVITE

A Liga Infantil, ainda com o coração transbordando de dôr e pésar pede a todas as creanças cearenses que tomem luto por oito dias, em signal de sentimento pelas mortes traiçoeiras de nossos associados, hontem na praça cujo nome representa a data da nossa independência.

Este convite se estende também aos filhos dos que acompanham o governo, e temos plena convicção que é impossível existir um pai que por mais bandido que seja prohiba seus filhos a participar com a dor que nos invade a alma.

A LIGA INFANTIL.



Poucos, bem poucos, os que também chegaram a ler *A República*. O jornal oficial, que, pela primeira vez, circulou em 9 de abril de 1892, fechou suas portas com a edição de 22 de janeiro de 1912, segunda-feira, Ano XX, nº 17.[8]

Eis, na íntegra, o artigo da primeira página, intitulado *Movimento Subversivo*:

---

[8] O exemplar, em nosso poder, pertenceu a R. Teófilo. Nele, o escritor escreveu: "Ultimo nº da Republica a 22 de Janeiro de 1912 que não chegou a ser distribuido em virtude do movimento que começou neste dia e teve por fim a deposição do Governo Accioly."

"Desde hontem cedo, renovaram-se nas ruas da cidade (linha ilegível)... contra a ordem publica e o principio da autoridade constituida.

Sabe o povo pacato a origem e o fim que visam os desordeiros, açulados pela ignobil exploração politica dos nossos perfidos e odientos adversarios.

Homens de instinctos perversos não hesitam nem vacillam diante dos planos mais tenebrosos, pouco lhes importando o sacrifício da tranquilidade e bem estar da familia cearense, tradicionalmente ordeira e amiga da paz, comtanto que os seus meios lhes pareçam propicios á conquistas do poder.

Especulando com innocentes criancinhas, simularam hontem uma passeiata em honra do candidato que apontam á futura presidencia do Estado, quando o seu premeditado proposito não era outro senão perturbar o secego publico, intimidando ao mesmo tempo os republicanos nas vesperas de um pleito renhido, cujo resultado, têm como certo, lhes será desfavorável.

Ao chegar aquella á praça do Ferreira e encontrando ali tres soldados da guarda civica, apenas armados de sabre destacou-se um grupo de exaltados que quis obrigar os referidos guardas a vivarem o seu candidato. Como estes não quizessem acceder á imperiosa e aggressiva intimação, foram atacados a tiros. Estabelecido o tumulto, seguiu em socorro dos soldados, já feridos e bastante maltratados, uma patrulha de cavallaria. Esta força, logo ao se aproximar, foi tambem recebida á bala, vendo-se na contingencia de agir com energia.

Como sempre tem acontecido, os arruaceiros debandaram, atirando. Desse tiroteio, resultaram diversos ferimentos em populares e policiaes, sendo que ha dois destes em estado grave. Foram baleados e morreram, inda em consequencia de ferimentos, tres cavallos do esquadrão.

O panico, na cidade, foi grande.

O governo do Estado tomou immediatamente as providências necessárias, no intuito de restabelecer a ordem publica.

Durante a noite, os amotinados fizeram ainda algumas sortidas e correrias, sendo repellidos.

Á hora em que escrevemos, grupos de desordeiros e socios do tiro cearense, armados de rifles, fazem constantes disparos sobre o palacio da presidencia e o quartel da guarda civica.

A força de policia age com decisão para dominar o movimento subversivo, que tem provocado a mais intensa indignação no seio das classes conservadoras.

Desvanecemo-nos em poder garantir á população trabalhadora desta capital que o governo se acha fortemente apparelhado para fazer respeitar a lei e o principio da legalidade republicana, que encarna."

Mal clareou o dia 23, reiniciaram-se os tiroteios que se intensificaram com o correr das horas. Enquanto de Acarape chegava de trem forte grupo de patriotas, chefiado pelo major Francisco Chagas, enfraqueciam as forças oficiais pela deserção. Acoçados pelo medo, pela fome e pela sede, os soldados optavam pela fuga. Grande foi a revolta no *Quartel do Outeiro*. Para contornar a indisciplina, necessário se fez que Alfredo Nunes Weyne conduzisse o cabeça à Guarda Civil.

"Mais tarde chegou
A rapaziada do Acarape.
Os accioles souberam
E disseram: Não há quem escape...
Seremos todos vencidos
Elles serão socorridos
Pelo tiro de Maranguape.

Os de Acarape chegaram
Já no dia do advento,
Nas ruas por onde passaram
Era grande o movimento.
Um gritava, outro dava palma
E via-se em cada alma
Interesse no Vencimento.

Os pontos que iam tomando
Entregavam ao federal.
O José Faustino dizia;
- É uma anarquia geral...
E Babaquara morrendo de medo
Dizia: - Rifle não é brinquedo
Já ouço meu funeral!"

A trincheira aberta na *Rua Municipal* (hoje *Guilherme Rocha*), a duzentos metros da porta do Palácio pelo lado poente, garantia aos amotinados posição privilegiada, mantendo o oligarca, sua família e a oficialidade encurralados, sem condições de defesa. [9]

Fechado que fora o Mercado, não havia carne. Água e leite, também não, pois aos entregadores foi proibida a entrada na cidade. Víveres em estoque não existiam, pois não se esperava o cerco. Sem capim, sem água, inquietavam-se os animais da tropa. Depõe Alfredo Nunes Weyne: "Grupos revolucionários no caminho por onde passavam as carretas do rancho procedentes do *Quartel do Outeiro* apreendiam e destruíam toda a comida destinada aos soldados de prontidão no *Quartel da Guarda Civil.*"

Pela tarde, o Inspetor Faustino telegrafou ao Marechal Hermes nestes termos: "...ruas cheias soldadesca policia desenfreada alvejando transeuntes sem distinção atacando até casas oficiais exército. Acaba falecer atingida bala irmã tenente Gustavo Sampaio". Assassinado também Júlio Gouveia Barbosa, 25 anos, em-

---

[9] Lapso compreensível cometeu o notável cronista Daniel Carneiro Job, em seu trabalho *Revivendo o Passado*, Fort., julho/86, ao inserir na página 247, duas fotos de trincheiras, como sendo do motim de 1912: a primeira em frente ao prédio da *Assembléia Legislativa*; e a segunda, defronte da *Igreja do Pequeno Grande*. Tais valados foram abertos dois anos depois, 1914, quando da sedição de Juazeiro.

pregado de J. Lopes & Cia, quando às $7^{1/2}$ passava na vizinhança da fábrica de Joaquim Sá. Feridos gravemente pelas balas policiais, em sua própria casa, o sexagenário Delfino Pereira de Melo, residente na Praça dos Coelhos e D. Maria Canindé que ali se encontrava. Na Praça do Carmo, o tipógrafo Joaquim Menezes, residente em Parangaba, teve orelha decepada por um tiro. A perda de policiais não foi pequena naquela manhã: dois soldados que montavam guarda à casa de José Accioly; Manuel Bezerra, cabo do Batalhão de Segurança; cinco fardados entricheirados junto ao um pé de xixá em frente do Banco do Ceará; sargento Francisco José do Monte, da *Guarda Cívica* e muitos outros perderam a vida.

O presidente do Estado, percebendo, enfim, a gravidade da situação, pediu, por ofício, a presença em Palácio do coronel José Faustino, a quem expôs sua pretensão. Objetou-lhe o militar que assumiria o policiamento, não parcial, mas de toda a cidade, devendo ser recolhido o *Batalhão de Segurança*. Argumentou o oligarca que só poderia aceitar a proposta, com a aquiescência dos filhos José e Thomaz, do genro Francisco Sá e de Gracchо Cardoso. Como alguns deles não se encontrassem em palácio, Faustino, arriscando a própria vida foi buscá-los em suas casas de automóvel. Durante a reunião, apenas o senador Sá se mostrou receptivo à proposta do Inspetor, que dali logo se retirou para manter-se na neutralidade. Razão tinha Faustino, pois, às 18 horas, recebia do Ministro Menna Barreto o seguinte telegrama: "Não deveis intervir com força federal nos acontecimentos políticos que aí se desenrolam senão depois de requisitada pelo Governo do Estado nos termos da Constituição ao Marechal Presidente da República."

A ofensiva popular agigantava-se hora a hora. Recrudescia a fuzilaria por parte dos rabelistas que somavam já mais de quinhentos homens de armas à mão.

D. Joaquim José Vieira sentiu-se no dever de ir a Palácio. A visita é narrada por Mons. José Quinderé:

"O venerando Prelado, à tarde do dia 23 de janeiro esteve em palácio, em visita de conforto a seu amigo e, por julgar irremediavelmente perdida a situação, lhe aconselhou a renúncia ao poder para evitar maiores sacrifícios de vidas, sugestão que não foi bem acolhida. E, ao retirar-se, justificando-lhe os receios, viu cair morto aos seus pés, varado por uma bala inimiga, um dos guardas palacianos."[10] Rodolfo Teófilo comenta a recusa a essa sugestão episcopal; "...disseram eles (José e Thomaz Accioly) ao Bispo que fosse ele entender-se com os chefes dos arruaceiros, os srs. João Brígido dos Santos, coronel Agapito dos Santos, Dr. Paula Rodrigues, imputação esta muito injusta."[11]

Quase impossível conceber-se qualquer acontecimento, do Ceará, por mais sério e grave que seja, sem o registro do pitoresco. Vejamos, então.

Lembraram-se os entricheirados da *Rua Municipal* que, no *Sport Club*, havia um pequeno canhão, ornamentando o jardim. De lá arrastaram essa velha peça de artilharia até a barricada, encheram-lhe o cano com pedaços de ferro, cacos de garrafa e muita pólvora, e apontaram-no á porta dos fundos do Palácio. O quarto e último estampido foi tamanho que ecoou muito além do Benfica e reduziu a pedaços a perigosa arma... Foi nessa trincheira, nesse dia, que o farmacêutico Joaquim de Holanda foi ferido na fronte e no pé.

Hermenegildo Firmeza, no seu artigo A *Revolução de 1912 no Ceará, inserto na Rev. do Instituto do Ceará*, 1965, p. 25-39, transcreve, o que faremos, duas páginas deveras hiláricas do cronista João dos Gatos, em um jornal local. Firmeza não refere, mas se sabe que tal pseudônimo é do prosador e poeta Emídio Barbosa ou Chammarion (1891-1939); e o jornal, decerto, a *Folha*

---

[10] QUINDERÉ, José. *Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly*. Fortaleza: Minerva; 1950, p. 4.

[11] THEOPHILO, Rodolpho. Idem. Ibidem. P. 141.

do Povo. Seguem-se os episódios, da secção *Ecos da Revolta*.

"A *Fortaleza de Santa Rita*, forte e serena, rompeu fogo tenaz, pela boca gloriosa dos seus rifles.

Um vulto tremeu, agachou-se, sumiu-se e reapareceu, como uma bóia á tona d'água, sob o chuveiro das balas que, como garotos despreocupados, passavam, espaço em fora, assoviando canções inéditas.

Elevou sua carabina à altura da cabeça e jogou-a em terra. Queria que lhe vissem o gesto. Não estava atirando. Lançou ao chão o quepe sebento e amarrotado. Abriu os braços, suplicando misericórdia, mas ninguém o compreendia.

Era um soldado da polícia. Era, portanto, um inimigo. E essa gente pobre, desgraçada e escrava, pagava o ódio do povo, a dívida contraída pelos mandões covardes.

Os tiros continuavam mais espaçados: tiros de pontaria. Caçavam-no. De chofre, como se uma mola o impulsionasse, talvez a lembrança da mulher, dos filhinhos pálidos e magros, que em casa ficaram quantos dias!... Sem ter para mitigar-lhes a fome uma côdea de pão, caiu de joelhos, trêmulo e cadavérico, mãos postas e olhos no céu azul, que sorria, claro e doce, apoteosando a vitória da liberdade.

A fuzilaria, com uma uniformidade mágica, cessou subitamente, como por encanto. Os rapazes vieram buscá-lo. Nem uma bala o alcançara. A fome desfigurara-lhe o semblante amarelo, espiritualizando-o em um símbolo.

Deram-lhe comida... Seus olhos fulguraram estranhamente."

"Troava a fuzilaria assassina... As ruas desertas semelhavam alamedas de um cemitério colossal. Perfis esgazeados e vagos de rapazes, rotos, chapéus de palha, olhar de lince, perscrutando longe, com cuidado e audácia, em posição de ataque, surgiam como lagartos, mansamente, pelas esquinas, boca do rifle berran-

te à frente do peito branco, como que dizendo: "Ainda há soldados?..."

Na Praça de Pelotas, um velho cético e boêmio, da escola de Muger, galhofou:

– Ó pequerrucho, para onde vais?...

Era um pequeno, um garotito, calças curtas ao joelho, onze anos, um nada, em luta como um homem. Surgiu de uma esquina, sobraçando um rifle, os olhos atentos, e atravessou a largura da rua, de gatinhas, como um guerreiro ensinado e perito na audácia e na *pochade*.

– Ilcino, para onde vais?

– Para as trincheiras da Rua Formosa.

– Que diabo vais tu fazer? Lá não tem formigas para guerreares...

– Mas tem couro de cão para espichar...

– E a mamadeira?

O pequeno levantou o rifle, e gritou:

– Levo aqui; o leite é para o Acióli...

E desapareceu sob o fumo que envolvia a cidade, num halo de compreensão e ternura.

A fuzilaria recrudescia de impetuosidade. O céu sorria, azul e calmo."

Os combatentes, tomando conhecimento da recusa do Presidente em entregar o policiamento às forças federais, redobraram o tiroteio. Do lado oficial, mais baixas, mais fugas. E a noite chegou sob a chuva sibilante de balas. Estreitava-se ainda mais o cerco. Sobre os telhados das casas na *Sena Madureira*, na biqueira do palácio, os patriotas ganhavam novas e estratégicas posições. Meia-noite. Crescia o número de amotinados. A munição, todavia, estava no fim. Arrombada a *Casa Lima* pela porta dos fundos, lá conseguiram quatro mil balas, façanha estrepitosamente comemorada aos *vivas* a F. Rabello e ao Ceará Livre e aos *morras* à oligarquia. "Assisti ao arrombamento da Casa Villar", - acrescenta o cronista e rabelista Otacílio de Azevedo.

4.2 Deposição de Accioly

A angústia e o medo inquietavam a grei aciolista. Madrugada de chuva. Pelas quatro horas, dadas as reiteradas solicitações de Francisco Sá, o Coronel Faustino mandou a Palácio dois oficiais para conduzi-lo ao Quartel General. Era do conhecimento do senador de que os amotinados iriam invadir a sede do Governo pela manhã. Fazia-se mister o entendimento entre essas autoridades.

Na companhia de ajudantes-de-ordens e do senador Sá, o Inspetor Militar foi a Palácio e mostrou, com clareza, ao Presidente e a seus familiares os riscos que estavam correndo. Accioly, evocando o § 3 art. 6 da Constituição, fez ver ao Inspetor Faustino o intuito de ser transferido com os seus, para o *Quartel Militar*, porém como Presidente, até que o Marechal Hermes tomasse providências. Faustino considerou inviável essa atitude, uma vez que tal não era de sua competência e, além disso, pequena era sua tropa, e as ruas estavam a exigir a deposição do Governante.

O ataque ao Palácio estava combinado para as nove horas, no entanto, às sete, uma toalha branca hasteada num cano de fuzil anunciava a renúncia...

"No dia 24 às nove horas,
Dia N. S. da Paz,
Os acioles mostraram
O quanto eram incapaz:
Logo de madrugada,
Antes de romper alvorada,
Choravam Borges, Gracchos e Saes.

Acciole renunciou o cargo,
Assumindo Carvalho Mota.
O povo aí mostrou
Que não fazia marmota:

Pelo Palácio foi entrando
E a tudo foi devastando
E virando de cambalhota!...

No posto da guarda civica
Nada ficou inteiro,
Encontraram policiais mortos
No chão fazendo outeiro,
Tomaram todo o armamento,
Dos soldados o fardamento
E à República foram ligeiro.

Entraram na República
E esta foi empastelada,
O povo levava ódio
E ia com uma fúria danada:
A tudo foram queimando,
Os prelos inutilizando
Numa loucura azarada."

Cercado pela massa ululante dos sediciosos e na presença do Inspetor Militar José Faustino da Silva, assumiu as rédeas governamentais o Coronel Thomaz Cavalcanti de Albuquerque, 3º Vice-Presidente, uma vez que o 1º, Dr. Graccho Cardoso, também logo renunciara, e o 2º não se encontrava em Fortaleza.

A pedido de Francisco Sá, o padre João Alfredo Furtado, tendo em vista reter os impulsos populares, leu, na *Praça do Ferreira*, a carta-renúncia.

Indescritível a explosão de contentamento dos vitoriosos. No auge da exultação, sucediam-se, na praça pública, os oradores. E a notícia correu célere pelos quatro cantos da Cidade. Abriam-se portas para acolher os feridos e saciar-lhes a fome e a sede. Respirava enfim aliviada a população, após três longos dias de angústia.

O Presidente em companhia da numerosa família, de oficiais do exército e de adversários, foi conduzido ao *Quartel General*. Tocante, sim, o cortejo. Ao passar o grupo em frente à Sé, populares, encarapitados nas torres, travestidos de sineiros, fizeram o velho bronze dobrar lugubremente a finados...

"Eu achei muito engraçado
O Babaquara chorando.
Quando desceu do Palácio
As escadas ia molhando.
Um chorava, outro gemia.
Raimundo, esse pedia
Fosse o povo o perdoado.

Quando entrou no Quartel,
Babaquara inda chorava.
E somente os inimigos
A ele acompanhava.
Ali foram acolhidos,
Pelo exército garantidos.
E fora o povo vaiava!

Houve tanta alegria
Com a vitoria do povo
Pelas ruas da cidade,
Só na festa do Ano Novo
Se via tanta satisfação.
Dançavam, tocavam violão
E eu de satisfação me movo."

Convém que se frise que o movimento que depôs o Presidente cearense jamais contou com o respaldo do Marechal Hermes e do todo poderoso Pinheiro Machado. O *Salvacionismo*, bandeira do Marechal, que destronou outras oligarquias, como as de Alagoas e Pernambuco,

não tomou nenhuma posição decisória no levante do nosso Estado. Sua neutralidade diante da insurreição decerto facilitou as ações da população fortalezense revoltada com a repressão policial da tarde-noite do dia 21 de janeiro. Até esse momento, as camadas populares pleiteavam dobrar a oligarquia através do voto nas urnas com a vitória de Franco Rabello. Foram as escaramuças dos civis armados e decididos que, nos dois dias subseqüentes, forçaram a renúncia de Accioly e decretaram a sua deportação. Estas são as palavras textuais de Frota Pessoa: "A revolução do Ceará foi ganha exclusivamente pelo povo." "O povo esteve só na luta e venceu só." [12]

Marcelo Camurça assim focaliza esse vitorioso momento de mobilização popular: "Será a ação decisiva das camadas urbanas populares que marcará o curso da história neste período da luta política. Em meio à campanha eleitoral como resposta à violência policial da cavalaria de Accioly contra as mobilizações populares em apoio a Rabelo (passeatas e comícios) o povo de Fortaleza toma o próprio destino em suas mãos: com uma espetacular insurreição popular derrota as forças do Governo Estadual, cerca o Palácio do Governo e obriga o oligarca a renunciar e a exilar-se no Rio de Janeiro." [13]

A cidade retoma o caminho da normalidade. O comércio, amanhã, já poderá abrir suas portas, e os bondes voltarão aos seus trilhos. Enquanto isso, dava-se o retorno dos boletins, como este, de responsabilidade do Sr. Geminiano Maia, presidente da entidade maior dos comerciantes:

---

[12] PESSOA, Frota. *A Realidade Brasileira*. Rio: Francisco Alves. 1931, p. 119 e 124.

[13] CAMURÇA, Marcelo. *Marretas, Molambudos e Rabelistas. A revolta de 1914 no Juazeiro*. S. Paulo: Maltese, 1994, p. 171.



Dr. Accioly, de bengala e cartola, em companhia da família e de alguns amigos, no escaler que o conduziu ao vapor *Pará*, na manhã de 25 de janeiro de 1912, quando de sua partida após a deposição pelo levante popular.

BOLETIM
DA "ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL"

A Directoria da ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL do Ceará cumpre, antes de tudo, o patriotico dever de congratular-se com o herioco povo desta terra que, erguendo ao mais elevado gráo o nome e brio cearense, acaba de deitar por terra o poder despotico e sanguinario que ha tantos annos o opprimia e aviltava. A data de 24 de JANEIRO de 1912
ha de tornar-se para sempre memoravel nos annaes das nossas tradições gloriosas, pois relembra um dos mais alevantados feitos de civismo que a um povo é dado registrar em sua historia.

A directoria da Associação julga a situação perfeitamente normalisada e assim aconselha á classe commercial que reabra amanhã 25 os seus estabelecimentos.

Associação Commercial do Ceará, 24 de janeiro de 1912.

BARÃO DE CAMOCIM, presidente.
MAXIMIANO LEITE BARBOSA, secretario.

Até o representante de um prosaico produto de higiene patrocinou e fez circular esta folha solta:

DUAS PALAVRAS

Aos Bravos Cearenses

Ornamentou-se a historia nacional Brazileira, com uma pagina toda tecida de aureas folhas de louro - "24 de Janeiro!" UM POVO. Povo acossado pelas secas, opprimido por uma politica escravisadora, negligenciado pela cabeça de seu paiz (a Capital Federal), enfraquecido pelo grande exodo de seus conterraneos para os estados vizinhos, dizimado pelas zonas mortiferas do Amazonas, desprotegido de tudo e de todos, mas um Povo de Ouro!

De ouro sim, porque, como as grandes arvores expostas á tufões se revigoram cada vez mais, assim o Cearense por entre as torturas do infortunio ennobrece o coração, e se robustece o peito!

Qual bloco de ouro, Ceará resistiu, Ceará valorisou-se, Ceará reluziu - Venceu!

Venceu com heroismo, venceu com humanidade!

Foi um escravo que quebrou os seus grilhões para, uma vez liberto, garantir o seu Senhor.

DUAS PALAVRAS: Desejaes FRANCO RABELLO, seja este desejo uma realidade! Mas lembrai-vos que tudo que se levanta contra o vosso ideal é inveja, egoismo, - impatriotica ambição.

Há um Cearense brioso que deseja vir ao Ceará - General Bezerril; animae-o a vir, convidae-o a vir, mas, que este glorioso patriota venha á terra de Iracema, dar o seu voto a FRANCO RABELLO!

VIAJANTE GERAL DO AFAMADO "SABONETE REUTER."

A Rua Municipal (hoje, Guilherme Rocha), teatro principal da guerrilha, teve seu nome substituído. O convite para a aposição das novas placas veio em forma de boletim:

Convida-se ao heroico povo desta cidade, para assistir hoje, ás 1 hora, a substituição das placas da Rua Municipal, por outras denominadas

RUA 24 DE JANEIRO

Esta data gloriosa para o povo de Fortaleza, representa o dia em que tombou para não mais se levantar, a olygarchia acciolyna.

Foi nesta rua, em que o velho tyrano assassinou creanças, que o mesmo içou a bandeira pedindo misericordia.

Portanto, todas as classes e todas as ligas libertadoras, com os respectivos estandartes, devem comparecer a este acto, digno de toda solemnidade.

24 de Janeiro é uma triplice gloria para todo o povo cearense, pois elle representa a queda do despotismo, a vingança da infância e o heroismo da mocidade.

VIVA O CEARÁ LIVRE!

VIVA A SOBERANIA DO POVO!

VIVA A MOCIDADE CEARENSE!

4.3 Deportação do Oligarca

A cidade que, no dia 25, deveria acordar em festas, foi abruptamente invadida por onda de apreensão e revolta. Corria a notícia de que o Marechal Hermes estava a enviar tropas para fazer a reposição do Presidente Accioly. Telegrama recebido pelo Inspetor Faustino dava conta dessa inquietante verdade: "Off. Urgentissimo. Coronel José Faustino. Fortaleza. Repartição Geral dos Telegraphos. T. de Palácio Presidencia 57120.41. 24/3h30. Causou-me surpresa vossa declaração Governador de não terdes força fazer respeitar autoridade legal Estado. Empregae todo o vosso esforço moral restabelecimento ordem. Mandarei força com urgencia para reposição Governador. Saudações. Marechal Hermes. Presidente da República."

Nas ruas, nova rebelião! A indignação e o ódio, em menos de uma hora, reuniram, na *Praça do Ferreira*, mais de quinhentos homens fortemente armados. A vitória tão custosa, ontem conquistada, não poderia transformar-se em derrota hoje! A massa jamais aceitaria essa decisão oriunda do alto poder. Se, há duas semanas, o próprio Marechal Hermes da Fonseca, em nome da política das *Salvações Nacionais*, levara à renúncia o Presidente Aurélio Viana, da Bahia, depois de quatro horas de bombardeio de Salvador, com que autoridade e direito pleiteava ele a continuação da oligarquia no Ceará? Sucediam-se, na praça, oradores inflamados, exasperavam-se, cada vez mais, os inimigos do Governo.

O *animus* da população, nessa agitada manhã, é assim traduzido por H. Firmeza: "Antevia aquela gente perdido todo o seu esforço, ludibriada a sua generosidade poupando as vidas dos governantes, estes, com o chicote de novo em punho, castigando-lhe o crime de querer ser livre. Todos os nervos vibravam de indignação, todas as bocas exclamavam maldições..."[14] (Essas considerações do jornalista nos levam obrigatoriamente

[14] Idem, ibidem, p. 33-7.

ao irônico M. de Assis para quem "o melhor modo de apreciar o chicote é ter-se o cabo na mão...")

O brado da revolta e das ameaças de invadir o *Quartel General*, guarnecido por pouco mais de cinqüenta homens, chegou aos ouvidos dos sitiados, provocando pânico. O Presidente, temendo a sua morte e dos seus, entregou ao Cel. Faustino mais uma carta-renúncia, desta vez, menos reticente e com firma reconhecida: "Exmo. Sr. Cel. José Faustino da Silva. Tendo renunciado ao Governo e disposto a não voltar a este, não aceitando a reposição em qualquer hipótese, peço-lhe garantias para embarcar imediatamente no vapor que está no porto. Antônio Pinto Nogueira Accioly."

Foi lida em voz alta a carta-renúncia na *Praça do Ferreira*. A turba, já exasperada, não quis permitir o embarque da grei aciolista. Necessário se fez que o velho professor Agapito Jorge dos Santos convencesse a multidão desvairada a ter piedade dos derrotados. Acedeu o povo, mas que não lhe fosse tirado, pelo menos, o direito de vaiá-los...

Aos brados e em correria, deslocaram-se os combatentes, agora mais de mil, ao *Quartel General*, na Rua da Ponte (hoje, *Alberto Nepomuceno*). A praça dessa repartição militar tornou-se pequena, e os rabelistas, encarapitados pelas mongubeiras, apontavam baionetas e fuzis para o edifício federal. À porta principal, os chefes oposicionistas Manuel Moreira da Rocha, João Brígido dos Santos, Francisco de Paula Pessoa e o coronel Agapito dos Santos procuravam conter os manifestantes. Após acordo ali firmado, a família Accioly poderia embarcar, contanto que, como reféns, ficassem José Pompeu Pinto Accioly e Graccho Cardoso.

Eram quase onze horas, quando o grupo derrotado, sob a proteção do Exército, foi cautelosamente saindo pelos fundos do Quartel, do lado do *Passeio Público*. Mais de quarenta pessoas compunham a comitiva. Excetuando-se José Accioly e d. Tellina de Alencar; e

Raimundo Borges e d. Branca Accioly Borges, seguiram para o embarque os demais membros da família: O Presidente e d. Maria Teresa de Sousa Accioly (d. Maroca); Olga Accioly de Sá e o esposo senador Francisco Sá; Benjamim Pompeu Pinto Accioly e d. Aline Pinto de Albuquerque; Alice Accioly Jorge de Sousa e o esposo José Francisco Jorge de Sousa; Antônio Pinto Nogueira Accioly Filho e d. Hermengarda de Mello (Ninita); Hildebrando Pompeu Pinto Accioly e d. Olga Barbosa; e o senador Thomaz Nogueira Accioly e d. Suzete. Integravam ainda o grupo, entre outros, o médico Sá, filho do senador F. Sá; Alfredo Nunes Weyne, ajudante-de-ordens do Presidente, em substituição ao major Raimundo Guilherme; Francisco Jorge de Sousa; o diretor dos *Correios*, José Pinto de Albuquerque, sogro de Benjamim Accioly, acompanhado do filho Aldruvando, funcionário daquela repartição; Augusto Fiuza e o teatrólogo Carlos Câmara.

Ao aproximar-se o cortejo da *Santa Casa*, foi alcançado por D. Joaquim José Vieira, que ladeou o amigo deposto até tomar o escaler que o levou ao navio.

Onde, os outros amigos? Ele não os tinha? Carneiro da Cunha, na véspera, desaparecera, escondendo-se para os lados do Cocó? Onde os quinze coronéis e os dois reverendos, chefes políticos do Interior, que, em 4 de outubro de 1911, na vila de Juazeiro, acordaram unanimemente em "manter incondicional solidariedade com o Exmo. Sr. Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly, nosso honrado chefe, e obedecer incondicionalmente suas ordens e determinações"? A distância e os precários meios de transporte justificavam a ausência deles...

Entre alas de manifestantes e curiosos, a comitiva continuou descendo a *Rua da Ponte*. Passou ao lado do novo edifício da *Alfândega*. Enfim, o lastro de madeira da *Ponte Metálica*.[15] O vapor estava ao largo, e o per-

[15] No governo Campos Sales, o engenheiro Domingos Sérgio de Sabóia e Silva executou a construção da *Ponte Metálica* para viabilizar o embarque de mercadorias e passageiros. Iniciaram-se as obras em 18.12.1902, sendo concluídas em 26.5.1906. Não era acostável.

curso entre o trapiche e o navio foi feito em barco. Um a um, os membros do grupo foram descendo pela escada até a frágil embarcação que os levaria ao vapor.

E o navio, envolto então em neblina, gemeu doloroso apito e seguiu rumo ao Rio de Janeiro, conduzindo a oligarquia destronada.

Testemunha ocular da derrocada de Accioly, Rodolpho Theophilo, com estas palavras, fez seu desabafo: "Vi-o cair e passar caminho do exílio, acompanhado da multidão que o vaiava. Eu estava de pé, na minha terra, prosseguindo em minha obra de amor e caridade."[16] O velho benemérito foi um ícone no pequeno universo cearense. Permaneceu no altar, jamais foi retirado do nicho em que o povo o colocara.

"Até o céu se alegrou
Quando o Babaquara saiu.
O vapor inda era no porto
E uma boa chuva caiu
- Pra apagar o rasto
Desse velho nefasto
Que o povo chorando viu.

Viva Franco Rabello
Que hoje é o herói do dia.
Viva o povo cearense
Que mostra não ter covardia.
- No rifle ele foi vencendo
- Nas ruas vai aparecendo
A morte da Oligarquia."

[16] THEOPLHILO, Rodolfo. *Cenas e Tipos*. Fortaleza: Minerva, 1919; p. 136.

4.4 Cadáver Vaiado

Como de praxe, o *Pará* fez escala em Natal. A notícia da queda do Comendador Accioly já havia chegado a todos os pontos do país pelo telégrafo. Na capital potiguar, como comerciante, trabalhava Antônio Clementino de Oliveira. Longa a história de perseguição sofrida por esse desafeto do velho oligarca. Quando em Senador Pompeu, viu invadida sua residência e quase o levaram à morte os espancamentos. Mudando-se para Fortaleza, assumindo a gerência do *Jornal do Ceará*, mais fortes se lhe tornaram os ataques do grupo situacionista. Certa feita, depois de espaldeirado em praça pública por policiais, foi posto em enxovia e, só por milagre, conseguiu, escapar. Passou vários dias escondido na residência do jornalista J. Brígido, tendo, à porta, a guarda policial com ordem para matá-lo, caso botasse a cabeça na rua. Às escondidas, Clementino foi posto num vapor e rumou à Amazônia. Tempos depois, voltou ele para estabelecer-se na capital rio-grandense-do-norte.

Naquele 26 de janeiro, o velho inimigo de Accioly, em companhia do filho, subiu as escadas do vapor. Seria seu intento rever o companheiro Pedro Avelino que se encontrava a bordo, ou, num requinte de vingança, deliciar-se ante o humilhante estado em que mergulhava aquela família que tanto o magoara, ou assassinar o *babaquara* (como ele chamava)?

A verdade é que o sangue ,a morte e o pânico estiveram a bordo. Feridos, na luta, os filhos do ex-Presidente Thomaz Accioly e Antônio Pinto Nogueira Accioly Filho, sendo este gravemente, e Francisco, filho de Clementino. Morto, a tiros de revólver, Antônio Clementino.

Difícil é a remasterização da História, notadamente quando ocorrem acontecimentos graves e ligados a crimes. Observemos quão conflitantes os depoimentos que se seguem. O primeiro, de Rodolfo Teófilo; o segundo, de Alfredo Nunes Weyne; e o último, de Francisco Sá.

1º - "Das pessoas que ouvi pude apurar que Antônio Clementino não chegou a disparar um tiro sobre o Sr. Accioly, que foi subjugado pelo tenente Weyne, ex-oficial de polícia e que fazia parte da comitiva Accioly. Manietado, Clementino foi morto a tiros de revólver pelo dr. Thomaz Accioly.

O filho de Clementino, que se achava em outro lugar do navio, ouvindo os tiros correu ao salão e vendo o pai caído e morto, saca uma pequena faca e trava-se a luta.

Dizem que o dr. Antônio Accioly Filho pôs-se na porta do camarote em que estava o pai a fim de impedir a entrada do filho de Clementino; mas este agride-o e fere-o no ventre. A luta durou até que Francisco Clementino caísse gravemente ferido." [17]

2º "Em gesto rápido ainda tentei agarrar a arma de Clementino, porém o cano mal seguro entre meus dedos deslizou, momento em que me vi auxiliado por Carlos Câmara, um oficial de bordo e mais outros que se achegavam atraídos por nossas vozes. Ninguém, entretanto, havia percebido a aproximação de Chico Clementino, pois não era outro o homem que havia tomado a direção da segunda porta do camarote, procurando entrar ali na luta com os filhos do Dr. Accioly, contando com a ajuda de um desconhecido armado de revólver, cuja identidade não chegou a ser apurada. Portando longa peixeira, Chico, ao ver seu pai subjugado ficou louco de fúria, passando, assim, a distribuir golpes desesperados, provocando conseqüentemente a debandada do grupo que me auxiliava a dominar Antônio Clementino. Ao me sentir sozinho, à mercê daquele assassino, bradei louco de raiva para o oficial de bordo:

– Não corra, cobarde!

Sabendo aproveitar-se da oportunidade, Clementino conseguiu soltar-se de minhas mãos e, apontando seu revólver diretamente para meu rosto, disparou. Decidi-

[17] Idem. Ibidem. p. 171.

damente a sorte me protegia porque a arma falhou, momento no qual avistei mais adiante o deputado estadual Antônio Accioly e seu irmão, o senador Tomás, engalfinhados com Chico e seu companheiro. Valendo-se da surpresa de Clementino, saquei da arma, generalizando-se por alguns minutos forte tiroteio, no qual muitos saíram feridos e apenas um morto: Antônio Clementino, abatido com um balaço na boca." [18]

3º "Assim, inesperadamente, em Natal, a 26 de janeiro, alguns capangas entraram a bordo e dirigiram-se para o camarote onde estava o venerando chefe cearense. Felizmente, foram pressentidos, e houve quem lhes embargasse os passos. Para fazer jus á missão recebida, não se contiveram eles, e começaram a atirar contra os poucos amigos que se lhes opuseram ao nefando intento. Thomaz Accioly foi visado por um dos assassinos, sendo ferido na coxa a punhal. Antônio Accioly ouvindo os tiros e o barulho da lucta, saiu, corajosamente, do camarote onde se encontrava, para enfrentar os bandidos. Com um deles logo se engalfinhou, recebendo dois ferimentos por faca, um no ventre e outro na perna; logrou, porém, repelir o assassino, que tombou gravemente ferido.

Em vista dessa corajosa resistência, os sicários, tendo visto um dos seus mortos e aquele outro com grave ferimento, tiveram de retroceder." [19]

O navio prosseguiu sua rota. Em águas da Bahia, Antônio Accioly Filho sofreu um colapso cardíaco e morreu no dia 29, aumentando, assim, a tragédia que se vinha abatendo sobre a família. Pelas nove da manhã, atracou o vapor. O senador Francisco Sá foi a terra providenciar caixão e conseguir autorização para o sepultamento no cemitério de S. Salvador. No cais, o Presidente da Bahia já aguardava a família enlutada a que cedeu o carro oficial.

---

[18] WEYNE, Alfredo Nunes. *Pedaços do meu passado* - Memórias. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto; 1981, p. 110.

[19] SÁ, Carlos et al. *Francisco Sá - Reminiscências Biographicas*. S. Paulo: Revista dos Tribunaes, 1938, p. 434.

Uma multidão, constituída principalmente de estudantes, que acorrera ao porto, bradava freneticamente: "O nosso Presidente não pode andar em companhia de assassinos."

Durante todo o trajeto, do cais ao campo-santo, o cadáver de Antônio Pinto Nogueira Accioly foi vaiado. [20]

Ruy Barbosa, que há dois anos, havia concorrido às eleições para Presidente da República, fora derrotado (1º.3.1910) pelo Marechal Hermes, de quem se tornara inimigo ferrenho e contra quem vinha desencadeando campanha. Foi a vitória do Militarismo contra o Civilismo. Em 10 de janeiro de 1912, Salvador havia sofrido por parte das hostes hermistas quatro horas de bombardeio que apresentou, como saldo, a destruição do *Forte S. Marcelo*, da torre do *Paço Municipal*, do *Palácio Rio Branco* e muitas casas da *Rua Chile*. Movimento que tal culminou com a renúncia do governador baiano Aurélio Viana e a eleição de José Joaquim Seabra, líder do *Partido Republicano Democrata* e Ministro da Viação e Obras Públicas, do marechal Hermes. Ante esse quadro e dada a cena desumana e dantesca que se desenrolou com o achincalhamento ao cadáver do filho do ex-presidente cearense, o *Cícero Brasileiro* esgotou toda a sua dialética contra o governador J. J. Seabra num longo e veemente discurso, intitulado *O Cadáver Vaiado*[21], que foi transcrito no *Diário de Notícias*, Rio de

---

[20] Em 1938, os restos mortais foram trasladados para a necrópole de S. João Batista, do Rio de Janeiro, e postos em urna perpétua.

[21] Em resposta à nossa solicitação, recebemos da Fundação *Casa de Rui Barbosa este comunicado:* "Prezado Senhor Waldy Sombra. Estamos enviando ao Sr., conforme o solicitado a cópia do artigo de Rui Barbosa. O texto fará parte de um dos volumes das Obras Completas de R. B. que vem sendo editado pela Casa. A Chefe do Setor Ruiano, Rejane de Almeida Magalhães, à qual se deve a presteza com que atendemos ao seu pedido, compromete-se a enviar-lhe um exemplar depois de publicado. Esperando que o texto seja útil ao bom andamento do seu trabalho, apresento-lhe os cumprimentos da Direção desta Casa e aqui fico. Atenciosamente, Rio, 05.05.94. (Assinatura ilegível).

Janeiro, em 6 de fevereiro de 1912. Dessa peça lítero-política transcreveremos a parte final em que o ilustre senador mostra sua maior indignação ante o deplorável episódio quando do sepultamento do Dr. Accioly Filho:

"(...)

Mas a sentina ainda não dera de si tudo o que era capaz. A manifestação coronal, o supremo lance, o *nec plus ultra* das alucinações do senso moral em putrescência estava ainda por vir. E veio nessa marcha dos cloacários atrás de um morto, da cidade ao cemitério, em vaia rasgada aos restos mortais da criatura que baixava à terra. Aqueles despojos se deviam acatar como dobradamente sagrados, por serem os de um filho ferido mortalmente em defesa de seu pai. Mas, como este era o destronado oligarca do Ceará, a troça dos facínoras mandados pelos numes da pureza republicana para varrer as oligarquias, empunhava contra ele os vasculhos regeneradores em trepitante surriada, por entre vivas ao Rafael, ao Sotero, ao Seabra e ao Hermes.

Foi assim que recebeu as últimas honras fúnebres, no meio das relamborias mascaradas pela eleição do ex-ministro, um desses míseros governos do Norte, levados hoje a pontapés no traseiro pela sua criatura, que mais rebrilharam na manipulação dos *quatrocentos mil redondos*. Pena é que, em vez de trinta, não fosse de sessenta ou noventa mil a contribuição do Ceará em votos para a vitória eleitoral do mais civil dos presidentes. Ter-se-iam dado, se a conta prévia do Senador Pinheiro Machado lhe exigisse maior quota, com a mesma limpeza, e o féretro do inditoso Accióli, além da súrria ao receber na cova, podia ter ainda um septenário, ou um

trintário, de exéquias a contochão do mesmo gosto.

Contaram os jornais que o velho pagé deposto e foragido, com um filho enterrado entre apupos na Bahia e dois presos em reféns no Ceará, abraçou no cais, ao desembarcar aqui, o Sr. Seabra, e depois se avistou, no paço do Catete, com o Marechal, em uma conferência, onde os dois se trataram carinhosamente. Este episódio põe uma nota de singular ternura no macabro entremez. Quem terá lustrado e aprofundado bastante os esgotos morais dessa época, para nos dizer que secreção das lagrimais, do coração, ou das vísceras circunjacentes se verteram na doçura desses encontros? Devo supor que em muito bálsamo redundasse para as chagas do consternado pai; mas não acredito que restituíssem o sossego a derradeiro sono da prole, embalada na tumba, em solo baiano, pelas corrimaças do seabrismo.

Conheciam-se, até agora, os negociantes de cadáveres. Conheciam-se os ladrões de cadáveres. Conheciam-se os mutiladores de cadáveres. Conheciam-se os violadores de cadáveres. A miséria e a loucura explicavam essas aberrações no sacrilégio contra os mortos. Os que os mercam, desvalijam, atassalham, ou estupram, fecham entre si, porém, o ciclos desses crimes tenebrosos, cujos principais heróis avultam, em categorias diversas, entre os mendigos, os disformes, os epilépticos e os idiotas. O inferno reservava aos histriões tumulares da seabrada o enriquecerem a lista aos miseráveis e paranóicos desse gênero sinistro com a introdução atual da pateada, como demonstração política e expansão democrática, no saimento dos inimigos vencidos e das vítimas da força.

Um fato destes pinta, ele só, a era, de cujo ventre pútrido emanou. O Dante não o teria esquecido, se até aí lhe chegasse a imaginativa, ao evocar um desses gigantescos truões das sombras eternas, que o gênio imortalizou num traço hoje irreprodutível:

"Ed egli avea del (...) fatto trombetta."[22]

Só com um desses vocábulos rescendentes aos detritos do vasadoiro de todas as maldades, mas defesos pela urbanidade contemporânea ao uso das letras, poderíamos reanimar na tela da palavra essa horenda procissão de necrófagos, vampiros, apedrejadores de ataúdes, vociferando no encalço do séquito pio que vai dar à sepultura os restos de um assassinado.

Mas a nossa memória a guardará fiel, para a transmitir a nossos netos como o documento mais eloqüente destes tempos; e um dia a veremos ressurgir em grande aos nossos olhos, quando outro esquife, o esquife da atualidade, passar apedrejado pela nação, no enterro que a justiça divina lhe reserva.

Então o artista que perpetuar no mármore esse cortejo mortuário, solenizado entre vociferações e fanfarras, pode ser que esboce, no segundo plano da cena, a música da zombaria infernal, com o grotesco dos mesmos instrumentos e os mesmos demônios por trombeteiros."

Sabendo os oposicionistas que o *Pará* aportaria à capital baiana, distribuíram, em nome do *Centro Cearense Pro-Franco Rabello, este* panfleto desapiedadeo e agressivo:

---

[22] "E dele (...) fizera trombeta."



ELLE!

"Vae-te derradeiro dos homens e primeiro dos brutos."

Bahia! no teu seio, por algumas horas, demora-se, hoje, o cearense espurio, o renegado Marat de alma negra de pixe, o barrigudo e desvergonhado Accioly!

O Ceará, que ha 16 annos, padecia esporeado pelos cascalvos nojentos deste canalha, movimentou-se e derribou o GATUNO PACHÁ, que mais não fez que agatanhar o cobre dos cofres publicos, mudando para seus bolsos os bens que, pelo direito, pertenciam ao nobre e valente Povo da Terra de Paula Ney!

Todo Cearense, afora os *ratos* da família, trabalhou por libertar a Terra dos "verdes mares" do captiveiro aviltante do impotente oligarcha!

O povo quiz, e venceu!

E nós, Cearenses atiramos sobre o misero expatriado os raios da nossa maldição, e pedimos ao Povo Bahiano, á Bahia libertada e grande, que não receba o maldicto, que evite a lepra, que fuja do amaldiçoado!

Vae Accioly! A consciência - é teu juiz! O remorso - é teu carrasco!

Viva o Ceará!

Viva a Liberdade!

"CENTRO CEARENSE PRO-FRANCO RABELLO"
30-1-1912.





VOLTA À NORMALIDADE

No dia 30 de janeiro, o Coronel Antônio Frederico de Carvalho Motta foi reconhecido pelo Governo da República como Presidente do Estado do Ceará. Marechal Hermes, por influência de Pinheiro Machado,[1] tentara empossar o 1º Vice Graccho Cardoso. Necessário se fez que Frota Pessoa e Virgílio Brígido fossem ao Presidente da República mostrar os documentos da última eleição que comprovavam que Graccho havia sido reconhecido como deputado por ter renunciado à vice.

"Carvalho Motta já disse
Que não pleiteava eleição,
Que só governaria
Dentro da Constituição,
Mostrando assim que tem
Um magnânimo coração.

Logo que assumiu o governo
Baixou decretos de juízo,
Dissolveu os monopólios
Que para o povo era prejuízo,
E uma comissão foi examinar
Se o cofre estava lizo!..."

[1] O Senador e General Honorário do Exército José Gomes Pinheiro Machado foi, três anos depois (8.9.1915), assassinado a punhaladas, pelas costas, ao sair do *Hotel dos Estrangeiros*, Rio, por Francisco Manso de Paiva. Não portava, na ocasião, seu indefectível colete de aço, pois, comentava-se, ia a caminho de uma conquista amorosa... Com sua morte, desaparecia o *Partido Republicano Conservador*.

Aliviada, respirava a cidade, vendo a coisa pública engajar-se na normalidade. Satisfeitos, os funcionários. O abastecimento de carne, com preços baixos, atraía fregueses. Ruas limpas, sem entulhos. Os lampiões, restaurados, parecia brilharem mais que antes. Os bondes e a vida voltavam aos trilhos. Os cearenses reencontravam seus planos.

Liberados, os reféns José Accioly e Graccho Cardoso embarcaram para o Rio no *Orion*, em companhia de parentes e amigos como Raimundo Borges, Dr. Jorge de Sousa e Dr. Meton de Alencar. Em que pese aos infaustos acontecimentos de que foram vítimas, seguiram de ânimo alevantado, pois, com a desistência do Desembargador Carneiro à candidatura, surgia, com lampejos de vitória, a do coronel José Freire Bizerril.

A oposição, por sua vez, não dormia sobre os louros da conquista e, embriagada pela vitória, continuava fazendo reuniões, festas e emitindo boletins como este:



AO POVO CEARENSE

A OLIGARCHIA ACCIOLY, ladra e infeliz, tenta apoderar-se ainda dos cofres publicos para continuar a sua vida de roubos, escravisando de novo o Ceará.

Não há de consegui-lo porque o povo já sabe defender os seus direitos com as armas na mão e só hontem na Fortaleza se alistaram mais de 500 homens que estão dispostos a não ter mais pena dos ladrões.

Os patriotas que quiserem alistar os seus nomes encontrarão pessoas encarregadas disto em diversos pontos da cidade, inclusive no Café do Commercio, à Praça do Ferreira.

Diversos municípios já se offereceram para organizar batalhões patrioticos e hoje mesmo acaba de chegar noticia de que embarcará no primeiro vapor em Natal Francisco Clementino, que se offereceu para vir ajudar a salvar o Ceará das garras dos assassinos do seu pai.

O povo deve pedir ao honrado Presidente do Estado para mandar abrir inquerito no Thesouro esdadoal afim de verificar as ladroeiras da amaldiçoada FAMILIA ACCIOLY, mettendo os ladrões na cadeia e confiscando-lhes os bens que foram roubados do Estado.

Deve ser ali...
No duro e no 44.[2]



O resultado das eleições para senador e deputados federais no dia 30 de janeiro serviu de prognóstico para a vitória de 11 de abril próximo. Eleitos pela oposição, o senador e oito dos dez deputados, embora nem todos hajam sido empossados. Tais concessões e outras mancomunações e conchamblanças, tiveram os políticos liberais de fazer, sob pena de não ver reconhecido e empossado o Presidente eleito Franco Rabello pela Assembléia Legislativa que contava com a maioria aciolista.

Para maior euforia da massa popular, chegou de Manaus o Dr. Manuel Solon Rodrigues Pinheiro a fim de colocar-se ao lado do povo na continuação da luta libertária. Calorosa recepção, com bandas de música e folhetos de exaltação, marcou a volta daquele que prestara "inestimáveis serviços á causa dos oprimidos do Ceará, aqui e no extremo norte do país."

O nome de Franco Rabello estava nos lábios e nos corações da quase totalidade da população. Nevrose incurável! Grandes e pequenos, elite e *cabroeira*, todos em suma, anteviviam os momentos da chegada do Salvador prevista para março.

O Carnaval fora adiado, para ser festejado em abril, o mês da vitória. Qualquer reunião, qualquer aniversário, tinha a conotação rabelista, o que eletrizava a cidade. Nessas ocasiões, não faltavam as moças da sociedade, cantando, na música de *Margarida Vai á Fonte* ou na de

---

[2] 44 é a referência ao calibre da Winchester, arma americana, popularmente conhecida, na zona do cangaço, como *papo-amarelo*.

Vassourinha, estes versos simples e chistosos que lhes enchiam a alma de alegria:

1
"Accioly, babaquara (bis)
Não vai mais ser presidente
Não tem mais o que sonhar (bis)
O diabo desta gente.

2
Você diz que Urubu (bis)
É bicho de arrepiar
Que dirá se você vê (bis)
O babaquara chorar.

3
Carambola fez o velho (bis)
Que quer sempre governar,
O povo do Ceará (bis)
Não quer mais o aguentar.

4
Te segura babaquara (bis)
Não tem genro Raimundão,
O povo do Ceará (bis)
Não tem mais contemplação.

5
Babaquara vai no bornal (bis)
Elle vai sempre chorando,
O seu genro Raimundão (bis)
É quem vai lhe acalentando.

6
As moças da capital (bis)
Todas ellas são da liga,
Para ver se a olygarchia (bis)
Vai saindo de barriga.

7

Marcos Franco é dinheiro (bis)
Que domina o mundo inteiro.
Viva o nosso Presidente (bis)
Que é Marcos Franco Rabello."

Na música da popular marchinha *Zé Pereira*, esta era a paródia que, nessa quadra, agitava *meetings* e concentrações outras:

"Vamos a palácio
Arrancar a unha
Do velho Accioly
E do Carneiro da Cunha.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
Vamos a palácio
Levar um canhão
Pra o babaquara
E seu genro Raimundão.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
Já está chegando
A nossa alegria
Do Franco Rabello
Abaixar a Oligarchia.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
Alerta cearenses,
Desta lethargia,
Que a muito tempo
Nos domina a Oligarchia.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!

Não brinca Accioly,
Não te fica rindo,
Quem vem governar
É pessoa do Clarindo.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
Viva a nossa glória!
P'ra desgraça sua,
É Antonio Arruda
Instrumento da *Gazúa*
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
O Corrêa Lima,
Heróe muito valente,
Provas está dando
De ser homem intelligente.
Viva o Ceará, viva o Ceará,
Viva, viva, viva!
Vae-se embora o babaquara,
Vae embora e já não chia,
Que o povo não quer mais
Esta vil oligarchia."
Viva o Ceará, etc., etc.

Não apenas as paródias sacudiam a moçada rabelista. Os que possuíam vitrola podiam ouvir e, com deleite, acompanhar a sátira *O Pai de Toda Gente*, de autor ignorado, gravada pela *Casa Édson*, do Rio.[3] Era um cateretê, tendo ao violão Eduardo das Neves, de embalo forte e contagiante. Esta a letra dessa peça popular:

"Vem comigo mulata! } bis
Mulata, meu bem, embarca!
Vamos lá pro Ceará, } bis
Vamos ver os oligarcas!

[3] Disco Odeon Record nº 108.761, gravado e editado em 1911.

Vem, vem, vem, minha gente! } bis
Meu bem, embarque.
Vamos ver o grande homem, } bis
Tem um grande cavanhaque.

Que cavanhaque sedoso! } bis
Que cavanhaque decente!
Ele é o Presidente } bis
E é o pai de muita gente.

É um caboclo levado, } bis
É um caboclo cutuba.

Meu Deus, que homem valente, } bis
Que cabeça lustrada!
É um grande Presidente, } bis
Mas da sua fiarada!

(Declamando: O Ceará é grande. É uma fiarada... parentes... tios... avós... Rá... rá... rá...)

Na primeira semana de fevereiro aportou Accioly com sua comitiva ao Rio. A Capital da República era o refúgio dos presidentes destronados. Genial folhetinista assim concebeu o encontro dos oligarcas no desterro:

"Estava no Rio de Janeiro
Euclides Malta falando,
Os sucessos de Alagoas
Inda estava relatando,
Quando ouviu bater na porta
Uma pessoa chorando.

Euclides ficou confuso,
Quis abrir, mas teve mêdo,
Porém disse: - "É meio-dia,
Alma não vem assim cedo..."
Abriu a porta e foi ver:
Era Monsenhor Walfredo.

Perguntou Euclides Malta:
- "Padre, quem o trouxe aqui?"
- "Ora, quem foi que me trouxe...
Foi o cacête de quiri,
Foi êsse mesmo que fêz
Você hoje estar aqui..."

Com pouco chega Acióli
Que vinha do Ceará...
Euclides lhe perguntou:
- "Colega, o que houve lá?"
- "O que houve? Foi madeira...
Nem sei como cheguei cá..."

Estavam nessa conversa,
Quando chegou João Machado,
Disse: - "Pessoal, eu vim
Da Paraíba, enrascado..."
Nisso, o Aurélio Viana
Chegou bastante cansado.

Exclamava o Acióli:
- "Meu tempo agora é perdido...
O Franco no Ceará
Agora está garantido,
E o Rio Grande do Norte,
Desta vez acha marido!"

"Os caçadores do Hermes
Não chegaram no Pará,
Mas já fizeram a cama,
Dum coelho que tem lá,
O resultado dali
Breve se sabe por cá..."[4]

---

[4] a - Versos do cordelismo popular sobre a derribada de várias oligarquias colhidos por Leonardo Mota e por ele transcritos em *Violeiros do Norte*, Fortaleza, Imp. Universitária do Ceará, 1962, 3ª ed. p. 45-6.
b - João Machado, Presidente da Paraíba (1908-1912; e Monsenhor Walfredo Soares dos Santos Leal era o mentor da oligarquia nesse Estado



VITÓRIA DE FRANCO RABELLO

Com a devida autorização do Ministro Menna Barreto, deixou o Rio, no dia 6 de março, o Coronel Franco Rabello para assistir, como candidato, à eleição no Ceará. Domingo, 15, pelas 10 horas, no *Manaus*, o candidato da oposição chegava às águas do Mucuripe, sendo festivamente recebido por frotilhas de escalares e jangadas embandeiradas.

No porto, para as boas-vindas, talvez mais de vinte mil pessoas - na avaliação de R. Teófilo - provenientes de quase todos os municípios interioranos. Apoteótica manifestação, aquela, que ali se iniciava e haveria de estender-se por toda a semana. Jamais a alma cearense havia experimentado tamanha vibração.

"Façamos ponto no emtanto
E vamos pois prosseguir.
Já corre nesta cidade:
- Franco Rabello ha de vir.
Foi mesmo que encostar braza
A pol'vra que tudo arraza
E leva tudo pr'o céo;
Foi um estrupiço do diabo
E logo de cabo a rabo
Houve tremendo escarcéo.

Todas as Ligas de moça
Foram enfeitar a cidade
Ajudadas dos rapazes
Pela santa Liberdade:
Bandeiras e galhardetes,

Festões, perfume, confetti,
Lanternas em festivaes;
Arcadas, palmas e flores
Tudo em pleno esplendores,
Grandes arcos triumphaes.

Paula Barros fez um arco
E outro Ramos Cotoco;
O genio de todos dois
De certo não era pouco
Uma na rua d'Assembléa
Demonstrando muita idéa
De trabalho e confecção;
Outro na Municipal
Como o primo genial
Da mimosa construcção.

Estando assim a cidade
Toda enfeitada e catita,
Se vestira caprichosa
Como uma moça bonita.
Dir-se-ia a noiva amada,
Terna, gentil, adorada,
Do seu novo presidente.
Verdade tudo era bello,
Havia alli o desvelo
De um patriotismo imponente.

Pelo *Jornal da Manhã*
A cousa foi muito bem;
Ostentou tambem enfeites
E fez um arco tambem.
E pelos outros jornaes
Enfeites, enfeites geraes
Por toda a vasta cidade
Risos, luzes, muitas flores,
Rapazes, moças, amores,
Desusada alacridade.

E de Adolpho Quixadá
Á porta da residencia,
Arco mimoso, elegante
De relativa imponencia.
Luzes na rua de graça,
Nas casas, em qualquer praça,
Luzes lá pelas *areia*;
Luzes à porta do nobre,
Em luzes gastou o pobre
Talvez o tostão da ceia.

D'*Unitário* o meu compadre
Affirmou calmo e sereno
Que recepção de tal ordem
Só a teve o nazareno.
De accordo, ninguem o nega,
João Brigido que é meu collega
É preto mas tem *flamança*
Em todo o caso é prudente
Desse asserto reverente
Dar-vos o pae da criança.

Alfim o *home* chegou
Que barulho colossal:
Foguetes, musicas, festas,
Um caso monumental.
Discursos, representantes
Dos logares mais distantes
Desta bella Fortaleza,
E gente á tôa e á tuna,
E gente até da Pavuna
Mexeu toda a redondeza."

No Teatro *José de Alencar*,[1] onde se deu banquete de caráter político, o Dr. Franco Rabello, em longo dis-

[1] O Theatro José de Alencar, cuja estrutura metálica fora importada da Escócia, com suas linhas neoclássicas e *art nouveau*, foi construído entre 1908 e 1910.

curso, apresentou sua plataforma, traçou suas metas de administração moralizadora, dentro dos preceitos constitucionais, respeitando os direitos humanos e estimulando, por todos os meios, o bem-estar coletivo e o progresso.

Ainda vivia a Cidade seus momentos de festa, quando desembarcou o Coronel Tomás Cavalcanti com o objetivo de defender e impor a candidatura de José Freire Bizerril Fontenelle pelo *Partido Republicano Conservador* do Estado. Chegou só. Poucos o foram receber. Quando o pequeno grupo passou pela *Praça do Ferreira*, um dos acompanhantes ensaiou um viva a Cavalcanti a que a população respondeu com estrepitosa vaia.

"Assim Pinheiro Machado
O Chefe prestigiante
Mandou-nos do Bezerril
O *seu* Thomaz Cavalcante.
Se a Rabello como um deus
Por entre palmas, trophéos
Do brando amor ao favonio
Recebeu toda esta gente,
Para o Thomaz, de repente
Recebeu como um demonio.

E antes já nos chegara
51º batalhão;
Mas chegando, bem depressa
Foi de nossa opinião.
Mandaram vir mais soldado
49 do lado
Do povo tambem passou
E Cavalcante por isso
No teve geito ao feitiço
Que ao feiticeiro virou.

Todo o corpo typographico
Numa solenne sessão
Deu também a sua nota
Num gesto de bôa acção:
Decidiu como convinha
- Não se compôr uma só linha
Em favor do Bezerril.
Ficou de pena quebrada
Sem meios p'ra fazer nada
Esse emissario servil.

Porém um tal de Rodrigues
Da escola dos apprendizes,
Contando com recompensa
Para dias mais felizes
Obrigou a meninada
A compôr a potocada
De mãos aos meios p'r'os fins;
E foi assim que nós lemos,
Com o desespero, que nós temos
Por elles, os boletins.

Aboim lá pela praça,
Distribuiu dos papéis
Que dos rapazes valentes
Nem mesmo contos de réis.
Todos os dias mentiam,
Todos os dias diziam
Que o marechal presidente
O candidato apoiava
Que o babaquara nos dava
Garantido francamente."

Assim que chegou Cavalcanti, a oposição, sempre alerta, fez circular este boletim, nada amistoso:



POVO CEARENSE

Hontem, desembarcou nesta capital o maior inimigo da Egreja - o tenente-coronel Thomaz Cavalcante de Albuquerque, porta-voz do sr. general José Freire Beserril Fontenelle que quer governar á viva força o Ceará, embora *augmente o numero de orphãos e viuvas*.

A acção desse homem incumbido de tão odiosa commissão, limitou-se na Camara dos Deputados, como representante da oligarchia decahida, a sustentar, ininterruptamente, guerra de morte á religião de nossos paes, o Christianismo, já promovendo a supressão da legação brasileira junto a Santa Sé, já procurando instituir no Brasil o divorcio, attentado revoltante ao pudor e á sociedade.

Não passará de um amaldiçoado infamissimo, o catholico que se approximar do tentente-coronel Thomaz Cavalcante de Albuquerque, cearense desnaturado e que agora, despeitado com a perda do EMPREGO de deputado federal, quer arvorar-se em algoz do povo cearense.

Abaixo o atheu!
Viva o coronel Franco Rabello!
Viva o dr. Solon Pinheiro!
Viva o Ceará Livre!



Na verdade, o Cel. Cavalcante era o emissário plenipotenciário do Marechal Hermes. A ele assistiam todos os direitos, como o de transferir e demitir juízes, funcionários públicos, gozando até de franquia telegráfica. Vinha com cartas brancas, dadas também pela figura maior do Partido, Pinheiro Machado. A esse tempo, o Cel. José Faustino fora exonerado e substituído (28.2.1912) pelo Coronel Celestino Alves Bastos.

O Coronel Cavalcanti sentiu que fácil não era sua tarefa. Pretendendo publicar uma circular para angariar votos para Bizerril, não encontrou apoio do *Centro*

Tipográfico Cearense[2] que se recusou a pegar os componidores para tal fim. Compunha sim, para a oposição. H. Firmeza completa esse episódio: "O emissário do PRC teve de recorrer à *Escola de Aprendizes Artífices*. Ao imprimir-se ali o primeiro boletim, os alunos declararam-se em greve e empastelaram toda a composição. Foi preciso expulsá-los para que fossem impressos novos boletins, chapas e circulares daquele partido, cujas contas nunca foram pagas." [3]

Esta a famosa Circular, cuja composição o *Centro Tipográfico* recusou-se a fazer:

> "Meus Concidadãos,
>
> Aproxima-se o dia em que se vae ferir o grande pleito eleitoral para Presidente e Vice-Presidentes do Estado no futuro quadrienio de 1912 a 1916 - pleito esse cujo elevado alcance e significação politica está na consciencia de todos os cearenses patriotas.
>
> É candidato do Partido Consevador Republicano o eminente e devotado brasileiro General José Freire Bizerril Fontenelle, cujo nome é por si só, um lemma de combate e um symbolo do mais alevantado civismo e fé republicana no atormentado momento politico que atravessa a nação e notadamente o nosso querido Estado, privado, como se acha, de todas as garantias e liberdades, sob o regimen da mais acentuada compressão dos direitos individuais.
>
> Excuso-me de fazer qualquer preconicio á individualidade do nosso candidato que, de ha muito, se vem impondo á confiança e sympathia dos cearenses, pela posição de destaque que, a

---

[2] O *centro* havia sido fundado no dia 6 de março de 1912.

[3] FIRMEZA. H. *A Revolução de 1912 no Ceará*. p. 40

golpes de indefesso labor e patriotismo accentrado, ha conquistado no scenario da politica nacional.

Fazem parte da chapa apresentada pelo Partido Republicano Conservador, como candidatos á vice-presidencia do Estado, os nossos dignos correligionários dr. Domingos Sergio Saboya e Silva, Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro, e Padre Cicero Romão Baptista.

Para o pleito do dia 11 de Abril devem apresentar-se, pois, todos aquelles que verdadeiramente se interessam pelos destinos desta terra, suffragando nossa chapa.

Fortaleza, 3 de Abril de 1912.

Thomaz Cavalcanti."

Acirram-se os ânimos. Assanha-se a campanha. A guerra dos panfletos continua. A *Liga Pró-Bezerril* vai às ruas:

BOLETIM

Hoje, que julgamo-nos assistidos das garantias constitucionaes, asseguradas pela palavra honrada e pela espada potente do novo inpector regional coronel Celestino Alves Bastos, iniciamos a ardorosa propaganda da candidatura á presidencia do Estado, do inclito general patricio, José Freire Bezerril Fontenelle.

Condidadãos! Estamos certos do vosso franco apoio á nossa causa, como certos também da extrondosa victoria!

O pleito de onze de Abril vae decidir os destios de nossa patria.

Por ella, todo o nosso acrisolado amor, por ella as nossas energias!

Além dos fortes elementos de combate que estão apparelhados na Capital Federal, além de mil adhesões que che-

gam-nos de todos os municipios, além do inexpugnavel directorio que tem as responsabilidades do nosso partido, está organizada, dentro de poucas horas a "Liga pro-Bezerril" contando com mil e tantas assignaturas, todas de pessoas dignas, capázes de auxiliarem-nos como pugnassem por um interesse proprio!

O nosso jornal *A Tribuna*[4] sahirá por esta semana; é orgão do partido Republicano Conservador, do Estado; é pois propagandista da candidatura do general Bezerril.

Não tenhamos receio de manifestar ás claras o nosso pensamento. Acabou-se aquella atmosphera chumbada de ameaças.

O coronel Celestino Bastos, glorioso portador da nossa liberdade, ahi está grave como a Lei, austero como a Verdade, rondando os adversários e acautelando-nos de suas emboscadas.

Viva o Ceará unido e forte!
Viva o Marechal Hermes!
Viva o General Bezerril!
Viva o Coronel Celestino Bastos!



O advogado e poeta Quintino Cunha põe água fria na fervura do panelão bizerrilista. E mandou imprimir um longo Boletim - *Bizerril versus Rabello* - do qual extraímos os três últimos parágrafos:



Sua Exa. (dr. Bizerril) servir-nos-hia numa composição meramente política se o Tenente-Coronel Dr. Marcos Franco Rabelo, o nosso único candidato, não fosse uma cerebração complexa e perfeita e sobretudo um cearense que se lembrou de nós nas nossas dôres.

---

(4) Na verdade, em 1912, fundaram-se dois jornais da corrente situacionista: *A Federação* (18 de maio), dos correligionários de Tomás Cavalcanti, e *A Imprensa (14 de julho)*, dos amigos políticos de Nogueira Accioly, consoante Barão de Studart, in *Datas e Factos para a História do Ceará, 1924.*

Servir-nos-hia se o Exército e Armada nacional numa reacção mutua de patriotismo não estivessem dispostos a zelar pela Soberania do povo; se o Marechal Hermes da Fonseca, ennojado do crapulismo partidário, abandonasse o Catête; se o General Menna, num surto de indignação, abandonasse a pasta da Guerra; se o General Dantas Barreto, num deliquio de tantas lutas gloriosas, abandonasse o Norte; em summa, se por uma fatalidade do destino, cerrasse hoje a luz dos olhos à vida, o dr. Franco Rabello, que, com a penetrante vista de aguia, esvoaçando no alto do Ceo da patria de Iracema, descobre no tremendo rochedo da insensibilidade humana, o vulto negro de Accioly como um corvo sevando-se no sangue dos proprios filhos.

Por tudo isso deve o exm. general abandonar esta intrusa pretenção que, a industria politica lhe impôz; porque lhe deve ser preferivel perder a cadeira presidencial ao direito sagrado de ser filho de uma terra que já aprendeu a enxotar, mar em fóra, pelas moles orelhas de malandros, os assassinos e os ladrões.



Tendo, por instrumento, a intimidação e a ameaça, o Cel. Cavalcanti pressionava funcionários e militares a sufragarem o nome de Bizerril. Quem não atendesse às suas recomendações sofria fortes represálias. Em suas garras caíram os aspirantes e oficiais Assis Távora e Atualpa de Alencar Lima. Não se cansava de pedir forças militares com o intuito de pressionar a população. Em atenção à sua insistência é que aportou aqui o 49º de Caçadores.

Na esteira da luta liberal, começou a circular a *Folha do Povo (13.2.*1912) para espingardear o emissário hermista-pinheirista, coronel Cavalcanti. O *Partido Republicano*, sem ânimo para promover comícios, sem jornal em que pudesse veicular suas idéias, lançou mão de folhetos aos seus correligionários:



BOLETIM

DO PARTIDO REPUBLICANO CONSERVADOR

Na impossibilidade de publicarmos um jornal pela absoluta ausencia dos elementos materiaes indispensaveis, que todos conhecem, recorremos ao boletim, não propriamente para, por meio delle, promover a propaganda da candidatura do GENERAL BEZERRIL que avassalou por completo, num surto de enthusiasmo, o coração do povo cearense, mas para levar aos amigos, aos fiéis correligionários a nota das impressões, o resumo das numerosissimas e eloquentes adhesões que incessantemente chegam de todos os municipios, firmadas pelos homens de mais importancia do Estado.

O Coronel Thomaz Cavalcanti, delegado do Partido Republicano Conservador, e portador de nossas garantias e liberdades, está, desde a sua chegada a esta Capital, com as responsabilidades da candidatura do GENERAL BEZERRIL, communicando-se diariamente com os nossos valorosos legionarios do interior, que, firmes nos seus postos de honra, como soldados disciplinados, cumprem as instruções transmitidas, no sentido de, dentro da lei e do maximo respeito á liberdade do voto, concorrer para a victoria do eminente cearense GENERAL BEZERRIL.

Enquanto os nossos adversarios, entrincheirados na fragilidade de suas ameaças, procuram arrefecer o ardor de nosso enthusiasmo, ou inutilisar-nos pelo pavor, a nossa actividade desdobra-se efficientemente, produzindo resultados taes que attestam uma victoria, realçada por uma extraordinaria maioria do corpo eleitoral do Estado.

Os republicanos cearenses, firmes e resolutos, jamais recuarão ante as maiores difficuldades dos comicios, nem poderão fazêl-o, quando a causa que a todos congrega é a da ordem, da democracia, da liberdade.

Dos pincaros da Ibiapaba aos vastos sertões do norte, da formosa Araripe até as alvas dunas banhadas pelos verdes mares da terra de Iracema, agita-se num frêmito de patriotismo, o pujante eleitorado do Ceará, ouvindo a voz de commando, calma, pru-

dente, forte, genuinamente republicana, do impavido Coronel Thomaz Cavalcanti, que sabe aliar a obediencia de militar ilustre á soberania das convicções e das ideias, unicas forças que conquistam e fazem amigos.

VIVA A REPUBLICA!



Enfim, o dia das eleições.

Clima de harmonia, na Capital e no Sertão.

Feita a apuração dos votos do 1º Distrito, flagrante a disparidade:

Franco Rabello	1.591
Bizerril Fontenelle	208

Os sufrágios de Fortaleza, somados aos dos outros Distritos, apontaram vultosa vantagem para os liberais, a que os historiadores, entretanto, deixaram de fazer referência numérica.

Eleito estava o Dr. Marcos Franco Rabello.

"Nas eleições entretanto
Tudo com calma passou
E do ventre de mil urnas
Só Rabello se encontrou.
De muito tempo era eleito,
Na alma, dentro do peito,
No fundo do coração.
Aquilo foi só pró-forma
Para não quebrar a norma
Da nossa constituição."

"Ao longo da História Política do Ceará – analisa o brilhante e culto Parsifal Barroso – não

houve jamais um acontecimento político de maior complexidade e de mais profunda ressonância do que o Rabelismo".(5)

Oitenta e sete anos separam-nos desse refrega política de 1912, mas, parece, repercutem ainda seus ecos. Basta que, hoje, numa roda de bar, numa reunião qualquer, um descendente de *maloqueiro* ou *cafinfim* evoque o brado heróico daquele tempo: "Viva o coronel Franco Rabello!", – o que é freqüente – e logo se estabelece um clima de descontração bem nosso, bem cearense...

(5) BARROSO, Parsifal. *Uma História da Política do Ceará* – 1889/1954. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; 1984; p. 67

BOLETINS FAC-SIMILARES

INSTITUTO DO CEARA
Rua Barão do Rio Branco—1594
Fortaleza — Ceara — Brasil

Meeting

Convida-se o heroico povo Cearense para um grande Meeting hoje ao meio dia na praça José de Alencar, afim de lançar-se um vehemente protesto contra a reunião da Assembléa; antes do meeting deve o heroico povo do Ceará fazer uma visita a Typ. Commercial para poder apreciar a lindissima colleção de Cartões para festas e que está sendo vendida por preços baratissimos.

Praça José de Alencar 22

BOLETIM

Pede-se ao Commercio em grosso e a retalho, aos mascates, quitandeiros, taverneiros, açogueiros, pharmaceuticos, carroceiros, hoteleiros, finalmente todas as classes que precizarem licença da Camara Municipal, para não pagarem cousa alguma emquanto estiver nessa communa a ratazana do sr. Accioly.

ABAIXO OS LADRÕES!

VIVA A LIBERDADE!

BOLETIM

Convida-se o povo cearense a comparecer hoje ás 5 horas da tarde na Praça dos Martyres (PASSEIO PUBLICO), afim de protestar-se contra as candidaturas da oligarchia para successão presidencial do Estado.

Será orador official o valente republicano Tenente do exercito Augusto Corrêa Lima.

Pede-se ordem e moderação.

Viva a Republica!

Viva o Marechal Hermes da Fonseca!

Viva o Exercito Brasileiro!

Viva a Armada Nacional!

Viva o Ceará livre!

Fortaleza, 21 de Dezembro de 1911.

A COMMISSÃO.



Ex.mo Snr.

1911

Nós, os filhos abnegados d'um trabalho insano, qual o de graphar com o typo, no papel, o que vós outros delineaes com a penna; e por isso mesmo co irmãos nas lides da vida:—vimos saudar-vos pela victoria alcançada nos 3653 dias do anno de **1911** e fazermos votos [illegible] surgir—**1912**—tenhaes um horizonte fagueiro.

Muito bem!

Bravos! E' chegada a occasião de importunar-vos outra vez: Vimos pedir o **NATAL, ANNO BOM** e tambem **REIS.**

Em recompensa, vos damos
(Não precisamos o dia)
Um governo bem honesto
E a queda da oligarchia.

Dezembro—1911.

Os Typographos da Minerva.



Cearenses

O anno de 1912 approxima-se annunciando-nos a renascença de uma grande era de progresso, justiça, moralidade e liberdade para nossa Patria!

O Pará e o Amazonas já libertaram-se dos Lemos e dos Nerys e Pernambuco acaba de imital-os desthronando o Snr. Rosa e Silva e collocando a frente da suprema administração do Estado o digno e nobre General Dantas Barreto.

Cabe-nos agora o dever de salvar o Ceará, pois foi a terra dos *verdes mares bravios* a primeira no Imperio a proclamar a liberdade dos prêtos e não será certamente a ultima na Republica a fazer a liberdade dos brancos.

Ha 10 annos que, em pleno regimen republicano, nos achamos reduzidos a humilhissima condição de escravos, o que não devemos mais consentir, ainda mesmo que para a conquista da nossa liberdade e reivindicação de nossos direitos seja preciso o sacrificio de nossas vidas, e não podemos jamais continuar escravisados achando-se a frente dos negocios da Republica o Snr. Marechal Hermes da Fonseca que não traiará nunca o seu programma republicano e anti-oligarchico nem deixará de corresponder a suprema e justa confiança de que é depositario da Nação Inteira!

E' chegado o momento de levantarmos-nos e despertamos da lethal e criminosa inercia em que temos permanecido a tantos annos e darmos combate ao oligarcha que cynicamente locupletou dos cofres do Estado 512:807$307, a titulo de pontes, coubalheira já tantas vezes denunciada pela imprensa do paiz inteiro, ao celebre oligarca do telegrapho estadual que já foi por alguem considerado negocio muito mais infamante que a immoralissima negociata das pontes metallicas,—ao celeberrimo estellionatario civil pelo Dr. Frota Pessôa por ter lezado a fazenda federal no valor de quinze mil contos de reis,—ao vandalo que a 28 de Janeiro de 1908 mandou empastellar o "Unitario", porque lhe denunciava os crimes,—ao tyranno que mandou ou consentio que os seus sicarios assassinassem o seu sobrinho Quincó Pereira dentro do posto policial!!

Felizmente no Ceará as ideias nobres e generosas se agitam e propagam-se com uma rapidez admiravel e é fóra de duvida que brevemente pela lei ou pelas armas faremos aqui o que fizeram os Paraenses e os Amazonenses em seus Estados: expulsar os ladrões aclamar homens dignos, apear o Pagé e entregar a nossa terra d'aqui por diante sempre a homens da tempera e do valor moral do actual governador de Pernambuco que presentemente poderemos considerar o chefe do movimento liberticador do Norte!

Urge atiarmos o mais breve possivel o Pagé e sua tribo funesta para salvação de nossa terra!

Façamos isto, restituamos ao Ceará a sua liberdade e teremos cumprido o nosso dever.

Aqui ficam transcriptas as palavras de um boletim de um grande patriota cearense, que circulou n'esta cidade no dia 14 do corrente: "Se herdaste o brio e o pundonor de teus avós, apropria os bandidos; e como Christo no templo, chicoteia e expulsa os Ladrões".

Viva o Marechal Hermes da Fonseca salvador da Republica!
Viva o General Dantas Barretto chefe do movimento liberticador do Norte!
Viva o Exercito Brazileiro!
Viva a Armada Nacional!
Salve Ceará livre na pessoa do Dr. Marcos Franco Rabello!

Abaixo a camarilha funesta dos acciolys da qual, como disse o brilhante jornalista, republicano immaculado e grande patriota cearense Dr. Waldemiro Cavalcanti ao iniciar esta santa cruzada, não restará d'ellas, um anno depois de vencidos, senão a amaldiçoada memoria!

BOLETIM

A Mocidade

A terra dos verdes mares bravios, a semelhança do Leão do Norte, começa a estremecer.

Vede, mocidade!

São todas as camadas sociaes que reclamam os seus direitos, e nós, mais do que ninguem, temos o dever de defender a dignidade e a honra de nossa terra, ameaçada de ser ultrajada com a imposição ridicula da candidatura de [illegible]

Tomemos para exemplo, o bravo Dantas Barretto e procuremos imitar o seu patriotismo e a sua bravura.

Se no campo da luta nosso procedimento não for digno do nome de nossos pais, elles que representam o nosso sangue, elles que são a nossa carne e a nossa alma, elles que sempre nos receberam com um grito de alegria durante a nossa infancia, quando regressavamos da escola, haveriam de [illegible] desgosto, porém, [illegible] tradições [illegible] sados não serão por nós desmoralizadas.

Lutaremos e se no campo de [illegible] dades uma bala nos cortar a vida, [illegible] grito aos céos, um adeus ao Ceará, e [illegible] beijo a sua bandeira abençoada.

A Bastilha era inespugnavel. [illegible] dade ruiu para não mais se levantar.

Avante! Viva a soberania do povo!

A mocidade.

31/12/[illegible]

Ao Povo Cearense

A mocidade do Ceará declara aberta e francamente que está prompta, em qualquer emergencia, a sustentar a candidatura do impoluto soldado

Marcos Franco Rabello,

a presidencia do Ceará, no futuro quatrienio, não olhando meios para isto e nem temendo a inimigos seja qual for a sua ordem e posição, maxime o fallecidos P R C..

Mocidade Cearense

BOLETIM

DA

Associação Commercial

A Directoria da Associação Commercial do Ceará, agradecendo penhoradissimo ao distincto corpo commercial d'esta praça, a nobre e leal attitude de que tem dado provas, inconcursas mantendo verdadeira harmonia de vistas com suas deliberações; pede ainda uma vez, para que continue com seus estabelecimentos fechados, visto que perduram ainda as causas que determinaram essa resolução.

Ceará, 4 de Janeiro de 1912.

Barão de Camocim, presidente

Maximiano Leite Barbosa, secretario

BOLETIM

DA

Associação Commercial

A Associação Commercial do Ceará, sciente de que a força federal, aqui estacionada, tem instrucções do poder competente para manter, no caso de ser necessario, a ordem publica, sem impedir que os cidadãos exerçam seus deveres civicos, cumpre-lhe pedir aos seus associados e ao commercio, em geral, que pódem, sem receio, reabrir seus estabelecimentos, podendo confiar na acção da inspectoria militar a bem de seu regular funccionamento.

A Associação Commercial, cada vez mais penhorada, com as demonstrações de apoio e solidariedade de quantos são filiados a ella, em mensagem explicar a razão da attitude que assumiu em face dos ultimos acontecimentos e confia que essa solidariedade jamais seja violada, em qualquer emergencia.

Ceará, 5 de Janeiro de 1912.

Barão de Camocim, presidente

Maximiano Leite Barbosa, secretario

Boletim

POVO CEARENSE

Esta capital continúa entregue á anarchia; o governo, desmoralizado como se acha, intenta o assassinato em massa da população.

Mal amparado pela força policial que já se vae patrioticamente revoltando contra os algozes do povo cearense, o oligarcha acaba de apellar para o punhal e o trabuco dos bandidos de profissão.

Telegrammas já foram transmittidos de palacio, pedindo ao padre Cicero e ao coronel Santanna a remessa urgente de cangaceiros. Esta cidade vae ser portanto, em breve, transformada em covil de bandoleiros da pior especie.

Cearenses. A crise que atravessamos é, como vêdes, por demais angustiosa, mas por isto mesmo devemos collocar-nos acima dos acontecimentos.

Medidas excepcionaes estão sendo tomadas pelos que se acham á frente do movimento libertador do Ceará, unamo-nos contra o inimigo commum, a victoria não póde deixar de ser nossa.

As proprias reparticões federaes sentem-se sem garantias. O telegrapho funcciona guardado por força do exercito nacional e a Viação Federal, Saturité, segundo somos informados, vae por isso, ver, solicitar a protecção das forças armadas da Nação contra os despotismos da situação que tudo vae anarchisando.

Deveis ter lido um telegramma, distribuido hontem nesta capital pelos lacaios de palacio, em que se dizia TER SIDO DEMITTIDO A BEM DO SERVIÇO PUBLICO O DR. BELISARIO TAVORA POR INTERVIR NA POLITICA DO CEARÁ e haver o Presidente da Republica se collocado ao lado do oligarcha cearense.

Os telegrammas ali citados são anonymos mas sabemos ter sido firmados pelo senador Thomaz Accioly, filho do oligarcha.

Pois bem, apezar do que ali se affirma continúa o dr. Belisario Tavora, a occupar elevado posto em que o collocou a confiança do supremo magistrado da Republica.

Quanto ao outro telegramma, vê todo o mundo que o Marechal Hermes da Fonseca, benemerito presidente da Republica, não renunciará ao seo passado de soldado honesto e immaculado para se collocar ao lado de LADRÕES E ASSASSINOS.

Para nos tranquillizar temos as declarações sempre repetidas pelo Chefe da Nação de que nada poupará para a completa extincção das nefandas oligarchias.

Portanto todos a postos. Seja a nossa divisa—UM POR TODOS E TODOS POR UM.

Em face dos acontecimentos, não sahirá hoje o prestito civico annunciado pelas Ligas Feministas pro-Rabello; as nossas gentis patricias preferem adiar a manifestação de apreço e solidariedade da MULHER CEARENSE ao coronel Franco Rabello, antes que expôr-se ás brutalidades e violencias dos sicarios do snr. Raymundo Borges para quem nada é sagrado.

As armas, cidadãos; a taça do soffrimento transbordou, que não fique um só desses miseraveis.

ULTIMA HORA

O nosso collega UNITARIO acaba de receber do Rio o seguinte telegramma:

«Franco recebido ardente enthusiasmo disse estar prompto prestar Ceará todo serviço medida seu esforço. Entrevistado o general M. Barreto disse:—Vejo a situação do Ceará como a de quasi todos os Estados, podendo coronel F. Rabello governar povo cearense, promovendo sob seguranca eleitoral a liberdade, por ser militar de grande merito, republicano de idéas definidas.

O governo deve garantir autoridades constituidas mas isso não quer dizer que deva consentir no apunhalamento da soberania popular. O Exercito é o amparo da Liberdade.»

Não podia delinear-se mais nitidamente o programma do governo.

Animo, pois, pugnemos pelo nosso direito sem encarar sacrificios.

AUDACES FORTUNA JUVAT.

CONVIDA-SE o povo para um *meeting*, hoje ás 6 horas, na praça dos Martyres. Falará o Dr. Alvaro Fernandes garantido pelo povo e pela força federal.

— Do «JORNAL DO CEARÁ.»

APPELLO

Ao Exmo. Snr. Commendador Antonio Pinto Nogueira Accioly

A indignação que continúa a observar no povo deste Estado contra V. Excia. se avoluma de uma maneira extraordinaria. Nunca pertenci a facção partidaria, por que no Brazil até hoje, na excepção da palavra não existe politica. Sou eleitor a 31 annos e neste periodo votei apenas tres vezes em amigos particulares e uma, illudido pelo Dr. José Accioly, no Dr. Pedro Borges, para Senador.

As poucas vezes que tenho apparecido ao lado de combatentes tem sido em favor dos opprimidos, como a libertação dos escravisados pretos, contra o Presidente Dr. Sancho de Barros Pimentel, que sendo secretario da Sociedade Brazileira, contra a escravidão e vindo nos recommendado, ali ouvi-se aqui aos negreiros, ao Dr. Miguel Calmon, por achar á Sociedade Libertadora Cearense, trazendo uma escrava de nome Pascoa; e contra alguns chefes de Politica, taes como, Nogueira, Torquato Vianna, Manivão, alem do Coronel de gingongos do Rio Grande do Sul, o celebre Henrique d'Avila que veio para aqui fazer uma safra dos cofres publicos, como costumam as meretrizes do Rio de Janeiro ao Pará e a Manáos, na epoca de safra de borracha. Em todas estas luctas sahimos victoriosos, por serem cousas justas.

Sou bem conhecido como commerciante que fui nesta capital durante 30 annos, sem uma nota dissonante, todo este tempo, que me faça corar.

Sou amante das cousas justas, o que attesta o bom numero de diplomas, de medalhas de ouro, prata, nikel e de bronze, offerecidas por diversas Sociedades do Rio Janeiro, S. Paulo, Bahia, Alagoas e Ceará, que adornam meu pequeno gabinete.

Desprende-se V. Excia. de continuar a governar este Estado, para que volte a paz e a tranquillidade ás nossas familias, a já uma semana tão angustiada, e conserve vidas que não podemos adivinhar quaes e de que lado possam succumbir na luta, se assim V. Excia. quizer, pois é só de quem depende a nossa felicidade ou infelicidade. A revolução ou a hecatombe parece me estar eminente.

Não aconselhavel a V. Excia. entregar o governo a seus adversarios, mas ao Commandante da Força Federal que tem responsabilidade perante o Governo, até que o Marechal Hermes com seus ministros delibere como melhor entender.

Uma das grandes aquisições á sua milicia é esta se prestar ha muito tempo, á perseguir os commerciantes de carne verde, que não pertencem ao malfadado e infame monopolio da mesma, ramo de negocio de meia duzia de magarefes gananciosos por dinheiro, para jogo, num genero de primeira necessidade como é este.

A mim, o que mais admira é que, commerciantes que eu reputo honestos e honrados, concordem nas deliberações tão odientas da Camara Municipal a este respeito.

Queira pois V. Excia. attender ao meu Appello para tranquillidade e socego desta população, em quanto, me parece ser tempo de refletir; e não dizer depois, que não encontrou um amigo que o despertasse dessa lethargia cujo resultado quem sabe qual será?!

Fortaleza, 6 de Janeiro de 1912

José Amaral

BOLETIM

Coronel José Faustino da Silva

CONVIDA-SE o povo desta capital a comparecer amanhã, por occasião do desembarque do Ex.mo Snr.

Coronel José Faustino da Silva

muito digno Inspector da Região Militar.

A approximação do vapor PARA', no qual viaja o illustre representante do benemerito Ministro da Guerra, será annunciada por uma grande girandola de foguetes, no Passeio Publico, para onde todos deverão seguir, aguardando ahi as instrucções dos directores dessa manifestação, preito justamente tributado ao dignissimo Chefe da Guarnição e ao Exercito Nacional.

A Directoria da LIGA PRO-RABELLO.

Povo Cearense

Hontem, desembarcou nesta capital o maior inimigo da Egreja—o tenente-coronel Thomaz Cavalcante de Albuquerque, porta-voz do sr. general José Freire Beserril Fontenelle que quer governar á viva força o Ceará, embora *augmente o numero de orphãos e viuvas.*

A acção desse homem incumbido de tão odiosa commissão, limitou-se na Camara dos Deputados, como representante da oligarchia decahida, a sustentar, ininterruptamente, guerra de morte á religião de nossos paes, o Christianismo, já promovendo a suppressão da legação brasileira junto a Santa Sé, já procurando instituir no Brasil o divorcio, attentado revoltante ao pudor e á sociedade.

Não passará de um maldiçoado infamissimo, o catholico que se approximar do tenente-coronel Thomaz Cavalcante de Albuquerque, cearense degenerado e que agora, despeitado com a perda do EMPREGO de deputado federal, quer arvorar-se em algoz do povo cearense.

Abaixo o atheu!

Viva o coronel Franco Rabello!

Viva o dr. Solon Pinheiro!

Viva o Ceará Livre!

Ao POVO

A Liga Feminina Libertadora, procurando prestar uma justa homenagem ao heroico soldado coronel **Marcos Franco Rabello,** resolveu organisar um grande prestito civico, o qual se realisará, domingo 14 de Janeiro.

O ponto de partida escolhido, foi o Passeio Publico, pois este logar representa o Sitio onde no antigo regimen, tombaram mandando o ultimo adeus ao Ceará, os martyres que sonharam a liberdade da patria.

Antes de se por em marcha o importante prestito uma commissão da Liga, em nome do **Ceará Semi-Liberto,** comprimentará o Exmo. Snr, Inspector desta Região Militar.

A sua organisação, ficou assim determinada: a musica da Lyra Operaria; Directoria da Liga Feminista, conduzindo o respectivo estandarte; commissão de senhoritas, conduzindo o retrato do Coronel Franco Rabello, guardado por 50 socias da Liga; commissão de senhoras, conduzindo o pavilhão Franco Rabello, ó qual será ladeado por duas bandeiras nacionaes.

Fechará esta primeira parte do prestito, a Liga Feminista representada por todas as associadas, cujo numero ja se eleva a **947.**

Seguir-se-á o povo representado por todas as corporações cearenses e conduzindo a bandeira brazileira.

O Tiro Cearense, ladeará o prestito da Liga Feminista.

O toilet para as moças é a vontade, pedindo-se porem a todas que conduzam no braço esquerdo, um laço com as cores adoptadas.

A commissão organisadora espera que a familia cearense, demonstrará a sua alta sympathia pela sua causa, pois ella representa a causa da liberdade, mandando ornamentar a fachada de suas casas.

AVISO

As familas residentes nos predios das ruas por onde tem de passar domingo o grande prestito da Liga Feminista, em homenagem ao coronel Franco Rabello, farão ornamentar as fachadas de suas casas, afim de emprestar maior brilhantismo a esta digna e patriotica manifestação.

As familias Fortalezenses, assim procedendo, demonstram a sua solidariedade com a causa dos que trabalham pela libertação do Ceará.

Viva a Liga Feminista.

Viva a familia cearense.

Viva a Soberania do Povo !!!

O prestito d'amanhã

A LIGA FEMININA LIBERTADORA PRÓ RABELLO agradece do intimo d'alma a grande prova de sympathia e solidariedade de que acaba de receber da população desta heroica cidade.

Mais de 100 cartas e cartões de familias distinctissimas já se acham em nosso poder, avisando-nos a completa ornamentação dos predios por cujas ruas desfilará, amanhã, a importantissima homenagem, que, em nome da familia cearense, representada pela Liga Feminista, vai ser prestada ao portador da nossa liberdade.

A Liga Feminista espera tambem contar com o valioso auxilio dos distinctos proprietarios da Maison Art-Nouveau, do Commercio, Carmo, Java, Iracema, Elegante, Avenida, Polytheama, Rotisserie e Restaurant Heraclito, afim de que a Avenida 7 de Setembro apresente um aspecto verdadeiramente encantador.

O mesmo appello fica feito aos proprietarios de hoteis, estabelecimentos commerciaes, por onde terá de passar o prestito, bem como aos cidadãos em geral.

A Liga Feminista Pro-Rabello continúa a acceitar adhesões de innumeras familias desta capital e do interior do Estado.

Ella contando com o cavalheirismo do distincto cearense Sr. Thomé Motta, espera ver logo pela manhã, os bonds circularem na cidade completamente embandeirados. Será mais uma prova de independencia e solidariedade do benemerito capitalista que sabe honrar a sua terra e o seu nome.

O prestito civico obdecerá ao seguinte itinerario:

Partida do Passeio Publico, subindo a rua Barão do Rio Branco até a de D. Pedro, abrirá a rua Senador Pompeu dobrando a Duque de Caxias e descerá a rua General Sampaio até a avenida Franco Rabello, onde se dissolverá.

Ao POVO

A Liga Femenina Pró-Rabello aconselha aos filhos desta heroica terra, a trazerem na lapella do palitot o retrato do heroico salvador do Ceará.

JAN-1912

AO COMMERCIO

O Commercio não deve ceder ao appello de arruaceiros que o aconselham a fechar suas portas por mera exploração politica.

Reina na cidade perfeita calma, e podemos affirmar que o governo do Estado providenciará no sentido de não ser a ordem perturbada.

Tanto o Commercio como o povo em geral devem confiar na acção prudente, mas energica das autoridades

Redacção d'*A Republica*.

Manifestação PRO'-RABELLO

O povo de Fortaleza, representado por todas as corporações, verdadeiramente enthusiasmado com o procedimento dos moradores das ruas por onde tem de desfilar o grande prestito da Liga Feminista, promette tambem, prestar todo o seu concurso a esta deslumbrante festa.

O enthusiasmo que por toda a cidade se vae alastrando pela patriotica manifestação, quer prometter a esta festa, um brilhante successo e que ultrapassará sem duvida ao das festas da Libertação.

BOLETIM

Ao bandido que teve a ousadia de affrontar a "Familia Cearense"

Convidamos ao vil, nojento, podre, immundo, monstrengo, miserável, cobarde e infame bandido que escreveu na «Gazúa», as palavras que se seguem :

Mediante previo pedido, certas casas foram enfeitadas e então era de vêr, em algumas janellas, um cabo de vassoura servindo de mastro a uma bandeira verde ; para este fim não ficou MULAMBO NAS CAMARINHAS, TRAPOS DOS USOS MAIS RESERVADOS COM O TRAÇO FLAGRANTE DO SERVIÇO.

convidamos, repetimos, a esse bandido que é garantido não sabemos por quantas centenas de baionetas do despota moribundo, pequeno ou grande que seja na cathegoria do banditismo, a assumir publicamente a devida responsabilidade pela infamia que escreveu contra a «idolatrada Familia Cearense».

Rogamos encarecidamente ao bandido de declinar seu nome e sustentar a sua infamia perante o publico desta terra : - em gratidão juramos em nome das nossas familias lynchal-o na praça publica.

A nossa indignação é justa e está no brio da sociedade cearense desaffrontar sua familia calumniada ; e si o bandido quizer vêr, sustente seu acto infame.

Povo!!

Franco Rabello, em telegramma, diz:

"A victoria é nossa, sem derramamento de sangue!
Correia Lima leva instrucções!
Bahia liquidada!

POVO PATRIOTICO!

A VICTORIA É CERTA!

Hoje mais do que nunca o enthusiasmo que entre nós existe, só tende a augmentar. O prestito da Liga Feminista, hontem foi uma verdadeira apotheose á nossa liberdade.

HOJE—ás 6 horas da tarde

partiremos da Praça do Ferreira, em marcha aux flambeaux e percorreremos em delirio as ruas da cidade.

Ao brioso commercio, pede-se fechar suas portas ás 5 horas.

Boletim

POVO CEARENSE!

Só por muito mêdo e requintada cobardia, Accioly hoje sustenta tão grande numero de bandidos e de sicarios importados do Cariry.

Emquanto este renegado não restituir ao Commercio os roubos que praticou, em proveito proprio; custas, perdas e damnos causados com a lamentavel immoralissima do imposto inconstitucional de 3 %; emquanto, finalmente, não entregar ao Thezouro Federal os 11 contos e muito que, com sua esperteza de rato, surripiou; será sempre o execrado chefe da tribu *ainú*, de obscura e ignorada procedencia.

O commercio desta capital não deve pagar mais impostos na quarta por que passamos. A exigencia que se lhe faz na Recebedoria, é para cobrir o *deficit* existente, pois diariamente, centos e contos de réis são remetidos clandestinamente, a fim de sustentar-se os assalariados que veem chegando do Cariry, para espingardear o povo e comprimir o commercio.

O concurso expontaneo da mulher cearense, hoje escrava branca, digna, em todos os respeitos, do nosso amor, é o maior incentivo para a reivindicação dos direitos do povo!

Quando do governo dimana a desordem, a reacção do povo é a ordem. Contra uma violencia, outra violencia maior.

Só assim reconquistará o commercio o seu credito abalado e terá garantida a sua fortuna.

Os insultos da Gazeta Tesoura Imunda não devem intimidar a ninguem.

A minha fortuna, em 1890, ao deixar o commercio, elevava-se a 600 contos; della hoje não restam 100, pois roubado miseravelmente tenho sido por essa coria de ratazanas, infelicidade de nossa terra. Assim como a minha fortuna, outras tambem teem sido arrebatadas pelos ladrões da situação, de cujas mesmo não restando ceitil, emquanto que os aventureiros que aqui vieram a sua tenda, são nababos que pisam palacetes de *mil e uma noites*.

Mas ainda é tempo, povo cearense! A salvação surge.

Avante! Muita perseverança, que o Ceará se ha de libertar do vil poleiro que o opprime.

Viva o Marechal Hermes!
Viva o Coronel Franco Rabello!
Viva o General Dantas Barreto!
Viva o Commercio independente!
Viva a Classe caixeiral!
Viva a Mulher cearense!
Viva a Classe industrial!
Viva o Ceará livre!
Vivam as classes laboriosas!

Fortaleza, 18 de Janeiro de 1912.

José do Amaral.

Cearenses!

Acaba de embarcar no Rio de Janeiro com destino ao nosso Ceará o inclito general **OSORIO DE PAIVA**, um dos mais valorosos defensores das nossas liberdades e um dos mais bravos soldados do glorioso Exercito Brasileiro.

A presença em nosso Estado do valente militar tem a mais alta significação no momento actual. Entre o General Osorio e o nosso futuro Presidente, coronel **MARCOS FRANCO RABELLO**, existe a mais estreita solidariedade.

AVANTE CEARENSES! JÁ NÃO HÁ MAIS DÚVIDA DE QUE O CEARÁ SE LIBERTARÁ.

TODOS A POSTOS.

Chega pelo horario de hoje o prestimoso chefe oposicionista do Icó o Padre Dr. FRANCISCO FERREIRA ANTERO. São convidados os seus amigos e admiradores a ir recebel-o na Estação.

19—Janeiro—1912.

Boletim

O Sr. Accioly está lançando mão de todos os recursos, para a sua *sacra* salvação. Hoje, o padre Bruno, n'um sermão que fez na Sé, ao envez de falar sobre materias religiosas, deu um recado de palacio, aconselhando ao povo que tirasse do peito o retrato do benemerito coronel Franco Rabello e collocasse o do padre Cicero, *padre já excommungado* pela Santa Sé.

São os ultimos arrancos de leão do senhor Accioly, que ha de cahir como um sendeiro.

O clero cearense, onde se contam valiosas forças de intelligencia e virtude, não deve immiscuir-se na politicagem accyolina, porque terá enlameado a sua batina.

O povo seja sempre o soberano e repilla esta propaganda eclesiastica, de meia duzia de *padrécas* pagos pelos cofres estaduaes.

Em 20—1—1912.

BOLETIM

Pede-se ao Commercio em grosso e a retalho, aos mascates, quitandeiros, taverneiros, assogueiros, pharmaceuticos, carroceiros, hoteleiros, finalmente todas as classes que precizarem licença da Camara Municipal, para não pagarem cousa alguma emquanto estiver nessa communa a ratazana do sr. Accioly.

ABAIXO OS LADRÕES!

VIVA A LIBERDADE!

LIGA INFANTIL

PRO-RABELLO

A Liga Infantil Pro-Rabello, convida a toda a petizada cearense para uma passeiata civica que realizar-se-á Domingo 21 do corrente as 4 horas da tarde, sahindo do Passeio Publico.

A Gurizada deve tambem mostrar o seu enthuziasmo para a candidatura do Bravo Coronel MARCOS FRANCO RABELLO.

VIVA A LIGA INFANTIL!
VIVA O CEARÁ LIVRE!
VIVA O MARECHAL-HERMES!
VIVA O CORONEL FRANCO RABELLO!
VIVA A GURIZADA CEARENSE!
VIVA O EXERCITO BRAZILEIRO!

CONVITE

A Liga Infantil, ainda com o coração transbordado de dôr e pésar pede a todas as creanças cearenses que tomem luto por oito dias, em signal de sentimento pelas mortes traiçoeiras de nossos associados, hontem na praça cujo nome representa a data da nossa independencia.

Este convite se entende tambem aos filhos dos que acompanham o governo, e temos plena convicção que impossivel existir um pai que por mais ~~dedicado~~ que seja proiba seus filhos, a participar com a dor que nos invade a alma.

A "Liga Infantil".

JAN-1912

A LUTA!

Cearenses! a nossa honra, a nossa liberdade, a nossa vida estão em perigo!

Os nossos algozes, os sequases infamados da tyrannia conhecei-los!

E' necessario expulsal-os ou exterminal-os!

A' luta, todos que têm no peito um coração incendido no amôr da liberdade.

VENCER OU MORRER.

Ao Povo Cearense

A mocidade do Ceará declara aberta e francamente que está prompta, em qualquer emergencia, a sustentar a candidatura do impoluto soldado

Marcos Franco Rabello,

a presidencia do Ceará, no futuro quatrienio, não olhando meios para isto e nem temendo a inimigos seja qual for a sua ordem e posição, maxime o fallecidos P R C..

Mocidade Cearense

BOLETIM

DA

"ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL"

A Directoria da ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL do Ceará cumpre, antes de tudo, o patriotico dever de congratular-se com o heroico povo desta terra que, erguendo ao mais elevado gráo o nome e brio cearense, acaba de deitar por terra o poder despotico e sanguinario que ha tantos annos o opprimia e aviltava. A data de

24 de Janeiro de 1912

ha de tornar-se para sempre memoravel nos annaes das nossas tradições gloriosas, pois relembra um dos mais alevantados feitos de [illegible]smo que a um povo é dado registrar em sua historia.

A directoria da Associação, julga a situação perfeitamente normalisada e assim aconselha á classe commercial que reabra amanhã 25 os seus estabelecimentos.

Associação Commercial do Ceará, 24 de Janeiro de 1912.

BARÃO DE CAMOCIM, presidente.

MAXIMIANO LEITE BARBOSA, secretario.

BOLETIM

Biserril "versus" Rabello

O general dr. Biserril Fontenelle quer ser o proximo eleito á nossa Presidencia, contra a força expressa da nossa Soberania Popular.

Já nos governou como presidente, de 1892 a 1896. Nesse periodo, o velho e hoje castigado Acciolly dos nossos peccados, já no impunha a sua arrapôsada vontade; entretanto o dr. general, destacando-se dos rebeldes, dos assassinos e dos ladrões que o cercavam, houve-se bem com a sua honestidade incontestada, resumindo o seu programma de governo em acumular no Thesouro, as rendas do Estado. Esta somma de milhares de contos acciolyficou-se posteriormente.

Até aqui, o nosso general conseguiu apenas provar a sua honestidade pessôal; mas pelos nossos sertões morejam milhares de mattutos igualmente honestos, mas que não podem, nem devem aspirar um cargo intrinsecamente melindroso, que se impõe a uma certa complexidade attributiva.

Findo o seu mandato, o ex-presidente poz a linda plumagem para o Rio, de onde nunca mais voltou, apesar de ter sido seguidamente até agora representante do Ceará, durante a rebellião e comprida estação ecconomica; e, se directamente não nos hostilisou, ao menos conservou-se impassivo ás nossas anhelações, não produzindo ou iniciado siquer um projecto, uma lei, um discurso, que visasse a nossa felicidade compromettida, constituindo-se destarte um inactivo, um indifferente, um verdadeiro representante de si mesmo! A sua honestidade pessoal, malmente resalta do meio defectuoso que o sustinha, mas com a expressão de uma certa dagma de clausura, cuidada na podridão de um pantano que se chama a administração!

Assim se explica a indifferença, a maleabilidade, com que o honesto [illegible] a senador, a deputado, por força da [illegible] moralidade[illegible] oligarchia, que se finou recentemente; todavia, o Ceará em peso, justificaria a pretenção do illustre dr. General, recebendo-o de coração aberto, si, pelos mesmos principios que o levaram a ser consentaneo com a desgraçada malta acciolyrica, não fossemos levados a levar com a vida e com a morte todos os nossos esforços em pról de um benemerito patricio que a contingencia nos deu e que só Deus nol-o tira.

Sua Exa. servir-nos-hia numa composição meramente politica se o Tenente-Coronel Dr. Marcos Franco Rabello, o nosso unico candidato, não fosse uma cerebração complexa e perfeita e sobre tudo um cearense que se lembrou de nós nas nossas dôres.

Servir-nos-hia se o Exercito e Armada nacional numa reacção mutua de patriotismo não estivessem dispostos a zelar pela Soberania do povo; se o Marechal Hermes da Fonseca, ennojado do crapulismo partidario, abandonasse o Catête; si o General Menna, num surto de indignação, abandonasse a pasta da Guerra; se o General Dantas Barretto, num deliquio de tantas lutas gloriosas, abandonasse o Norte; em summa, se por uma fatalidade do destino, cerrasse hoje a luz dos olhos á vida, o dr. Franco Rabello, que, com a penetrante vista de aguia, esvoaçando no alto do Ceo da patria de Iracema, descobre no tremendo rochedo da insensibilidade humana, o vulto negro de Acciolly como um corvo sevando-se no sangue dos proprios filhos.

Por tudo isso deve o exm. general abandonar esta intrusa pretenção que, a industria politica lhe impõz: porque lhe deve ser preferivel perder a cadeira presidencial, ao direito sagrado de ser filho de uma terra que já aprendeu a envolar, mais em fora, pelos molestes climas de malandros, os assassinos e os ladrões.

BOLETIM

Hoje, que julgamo-nos assistidos das garantias constitucionaes, asseguradas pela palavra honrada e pela espada potente do novo inspector regional coronel Celestino Alves Bastos, iniciamos a ardorosa propaganda da candidatura á presidencia do Estado, do inclito general patricio, José Freire Bezerril Fontenelle.

Concidadãos! Estamos certos do vosso franco apoio á nossa causa, como certos tambem da extrondosa victoria!

O pleito de onze de Abril vae decidir os destinos de nossa patria.

Por ella, todo o nosso acrisolado amor, por ella as nossas melhores energias!

Além dos fortes elementos de combate que estão apparelhados na Capital Federal, além de mil adhesões que chegam-nos de todos os municipios, além do inexpugnavel directorio que tem as responsabilidades do nosso partido, está organizada, dentro de poucas horas a «Liga Pró-Bezerril» comando com mil e tantas assignaturas, todas de pessoas dignas, capazes de auxiliarem-nos como se pugnassem por uminteresse proprio!

O nosso jornal *A Tribuna* sahirá por esta semana; é orgão do Partido Republicano Conservador, do Estado; é pois propagandista da candidatura do general Bezerril.

Não tenhamos receio de manifestar ás claras o nosso pensamento. Acabou-se aquella atmosphera chumbada de ameaças.

O coronel Celestino Bastos, glorioso portador da nossa liberdade, ahi está, grave como a Lei, austero como a Verdade, rondando os adversarios e acautelando-nos de suas emboscadas.

A' propaganda.

VIVA O CEARA' UNIDO E FORTE!
VIVA O MARECHAL HERMES!
VIVA O GENERAL BEZERRIL!
VIVA O CORONEL CELESTINO BASTOS!

Da Liga Pró-Bezerril.

PARA PRESIDENTE DO CEARÁ

T.TE C.EL Marcos Franco Rabello

CEARENSE DOS MAIS DISTINCTOS

CANDIDATO DO POVO

Boletim

POVO CEARENSE

Esta capital continúa entregue á anarchia; o governo, desmoralizado como se acha, intenta o assassinato em massa da população.

Mal amparado pela força policial que já se vae patrióticamente revoltando contra os algozes do povo cearense, o oligarcha acaba de appellar para o punhal e o trabuco dos bandidos de profissão.

Telegrammas já foram transmittidos de palacio, pedindo ao padre Cicero e ao coronel Santanna a remessa urgente de cangaceiros. Esta cidade vae ser portanto, em breve, transformada em covil de bandoleiros da péor especie.

Cearenses. A crise que atravessamos é, como vêdes, por demais angustiosa, mas por isto mesmo devemos collocar-nos acima dos acontecimentos.

Medidas excepcionaes estão sendo tomadas pelos que se acham á frente do movimento libertador do Ceará, unamo-nos contra o inimigo commum, a victoria não póde deixar de ser nossa.

As proprias repartições federaes sentem-se sem garantias. O telegrapho funcciona guardado por força do exercito nacional e a Via ferrea de Baturité, segundo somos informados vae, por sua vez, solicitar a protecção das forças armadas da Nação contra os despostismos da situação que tudo vae anarchizando.

Deveis ter lido um telegramma, distribuido hontem nesta capital pelos lacaios de palacio, em que se dizia TER SIDO DEMITTIDO A BEM DO SERVIÇO PUBLICO O DR. BELISARIO TAVORA POR INTERVIR NA POLITICA DO CEARÁ e haver o Presidente da Republica se collocado ao lado do oligarcha cearense.

Os telegrammas ali citados são anonymos mas sabemos ter sido firmados pelo senador Thomaz Accioly, filho do oligarcha.

Pois bem, apezar do que ali se affirma continúa o dr. Belisario Tavora, a occupar o elevado posto em que o collocou a confiança do supremo magistrado da Republica.

Quanto ao outro telegramma, vê todo o mundo que o Marechal Hermes da Fonseca, benemerito presidente da Republica, não renunciará ao seu passado de soldado honesto e immaculado para se collocar ao lado de LADRÕES E ASSASSINOS.

ELLE!

« Vae-te derradeiro dos homens
e primeiro dos brutos. »

Bahia! no teu seio, por algumas horas, demora-se, hoje, o cearense espurio, o renegado Marat de alma negra de pixe, o barrigudo e desvergonhado Accioly!

O Ceará, que ha 16 annos, padecia esporeado pelos cascalvos nojentos deste canalha, movimentou-se e derribou o *GATUNO PACHA'*, que mais não fez que agatanhar o cobre dos cofres publicos, mudando para seus bolsos os bens que, pelo direito, pertenciam ao nobre e valente Povo da Terra de Paula Ney!

Todo Cearense, afora os *ratos* da familia, trabalhou por libertar a Terra dos «verdes mares» do captiveiro aviltante do impotente oligarcha!

O Povo quiz, e venceu!

E nós, Cearenses atiramos sobre o misero expatriado os raios da nossa maldicção, e pedimos ao Povo Bahiano, á Bahia libertada e grande, que não receba o maldicto, que evite a lepra, que fuja do amaldiçoado!

~~Vae Accioly!~~ A consciencia — é teu juiz! O remorso — é teu carrasco!

Viva o Ceará!
Viva a Liberdade!

« Centro Cearense pro-Franco-Rabello »

30—1—1912

AO POVO CEARENSE

A Oligarchia Accioly, ladra e infeliz, tenta apoderar-se ainda dos cofres publicos para continuar a sua vida de roubos, escravisando de novo o Ceará.

Não há de consegui-lo porque o povo já sabe defender os seus direitos com as armas na mão e só hontem na Fortaleza se alistaram mais de 500 homens que estão dispostos a não ter mais pena dos ladrões.

Os patriotas que quiserem alistar os seus nomes encontrarão pessôas encarregadas disto em diversos pontos da cidade, inclusive no Café do Commercio á Praça do Ferreira.

Diversos municipios já se offereceram para organizar batalhões patrioticos e hoje mesmo acaba de chegar noticia de que embarcará no primeiro vapor em Natal Francisco Clementino, que se offereceu para vir ajudar a salvar o Ceará das garras dos assassinos do seu pai.

O povo deve pedir ao honrado Presidente do Estado para mandar abrir um inquerito no Thesouro estadoal afim de verificar as ladroeiras da amaldiçoda **FAMILIA ACCIOLY**, mettendo os ladrões na cadeia e confiscando-lhes os bens que foram roubados do Estado.

Deve ser ali... [illegible] dos cofres [illegible]

No duro e no 44.

Viva o Marechal Hermes !

Viva o Exercito Brasileiro !

Viva o João Felippe !

24 de Fevereiro!

24 de Fevereiro representa o 30.° dia da victoria que ao mundo annunciou, o heroismo sem exemplo nos annaes da historia patria, do povo cearense, batendo-se e vencendo a barreira de bayonetas que defendia o massacrador de creanças.

Esta data não poderá passar desapperebida e por este motivo haverá na avenida 7 de Setembro, a noite, uma grande festa veneziana dedicada pela mocidade a Liga Feminista.

A avenida será bellamente ornamentada e illuminada.

A commissão promotora conta com o valioso auxilio dos proprietarios dos Cafés do Commercio, Java, Elegante, Iracema, Polytheama, Heraclito, Avenida, Maison e Rotisserie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, R. Batista. *História do Ceará*. Fortaleza: v. IV, 1986.

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. 2ª ed. Fortaleza: UFC. Casa de José de Alencar, 1992. (Coleção Alagadiço Novo, v. 36).

BARBOSA, Ruy. O Cadáver Vaiado. *Jornal do Comércio*, 5.2.1912.

BARROSO, José Parsifal. *Uma História da Política do Ceará* (1887-1954), Fortaleza: BNB, 1984.

BRÍGIDO, J. *Eleição Sanatorial do Ceará em 16 de Outubro de 1904*. Fortaleza: Tip. Universal, 1904.

CARDOSO, M. Graccho. *Coisas do Ceará - Contestação ao Correio da Manhã*. Fortaleza: 1903.

CARVALHO, Jáder de. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Ed. Terra de Sol, 1969.

CHAVES, Lauro. Homenagem à Memória do Barão de Camocim (Geminiano Maia). *Revista do Instituto do Ceará*, t. LXIII, 1951.

CRUZ, Pompílio. *A Legenda de Ouro*. Fortaleza Tip. Minerva, 1912.

DUPY. *A Revolução de Janeiro* (1912) - Subsídio para a História do Ceará. Fortaleza: Tip. Diário do Norte, 12.10.1912.

FERNANDES, Yaco. *Notícia do Povo Cearense*. Fortaleza: UFC, 1977.

FIRMEZA, H. *Crônicas Escolhidas*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1965.

____. A Revolução de 1912 no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Forteleza, v. 81, p. 25-59, 1963.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. B. Fontenelle, 1953.

JESUS, José Barbosa de. *O Ceará - Victima de Explorações e Roubos*. Fortaleza: Tip. Minerva, de A. Bezerra, 1918.

____. *O Caso do Ceará em Face dos Direitos e dos Fatos*. Fortaleza: 1914.

LIMA, Marcelo Camurça. *Marretas, Molambudos e Rabelistas:* a revolta de 1914 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*. 1889-1930. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987.

MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. 3ª ed. Fortaleza: Imp. Universitária, 1962.

NOBRE, Geraldo. *Tibúrcio Rodrigues, a Imprensa e a República*. Fortaleza: Secr. de Cultura e desport, 1986.

PESSOA, Frota. *O Olygarcha do Ceará - A chronica de um despota*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Cia, 1910.

____. *Contra os Furtadores*. Terceira carta ao Ceará. Rio de Janeiro: Junho de 1907.

PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado. 2ª ed.* Rio: Dep. da Imprensa Nacional, 1949.

PINHEIRO, Solon. *Ao Povo Cearense* - O Dr. Solon Pinheiro e sua Orientação Política. Fortaleza: 1912.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza - Belle Époque:* reformas urbanas e controle social. (1860-1930). Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha/Multigraf. E. Ltda., 1993.

PORTO, Eymard. *Babaquara*, Chefetes *e Cabroeira*. Fortaleza no início do século XX.

QUINDERÉ, José. *Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly*. Fortaleza: Tip. Minerva, 1950.

RAMOS, José Waldo Ribeiro. *Centenário do Comendador Nogueira Accioly* (discurso). Fortaleza: Tip. Minerva, 1940.

REVISTA COMERCIAL. Fortaleza/ 15.8.1912.
SÁ, Carlos, Pires, Aurélio, Prates, Camillo e outros. *Francisco Sá. Reminiscencias Biographicas*. S. Paulo: Revista dos Tribunaes, 1938.
SOARES, Martim. *O Babaquara*. Subsídios para a História do Ceará. Rio de Janeiro: 1912.
STUDART, Guilherme. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*. Fortaleza: Typi-Lithographia á vapor, 1910.
STUDART, Barão de. *Datas e Factos para a Historia do Ceará*. Fortaleza: Tip. Commercial, 1924.
THEOPHILO, Rodolpho. *Libertação do Ceará* (Queda da Oligarchia Accioly) Lisboa: Typ. A. Editora Limitada, 1914.
WEYNE, Alfredo Nunes. *Pedaços do Meu Passado* (Coligidas e coordenadas por Maryne Weyne Cunha). Fortaleza: Secret. Cultura e Desporto, 1981.

Referências Hemerográficas

A REPÚBLICA, Fortaleza: 16.3.1896, 2.9.1898, 10.11.1898, 12.11.1898, 14.11.1898, 24.11.1898, 16.12.1911 e 22.1.1912.
CORREIO DA MANHÃ, Rio: 3.1.1912.
DIARIO DE NOTICAS, Rio: 6.2.1912.
JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza: 18.3.1904, 1º.5.1904 e 21.12.1911.
JORNAL DO COMERCIO, Recife: 2.6.1910.
O POVO, Fortaleza: 5.3.1988.
O REBATE, Fortaleza: 30.7.1898 e 4.9.1898.
UNITARIO, Fortaleza: 15.2.1904, 16.5.1907 e 27.6.1907.

Outras Referências

a - CORDEL

A BERNARDA DO CEARÁ - 21 estrofes de 7 versos cada. Marcus Franco Tranquilo (Pseudônimo).

A QUEDA DO BABAQUARA - 16 págs., seguido do poema Governo - A Voz do Povo.
A VICTORIA DE BRANCO RABELLHO - 1ª parte, 15 págs.
BABAQUARA - Ultimas Disposições - Ab intestato, de 38 quadras.
LEVANTA-TE, O MULTIDÃO - 15 estrofes de 8 versos cada.
NOVAS TOADAS - 32 estrofes, de oito versos cada.
TESTAMENTO DO BABAQUARA - 38 quadras.

b - BOLETINS

Os boletins, aqui transcritos ou fac-similados, fazem parte do acervo do Núcleo de Microfilmagem, da Secretaria de Cultura do Estado, que funciona na Biblioteca Governador Menezes Pimentel, Av. Presidente Castelo Branco, 255, Fortaleza - CE. Pertencem os originais ao *Instituto do Ceará* (Histórico, Geográfico e Antropológico), Rua Barão do Rio Branco, 1594, Fortaleza - CE.

c - PARÓDIAS

Margarida Vai á Fonte
Vassourinha
Zé Pereira

d - TELEGRAMAS

Do Inspetor José Faustino ao Marechal Hermes e Ministro da Guerra - 23.1.1912 (tarde).
Do Marechal Hermes ao Inspetor José Faustino. 24.1.1912. 3h30min.

e - ORDEM-DO-DIA

Do Inspetor José Faustino, em 12.1.1912.

f - DISCO ODEON RECORD nº 108.761, gravado e editado em 1911:

O Pai de Toda Gente

g – Xilogravuras, de Thomaz B. Cordeiro.

A Imprensa, Canindé (3.9.1913 a 21.9.1913).

Obras do Autor

ENSAIO

Mestre José Sombra - Vida e Obra. Limoeiro do Norte: 1994, 60p.

Padre Verdeixa - O Canoa Doida. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 1995, 156p.

O Porteiro do Palácio (ou *As Estripulias Literárias do Manezinho do Bispo*). Fortaleza: Edições Cultural de Fortaleza - Série Pesquisa - nº 5, 1996, 92p.

Rodolpho Theophilo - O Varão Benemérito da Pátria. Maracanaú: Secretaria de Cultura e Desporto, 1997, 318p.

CRÔNICA

Retrato 3x4 - Crônica de uma Região. Iguatu: 1965, 150p.

CONTO

Jitirana in *10 Contistas Cearenses* - Antologia. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto 1981, p. 65-9.

Declaração de Amor. – Prêmio Domingos Olímpio, de Literatura. – 1998 – Prefeitura de Sobral.

FOLCLORE

Viva o sapé. Fortaleza: Gráfica ETFCE, 1988, 80p.

Os Poetas Lá de Nós - Viva o Sapé nº 2. Cuiabá MT, 1997, 125p.

A PUBLICAR

Moreira Campos - Arquiteto do Conto e Professor de Amizade.

O Poeta Rogaciano Leite em Corpo e Alma.

Cora Coralina - A Rapsoda Doceira.

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge –UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins –UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.

38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC - 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluízio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996
77. A GRAMÁTICA DO PALADAR - *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC. 1996.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.

79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A Cia DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÔRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.

121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
144. O DISCURSO CONSTITUINTE / Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA - Contos - Eduardo Campos - UFC - 1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC - Antonio Martins Filho - UFC - 1998.
156. GRACILIANO RAMOS - *Reflexos de Sua Personalidade na Obra* - Helmut Feldmann - UFC - 1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ - *Uma Avaliação* - André Haguette e Eloísa M. Vidal *(Organizadores)* - UFC - 1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.

159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA FMUFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161 O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jáder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Impresso na Imprensa Universitária
da Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2932, Caixa Postal 2600
Fortaleza - Ceará - Brasil

Estou com os originais do livro *A Guerra dos Panfletos - Maloqueiros versus Cafinfins* , cuidadosa pesquisa histórica sobre os boletins e volantes publicados aos últimos suspiros da oligarquia de Nogueira Accioly, de Waldy Sombra.

O levantamento da documentação é sério e, em nenhum momento, chato. Ao contrário, lê-se com prazer como um bom romance, uma reportagem bem escrita.

Lustosa da Costa

fes políticos, até porque falecia a segurança individual para os depoentes. (2)

O banditismo político permanecia em plena vigência.

Em 1926, aos 15 de setembro, Várzea Alegre seria palco de cenas idênticas a tantas outras, desenroladas no sul do Ceará. Ali, os familiares do coronel Francisco Moreira de Carvalho, vulgo coronel Pimpim, bem como os Costas, Correias de Morais e outros, fortalecidos pelo apoio do governo estadual, empreendiam violenta oposição aos Correias Lima, cuja figura central, coronel Antônio Correia Lima, por dilatado período, oligarquizou o município.

Para conter a exaltação dos antagonistas, que se armavam contra ele, o coronel Antônio Correia recorreu a seu parente e correligionário, coronel João Augusto Lima, então no comando político de Lavras da Mangabeira, ao lado do irmão, coronel Raimundo Augusto Lima.

O coronel João Augusto expediu para Várzea Alegre um grupo armado e municiado, o qual, associado ao do coronel Antônio Correia, marchou sobre a sede municipal. Depois de algumas horas de cerrado fogo entre eles e os homens aprestados da parte adversa, retiraram-se os sitiantes, conduzindo um morto.

O cerco de Várzea Alegre fora chefiado por José André Rodrigues, vulgo Zecandré, elemento de confiança do coronel João Augusto, e a resistência, comandada por José Alves Costa, um dos líderes da facção sitiada.

No mês de novembro daquele ano, 1926, o partidarismo político provocou, no município de Santana do Cariri, conflitos violentíssimos. Por duas vezes, a vila foi sitiada. No dia 12, pelas onze horas, o coronel Manuel Alexandre de Sá, dirigindo cento e doze homens armados, cercou a sede da comuna. Pretendia destronar o chefe político e prefeito municipal, coronel Felinto da Cruz Neves.

Resistiram ao ataque, defendendo a vila, informou Irineu Pinheiro, cangaceiros contratados pelo coronel Felinto e o destacamento de polícia local, comandado pelo tenente Benedito Ferreira da

(2) Ibidem, p. 310.

minação de vidas humanas. O desgraçado projeto redundaria, deveras, em várias mortes. E a sobredita polícia militar far-se-ia, marcadamente, responsável por um dos capítulos mais sombrios da sua crônica e escreveria uma das páginas mais negras da história do banditismo nos sertões nordestinos.

Os dias eram para o Ceará, mormente para o Cariri, de perseguições políticas, violências, insegurança e intranqüilidade.

Mandões jardinenses situacionistas sentiam-se incomodados pelo crescimento da liderança política de Antônio Marrocos de Carvalho, no então distrito de Macapá, município de Jardim.

Escapo Antônio Marrocos de duas emboscadas, aqueles adversários seus denunciaram-no ao chefe-de-polícia como coiteiro de Lampião, cuja visita recebera em sua residência, aumentando, destarte, as fortes perseguições de que vinha sendo vítima.

Procedente de Jardim, aos 28 de janeiro do precitado ano de 1927, chegava a Brejo Santo uma volante policial, comandada pelo então primeiro-tenente José Gonçalves Bezerra. A presença do contingente, ali, segundo o comandante da dita volante, tinha o objetivo de empreender combate ao bando de Lampião, que acantonava, realmente, naquele trecho. (5)

Escondia, porém, o oficial as razões verdadeiras da ida da volante àquela região, inteiramente desvinculadas de qualquer perseguição ao Rei do Cangaço. Este e seu grupo, presentes na área, nada sofreram da parte do contingente capitaneado pelo tenente José Bezerra. Sequer foram procurados. Bem outros eram os motivos, não há obscurecer.

De fato, em Macapá, o tenente José Bezerra mantivera um entendimento com o líder do distrito, Antônio Marrocos, sugerindo-lhe incorporar-se à tropa, na caça ao grupo de Lampião. Assim, se desmentiriam as acusações, que incidiam sobre ele, de proteger

(5) ANSELMO, Otacílio. A Tragédia de Guaribas. *Itaytera*. Crato. Inst. Cult. do Cariri, *16*: 9-30, 1972.

primeiros minutos da madrugada de 1.º de fevereiro de 1927, comandando cerca de setenta praças. (6)

A caminho, no sítio Salvaterra, ainda no município de Brejo Santo, a horda de malfeitores da polícia, antes do romper do dia, cercou e invadiu a casa de Antônio Grangeiro, em cuja companhia se achavam seu sobrinho apelidado de Louro, o vizinho Raimundo Madeiro de Barros, vulgo Mundeiro, e o agregado Aprígio Temóteo.

Dominados fisicamente, sob a mais estúpida e brutal violência, os quatro homens, atados os pés e as mãos, foram conduzidos pela tropa, estrada em fora, rumo a Guaribas, até a uma distância de cerca de meio quilômetro da residência de Chico Chicote. Ali, permaneceram amarrados e sob custódia.

A volante continuou a marcha em direção à casa-grande de Guaribas, aonde chegaria por volta das sete horas. Antes, entretanto, do cerco a Chico Chicote, o tenente Veríssimo Gondim alvejou, nas costas, a tiro de revólver, a Antônio Marrocos de Carvalho, que viria a falecer três horas depois.

Sitiada a morada de Chico Chicote, começou o tiroteio, de trinta e uma horas de duração, acompanhado ele apenas da esposa, um filho, uma filha e dois moradores. Do local onde se encontravam, impotentes, os aprisionados do Salvaterra ouviram, horas longas, as detonações das armas de fogo na casa-grande de Guaribas.

Após prolongado e pungente sofrimento, sobretudo moral, notadamente em face da pavorosa antevisão do seu lancinante fim, os quatro desditosos prisioneiros tornavam-se vítimas de monstruoso massacre, preconcebido pela perversidade policial. Eram degolados todos, impiedosamente. Seus cadáveres, "num só bloco, foram incinerados numa fogueira previamente ensopada de álcool". (7)

À tarde daquele mesmo dia do cerco, em Guaribas, juntavam-se à do Ceará uma volante de Pernambuco e outra da Paraíba, além de um magote de cabras, chefiados por Sinhô Salviano, perfazendo um troço de mais de duzentos atacantes, com os quais

(6) Ibidem, p. 17.
(7) Ibidem, p. 17-8.

çadamente desempenhado pela polícia, desde a cilada a Antônio Marrocos, no antigo Macapá, atual Jati, previamente forjicada em Jardim, até os atos vandálicos perpetrados em Guaribas.

A Chico Chicote, pela excepcional coragem, comprovada sobretudo no ataque a Guaribas, o historiador do episódio cruento qualificou de *super-homem*. De fato, ele o foi. E o sacrifício da sua vida, no campo da peleja, onde atuou com a intrepidez dos verdadeiros bravos, bem como as circunstâncias, das quais se revestiu sua morte dramática e comovente, transmitiram a impresão de que se lhe apagaram ou, ao menos, amortizaram as culpas.

Por outro lado, a perversidade vesânica dos velhacos tenentes José Gonçalves Bezerra e Veríssimo Alves Gondim estremunharam, mais ainda, a aversão popular à polícia. O tempo, contudo, se encarregaria de revidar, nas pessoas deles, as mortes bárbaras de Antônio Marrocos, Antônio Grangeiro, Chico Chicote e dos demais que se foram na hecatombe do começo de fevereiro de 1927.

Decorrido um decênio, na verdade, aos 10 de maio de 1937, José Bezerra, já com a patente de capitão, seria trucidado, no Cariri ou, mais precisamente, no município do Crato, por ocasião de luta com elementos da comunidade de José Lourenço, dentre os quais morreram alguns. A golpes de facões, roçadeiras, foices, cacetes, e a tiros de espingardas e pistolas, tombaram o sanguinário oficial, um filho, um genro e mais dois policiais subalternos. Dentre os comandados, outros saíram feridos. E, assim, se finava "um dos maiores bandidos-autoridades de que já se teve notícia no Ceará", no asserto de Nertan Macêdo.

Um lustro antes do capitão José Bezerra, já havia embarcado seu comparsa, tenente Veríssimo Gondim.

Em Lavras da Mangabeira, metera-se o vulpino e desalmado tenente Veríssimo a afrontar e humilhar o coronel Raimundo Augusto Lima, destronizado pela Revolução de 30. Lá chegara, inclusive, com a ordem de, a todo o transe, conduzi-lo, algemado, a Fortaleza. O desforço, porém, não tardaria muito.

aproximadamente, para um ataque pela retaguarda. Desse efetivo faziam parte dois filhos e um genro de Chico Chicote e as praças componentes do destacamento policial da vila. (12)

Inútil, porém, o contra-ataque dos porteirenses, porquanto, instado por eles para sair da casa e romper o cerco, o bravo Chico Chicote gritou que só abandonaria sua família depois de morto. Inútil, ademais, em face da desvantagem na refrega, pela chegada das volantes pernambucana e paraibana. Só então se aperceberam os contra-atacantes de estarem lutando não com bandidos das caatingas, mas com bandidos das casernas.

Posto que inútil, revestiu, contudo, grandeza e dignidade a atitude dos combatentes de Porteiras.

(12) Ibidem, p. 22

Gonçalves Bezerra para eliminar Chico Chicote, ocasionaram réplica contundentíssima.

Na realidade, como signatário de uma série de artigos publicados no mesmo matutino, Joaquim Amaro não apenas refutava as acusações de Joaquim Chicote, senão também se empenhava, num linguajar essencialmente virulento, em espinafrar os Chicotes e em expor desmandos e crimes bárbaros, por eles praticados, conforme o articulista.

Saiu-se, em seguida, Joaquim Chicote com um contra-repto no *Jornal do Comércio*, e, depois, no *O Ceará*, de 13 de dezembro de 1927, alardeando crimes de Joaquim Amaro, tais como homicídio, espancamento, desrespeito à propriedade alheia, contumácia na desordem e prática de contrabando, consoante a matéria estampada.

Joaquim Amaro confiou, então, a seu advogado, doutor Adauto de Alencar Fernandes, retorquir os ataques de Joaquim Chicote. E eis outra série de artigos, agora em defesa de Joaquim Amaro e sua família, repetindo-se acusações aos Chicotes.

Os artigos assinados por Joaquim Amaro e os do causídico Adauto de Alencar Fernandes seriam enfeixados em livro, sob a epígrafe *História do Banditismo da Família Santos Chicote.*

Libelo extremamente violento, o volume destila peçonha, do começo ao fim. Poder-se-á constatá-lo, pelo exame do trecho inicial da série de escritos de Joaquim Amaro, vazado num estilo ferino, exaltado, hiperbólico: "A família Chicote, conhecida na história da criminalidade cearense, e residente no sul do Estado, descende em linha reta da família Santos, primitivos colonos povoadores de Brejo dos Santos que lhes herdou o nome. Era uma família de bandidos. Desde os primeiros tempos da Colônia, os Santos fizeram-se salteadores e assassinos. Afeitos ao roubo e ao furto, recidivistas no homicídio e no estupro, requintaram na perversidade, de tal modo e com tanta intensidade, que o padre Feijó, no tempo da regência, no primeiro Império, mandou destruí-los.

honesto e pobre, ia no encalço do bando sinistro, que no dia anterior passara nas vizinhanças da vila rumando à serra do Araripe, — quando ao passar em Guaribas — velho antro de bandidos e propriedade de Chico Chicote, — foi agredido por este, que com o seu grupo queria interceptar a marcha da polícia no propósito único de salvar Lampião e seus bandidos. O resultado do arrojo chicotesco, foi o que o público todo conhece." (2)

De perfunctória análise dos fatos, bem assim pelas evidências, verificar-se-á, facilmente, que, se a incumbência do tenente José Bezerra e seus comandados, em Brejo Santo, era perseguir o bando de Lampião, fora desviada do objetivo, inteira e inelutavelmente.

Na realidade, chegara o oficial àquela vila da ribeira do riacho dos Porcos, com propósito bem outro.

Pondere-se, de logo e a bem da verdade, que, na casa-grande de Guaribas, no dia do ataque, de fato, Chico Chicote se achava acompanhado apenas da esposa, dona Geracina Gomes de Lucena, da filha Josefa Inácio de Lucena, Zefinha, do filho Vicente Inácio de Lucena e de dois trabalhadores.

A propósito, eis as asserções de Abelardo F. Montenegro: "Chico Chicote estava cortando manivas, no dia 1-2-1927, em companhia de Mané Caipora, Sebastião Cancão e de seu filho Vicente Inácio de Lucena, quando se aproximava de sua casa no sítio Guaribas, uma volante da polícia cearense, comandada pelo tenente José Gonçalves Bezerra. Joaquim Morais, morador de Chicote, achava-se em casa a uns cem metros da do patrão, quando, sentindo a aproximação da força e julgando tratar-se do grupo de Lampião, disparava o primeiro tiro. A polícia cercava a casa de Joaquim que resistia até morrer. Logo depois, desfechava a polícia o ataque contra Chico Chicote." (3)

(2) Ibidem, p. 8.
(3) MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Fortaleza, Henriqueta Galeno, 1973, p. 301.

É sobremaneira evidente não ter havido, da parte do tenente José Bezerra, a menor intenção de combater o Rei do Cangaço, mas, unicamente, o propósito, firme e definido, de aniquilar vidas humanas. Para o cometimento fora empreitado, como se deixou claro, com seu comparsa, tenente Veríssimo Gondim, por senhores poderosos de Jardim e Brejo Santo. Tanto assim, que conduziram, para guiá-los, o próprio sobrinho de Chico Chicote e seu inimigo, e, antes de cercarem a casa-grande de Guaribas, já tinham liquidado Antônio Marrocos de Carvalho e aprisionado Antônio Gomes Grangeiro e quantos com ele se encontravam, no Salvaterra.

Ademais, Lampião e seus ho[illegible], que nada sofreram, por parte da volante, consoante se acentuou, estavam próximos ao teatro das cenas canibalescas, ouvindo do seu refúgio, na serra do Araripe, o detonar das armas.

Lampião, de resto, sabia que Chico Chicote estava sendo atacado pela polícia. Não se moveu, porém, em seu socorro. Eram desafetos irreconciliáveis. A esse respeito comentaria Abelardo F. Montenegro: "Enquanto lutavam, Lampião, no lugar Malhada Funda, na serra do Araripe, assistia à refrega de camarote e dizia: Se fosse meu amigo, eu ia lá." (6)

Postas as vertentes considerações, suscitadas por distorções da realidade ao ensejo da polêmica entre Joaquim Chicote e Joaquim Amaro, registre-se que, incontestavelmente, os desdobramentos do massacre de Guaribas foram sobremodo perniciosos ao ambiente sócio-político de Brejo Santo. Vieram aumentar, deploravelmente, as rixas e dissensões no seio da comunidade brejo-santense, composta, em geral, na época, praticamente de uma só família, tantos eram, ali, os parentescos de consangüinidade e afinidade.

Fatos da maior gravidade continuavam conturbando os arraiais dos coronéis sul-cearenses, já na gestão do doutor José Carlos de Matos Peixoto.

(6) MONTENEGRO, Abelardo F., op. cit., p. 301.

em 1929, assegurando aproveitar-se o doutor Matos Peixoto "da má fama de alguns políticos conservadores para retirar-lhes as posições nos municípios, entregando-as aos adversários. Isso provava que. para a administração Matos Peixoto o banditismo estava dividido em duas categorias bem distintas: os bandidos conservadores e os democratas." (10)

No governo em referência, suspenso com o advento da Revolução de 30, conforme se registrou, sucederiam, também por conta do banditismo político, particularmente no mais afamado reduto do coronelismo em terras do Ceará, fatos deveras graves. Detenhamo-nos em dois de maior ressonância: o assassinato do coronel Isaías Arruda, senhor absoluto de Missão Velha, e o terceiro ataque ao coronel Felinto da Cruz Neves, chefe supremo de Santana do Cariri.

Recorde-se. A ruidosa e prolongada rixa entre os Paulinos, do município de Aurora, e o régulo de Missão Velha, Isaías Arruda, parentes e aliados, de seqüelas altamente desastrosas, acarretara a morte de João Paulino, numa emboscada, em setembro de 1926.

Somente em 1928, esse conflito cruento, entre Arrudas e Paulinos, chegaria a seu termo, com o desforço da parte destes, alvejando o todo-poderoso Isaías Arruda, de regresso de uma viagem à Capital, no mês de agosto daquele ano. Atiraram nele, dentro do trem de passageiros estacionado em Aurora, os irmãos Francisco e Antônio Paulino. Ainda por quatro dias, resistiu o régulo aos ferimentos, expirando aos 8 do precitado mês.

Reportando-se à consumação da tragédia, por esta forma, exprimiu-se Waldery Uchôa: "Alguns Paulinos, armados até os dentes, rumaram em direção ao carro de passageiros, parado na plataforma da estação. De súbito, aparece o temível Coronel Isaías. Numa fração de segundos uma saraivada de projéteis lhe põe fim à vida, tumultuosa e agitada. Era a vingança tremenda da família Paulino." (11)

---

(10) Ibidem, p. 313.

(11) UCHÔA, Waldery. *Anuário do Ceará.* Fortaleza, s. ed., 1954, v. 1, p. 42-3.

eleição municipal, ao ensejo de luta, deflagrada em Santana do Cariri, era o prestigioso chefe situacionista alvejado, a tiros, vindo a falecer, dentro em poucos dias, em conseqüência do atentado. Outras pessoas restaram feridas.

Com o brusco assassinato do coronel Felinto da Cruz Neves, sucumbia uma das mais altas expressões da sociedade dos senhores supremos da velha guarda, em terras sul-cearenses. Tombava o último régulo, dentre quantos, na região, foram prostrados pela força imperante do bacamarte. Ia-se, em verdade, outro chefe absoluto do sul do Estado, na esteira dos demais, seus contemporâneos, de idêntica e deplorável sorte: Zé Inácio do Barro, Gustavo Augusto Lima, Isaías Arruda...

Irrecusavelmente, mais do que na área do sul do Ceará, em nenhuma outra região pátria, expandira-se o império do bacamarte, alimentado pelos coronéis e respaldando as diversas espécies de banditismo.

A olhos vistos, pelo império do bacamarte, de ordinário, os velhos coronéis do vale sul-cearense cresceram, granjearam prestígio, conquistaram poderio e, nos seus pequenos reinos, governaram como soberanos. Mas também, pelo império do bacamarte, foram destituídos do seu poder passageiro, do seu trono ilusório, da sua glória efêmera e... até da própria vida.

nem eleger seu candidato à prefeitura do município, ficando, pois, atermada sua trajetória política. (1)

O movimento revolucionário deflagrado em 1930 surpreendia, com escassas exceções, não os velhos caciques, os antigos senhores do mandonismo regional, mas os sucessores deles, e, ao ser desencadeado, de algum modo, já declinava do seu pico o fenômeno do coronelismo.

Alguns fatores contribuíam para o já referido arrefecimento do coronelismo, apesar de gradativo e muito lento, no sul cearense, entre eles, o trabalho difícil, emperrado e muita vez infrutífero, de repressão ao banditismo, no qual se estribavam os coronéis.

Como se viu, destroçou-se, de início, a matula do Barro, do tuxaua Zé Inácio, famanado antro nordestino de cangaceiros. Posteriormente, desaparecia o régulo Isaías Arruda, um dos maiores patrocinadores de bandoleiros.

No primeiro semestre de 1928, administrando, interinamente, o Ceará, o doutor Eduardo Henrique Girão debelava núcleos principais do bandoleirismo, a começar do covil da Serra do Mato, do coronel Antônio Santana. Pela ação da polícia eram postos em debandada, também, os focos de Araripe, Missão Velha e Ingazeira. (2)

Na época, contudo, os municípios continuavam verdadeiras donatarias de chefes poderosos. Havia deles que mandavam com autoritarismo igual ao dos antecessores, seguindo todas as regras do ofício. Várias oligarquias retrógradas, instaladas, havia décadas, pelos velhos coronéis, conservavam-se de pé. E também o banditismo político.

Indiscutivelmente, a Revolução de 30 desferiu "o principal golpe contra o poder político" dos coronéis. Convenha-se, porém, em que não foi um golpe definitivo.

---

(1) BRITO, José de Figueiredo. Maxixes e Malabares. *Itaytera*. Crato, Inst. Cult. do Cariri, 5: 37-57, 1959.

(2) MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Fortaleza, Henriqueta Galeno, 1973, p. 311.

Mas, de onde em onde, costuma dar volta a fatal roda. E os fatos são por demais conhecidos.

Sólida coligação de forças oposicionistas, a Aliança Liberal procurava sacudir a Nação. Pretendia mudar-lhe os rumos, pela renovação dos moldes antiquados da política nacional.

Em 1930, proclamado eleito Júlio Prestes à sucessão presidencial, e derrotado seu competidor, Getúlio Vargas, entendiam os aliancistas ter inçado a fraude no pleito, visto como o candidato oficial contara com o apoio de dezessete governantes estaduais.

Positivamente, realizaram-se "as eleições gerais ao jeito da época, vencendo os governos pela força de seu prestígio e o prestígio da sua força". (6)

O acontecimento motivaria uma das mais expressivas revoluções da história pátria.

Irrompido o movimento armado em começos de outubro daquele ano, era deposto, antes do final do mês, o presidente Washington Luís, o que iria dar início à chamada *República Nova,* ascendendo à presidência Getúlio Vargas, na condição de chefe do governo provisório.

As governanças estaduais passariam a ser exercidas por interventores, nomeados pelo novo chefe do poder central.

Ciente da aproximação das forças revolucionárias, o presidente Matos Peixoto abandonava o governo do Ceará. Antes de fugir, todavia, mandava ele libertar presos políticos, entre os quais, o doutor Manuel do Nascimento Fernandes Távora, destacado prócer aliancista e chefe civil da revolução no Estado, que, por capricho do destino, sob vibrante aclamação popular, o substituiria no governo cearense.

Quando da sua marcha para o Ceará, as supracitadas forças revolucionárias conseguiam safar-se das emboscadas, a tempo preparadas pelos coronéis do mato, de acordo com o presidente do Estado.

---

(6) GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará.* 3. ed. Fortaleza, Impr. Universitária, 1971, p. 249.

Sobre o desarmamento dos coronéis e a prisão de elementos situacionistas, inclusive diversos chefes políticos sertanejos, a substituição maciça dos prefeitos por interventores municipais consumava o golpe mais dilacerador no coronelismo.

O povo, todavia, vibrava de entusiasmo ante a vitória do movimento. Era o extravasamento da repulsa geral ao regime, que, embora dito democrático, infelicitava a Nação. Caracterizado pelo caciquismo, pelo banditismo político amparado no poder do bacamarte, pelo aviltamento da justiça, pela desenfreada afilhadagem e favoritismo, pelo caos econômico, pela malversação indecorosa dos dinheiros públicos, pelos processos eleitoreiros fraudulentos e outras mazelas, enfim, esse regime parecia interminável.

Toda essa torrente de males, acresça-se, havia recrudescido desde os tempos recuados de Campos Sales, ainda no século pretérito.

Supunha-se encerrada, definitivamente, aquela triste era. E os corifeus do movimento vitorioso erguiam a voz em afirmações entusiásticas, vezes hiperbólicas. O doutor Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, que, na qualidade de governante de Minas Gerais, preterido na sua aspiração de candidatar-se à presidência da República, desfraldara o estandarte da Aliança Liberal e articulara todo o seu programa de ação, garantia, empolgado e categórico, que "o Brasil reentrou na República".

"Ia-se ver, todavia, que não era tanto assim", diria, eufemisticamente, Raimundo Girão. "A revolução trazia, em si mesma, o micróbio do descontentamento e das desilusões: a heterogeneidade de intuitos das suas mais fortes correntes formadoras. A *ala militar* queria impor a execução do seu programa de reforma básica, econômico-administrativa, que alimentara os anseios das intentonas de 1922 e 1924, ao passo que a *ala política* não se mostrava inclinada a sair das simples renovações de métodos da prática do regime, sem descer a maiores excessos." (7)

Os impasses arrefeceram o entusiasmo dos primeiros momentos. E a euforia era daquelas que não perduram.

(7) Ibidem, p. 251.

estes elementos não passavam, muitas vezes, de simples prepostos dos coronéis", no dizer de Rui Facó.

É inegável que, nas décadas supervenientes ao primeiro quartel do fluente século, se vem assistindo a um declínio lento do coronelismo. De outro ângulo, também se há presenciado um empenho considerável no sentido da sua sobrevivência e afirmação, à viva força, da parte mesmo dos coronéis modernos ou civilizados, como hoje se diz, saídos não poucos dentre eles dos centros de formação superior, quer civil quer militar. Por isso, não se equivocam quantos afirmam não ter sido extinto o fenômeno, mas apenas modificado.

Na área meridional cearense, o processo de declínio ou mudança, neste tocante, manifestou-se dos mais morosos, dos mais ronceiros, até mesmo pela posição geográfica.

Em 1968, opinava Jáder de Carvalho: "O Cariri, à falta de comunicação fácil, módica e certa com Fortaleza e o resto do Estado, conservará, por algum tempo ainda, a sua natureza insular, atenuada nos seus característicos: a guerra entre coronéis, as lutas entre famílias, a plebe rural permanentemente organizada em cangaço. Os contactos mais constantes e mais profundos com Recife pouco modificaram a antiga paisagem econômica e social." (9)

Nos anos trinta, ocorrências verificadas na região demonstravam, sobejamente, que pouco ou nada se modificara o Cariri. Numerosos depoimentos abalizados da época expressam esta meridiana realidade, podendo-se constatá-lo pela leitura de quantos seguem, ora trasladados, a título exclusivo de mera corroboração.

Afirmava, em 1936, o juiz municipal de Aurora, Moacir Sobreira: "Aurora é célebre na história criminal do Estado. Diversas vezes foi incendiada e outras tantas atacada. Ocupou sempre lugar destacado nos tristes fastos do cangaceirismo cearense. Lampião, tempos atrás, abasteceu-se lá, repousou lá, e sob a proteção escandalosa das autoridades, lá encontrou guarida. Aurora foi, em todo o tempo, posse

(9) CARVALHO, Jáder de. Prefácio. In: ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. XVI.

"Debalde telegrafaram aos altos poderes do Estado, reclamando providências contra a situação de insegurança e perseguições atrozes instaladas neste município. A imprensa de então, especialmente o diário *O Povo*, de Fortaleza, por vezes registrou despachos telegráficos e notícias alarmantes sobre os desatinos de que aqui eram vítimas, notadamente os membros da família em apreço. Aproximando-se a época da eleição municipal, os desmandos cresceram de vulto, com o fito de conseguir, mediante o emprego dos mais violentos e indesejáveis processos, o apoio da maioria do colégio eleitoral, com que sabidamente não contavam os senhores de baraço e cutelo da terra.

"Estava aí o prenúncio manifesto de que não recuariam do propósito de ganhar, fosse como fosse, a próxima contenda eleitoral. Nos poucos dias que precederam ao pleito, quando mais ou menos começou a se exteriorizar a ineficácia dos meios coercitivos empregados para atrair o eleitorado, deixava-se ver o desespero experimentado pelo *gros bonet* da situação.

"Nesse tocante, o ambiente era tão carregado que os membros da oposição, para cujo lado tendiam, claramente, todas as probabilidades de vitória, tiveram, de logo, de recorrer ao amparo preventivo do egrégio Tribunal Eleitoral do Estado, que lhes concedeu uma ordem de *habeas corpus*.

"No dia da eleição, quem já vinha recorrendo à força bruta para se impor aos conselhos dos votantes, vendo, meridianamente, a impossibilidade de conseguir, por mais que ameaçasse e perseguisse, a maioria dos sufrágios nas urnas, só teve uma atitude condizente com a sua atuação anterior: deflagrar uma luta para implantar o terror e, conseqüentemente, inutilizar o pleito."(11)

O terror, ao qual se reportara Antônio de Alencar Araripe, grassava por todo o vale, e não apenas originário do banditismo político, mas de toda sorte de banditismo, quase vinte anos depois, conforme evidencia este tópico de Abelardo F. Montenegro: "O

(11) ARARIPE, Antônio de Alencar. *A Rixa de Santanópolis*. Fortaleza, Ed. Fortaleza, 1939, p. 4-5.

choques de liderança e a miséria, tudo condicionando o matador profissional. (14)

Nos três primeiros decênios do século atual, na zona sul do Estado, por conta da luta pelo poder, pelos espaços políticos, sucediam-se as deposições dos chefes locais, por meio da força do bacamarte do cangaceiro. Nos subseqüentes, por motivos idênticos, passou a vigorar o método da eliminação de militantes políticos municipais pela arma moderna do pistoleiro.

Antes, eram os ataques ostensivos, a mão armada, às sedes das comunas. Depois, as emboscadas bem arquitetadas das noites sertanejas.

Nessas silentes espreitas, às últimas décadas, no sertão sulcearense, têm sido exterminados vários políticos, de maior ou menor expressão. Próceres de nomeada se foram. E, entre os de mais larga repercussão, podem referir-se os casos de Brejo Santo, Santana do Cariri, Mauriti, Farias Brito e Barro, nos quais tombaram, vítimas da pistolagem, prefeitos e chefes políticos.

Antes, o cangaceiro, depois, o pistoleiro, a serviço dos coronéis de ontem e de hoje.

(14) MONTENEGRO, Abelardo F., op. cit., p. 321.

BRITO, José de Figueiredo. Maxixes e Malabares. *Itaytera*. Crato, Inst. Cult. do Cariri. *5:* 37-57, 1959.
CALÍOPE, J. O Padre Joaquim Sóther de Alencar. *Itaytera*. Crato, Inst. Cult. do Cariri, *13:* 177-8, 1969.
CARVALHO, C. Livino de. *A Couvada, Egastenia, A Tomada do Crato*. Recife, Gráf. Ed. do Recife, 1959.
CARVALHO, Jáder de. Prefácio. In: ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
CAVALCANTE, J. B. de Holanda. *Um Crime Político*. Fortaleza, Tip. Central, 1934.
O CEARÁ, Fortaleza, 08.02.1927 e 13.12.1927.
CORREIO DO CARIRI, Crato, 29.10.1911.
DIÁRIO DO CEARÁ, Fortaleza, 13 e 14.03.1926.
DINIZ, M. *Mistérios do Juazeiro*. Juazeiro, Tip. do Juazeiro, 1935.
DUARTE JÚNIOR. Apoteose do Banditismo. *Itaytera*. Crato, Inst. Cult. do Cariri, *13:* 89-103, 1969.
FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
FERNANDES, Leopoldo, padre. *Homenagem à Memória do Coronel Basílio Gomes da Silva, o Honrado Chefe de Brejo Santo*. Crato. Tip. Mainha, 1940.
FIGUEIREDO FILHO, J. de. *História do Cariri*. Crato, 1966, v. 3. (Faculdade de Filosofia do Crato. Col. Estudos e Pesquisas).
————.& PINHEIRO, Irineu. *Cidade do Crato*. Rio de Janeiro, MEC/ Depart. de Impr. Nacional, 1955.
FLORO BARTOLOMEU, doutor. *Juazeiro e o Padre Cícero*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1923.
GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. de Mílton Amado, Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Univ. de São Paulo, 1975.
GAZETA DE NOTÍCIAS, Fortaleza, 1.º.04.1928.
GAZETA DO CARIRI, Crato, 06.04.1922, 04.05.1922, 11.05.1922 e 09.11.1922.
GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. 3. ed. Fortaleza, Impr. Universitária, 1971.
————.*História da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza, Impr. Universitária, 1960.
LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.
LIMA, Estácio de. *O Mundo Estranho dos Cangaceiros*. Salvador, Itapoã, 1965.
LIMA, G. Augusto. *Cangaceiros*. Recife, s.ed., 1959.
LUÍS WILSON. *Vila Bela, os Pereiras e Outras Histórias*. Recife, Ed. Universitária, 1974.
O LUTADOR, Barbalha, 23.04.1909.

PONTES, Antônio Barroso. *Mundo dos Coronéis*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1970.

PROCESSO-CRIME de Violação da Igreja Matriz de N. S. da Penha da Cidade do Crato, da Província do Ceará. 5.º Cartório da Comarca do Crato (CE), da bacharela Teresinha Lilian Vilar Mendoça. 1857.

QUEIROZ, Rachel de. Maneco. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 07.08.1946.

O REBATE, Juazeiro, 25.09.1910 e 28.05.1911.

SOBREIRA, Moacir. *Justiça Vilipendiada*. Fortaleza, Assis Bezerra, 1936.

STUDART, Guilherme, barão de. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, 1910, v.1.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Sedição do Juazeiro*. 2. ed. Fortaleza, Terra de Sol, 1969.

UCHÔA, Waldery. *Anuário do Ceará*. Fortaleza, s. ed., 1954, v. 1.

UNITÁRIO, Fortaleza, 17.07.1915.

VILAÇA, Marcos Vinicios & ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Coronel, Coronéis*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.

"Neste seu mais recente trabalho, Império do Bacamarte, Joaryvar Macedo, fundamentado em vasta bibliografia, bem como em pesquisas nas coleções de velhos jornais, estuda o fenômeno do Coronelismo que, vindo dos tempos coloniais, atravessou o Império e atingiu o apogeu com a República."

UFC
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMAS CULTURAIS